

NOVO TIMONEIRO

THIEU PROPÕE UM REFERENDO

O presidente Nguyen Van Thieu propôs hoje a realização

de um referendo, organizado pela ONU, no Vietname do Sul, a fim de se determinar a composição de uma comissão administrativa que se encarregaria de organizar novas eleições presidenciais. Entretanto, o Japão transmitiu aos Estados Unidos, a pedido do Governo de Saigão, as condições em que esse Governo aceita o cessar-fogo. Saigão, segundo o ministro japonês dos Negócios Estrangeiros, quer garantias por parte de Hanói de que o cessar-fogo não implica automaticamente a criação de um Governo tripartido. Por outro lado, o ministro sul-vietnamita dos Negócios Estrangeiros classificou de «pérfido acto» a divulgação por Hanói do acordo em nove pontos, considerando que essa divulgação se destinava a «semear a discórdia» entre Saigão e os EUA. Legalmente os sul-vietnamitas não tomaram ainda conhecimento do texto do acordo, pois é proibido escutar os rádios comunistas. O discurso de Kissinger, confirmando que os EUA estavam dispostos a assiná-lo, caiu em Saigão como uma bomba, pois muitos políticos não queriam acreditar no que ouviam. Thieu afirmou hoje que não haveria cessar-fogo se ele o não assinasse. (A.N.I., F.P., R. e D.L.).



Tomada de posse do novo presidente da Câmara Municipal de Lisboa

O PROGRESSO DA MEDICINA

O PROGRESSO DA MEDICINA, segundo o ponto de vista do dr. A. Ferreira de Almeida, é a primeira de uma série de entrevistas de Urbano Tavares Rodrigues, que hoje insere o suplemento das sextas-feiras, «Mesa Redonda». Outros temas:

AUTOMÓVEIS MENOS POLUIDORES; por Dominique Verguèse

NO COMBATE À POLUIÇÃO, PROGRAMAR É INDISPENSÁVEL — entrevista com o professor brasileiro Adilson Serôa de Motta

O AFGANISTÃO, SUIÇA DA ÁSIA — por Olivier Warin

DA QUÍMICA À REVOLUÇÃO TERAPÉUTICA — por Daniel Bovet, prémio Nobel

QUE SIGNIFICA A PERDA DE UM TEATRO? — inquérito «Ao acaso na rua»

300 PROFESSORES DEBATEM A «ESCOLA ACTIVA»

ASSIM VAI O MUNDO - ASSIM VAMOS NÓS, etc, etc.

HOJE EM "MESA REDONDA"

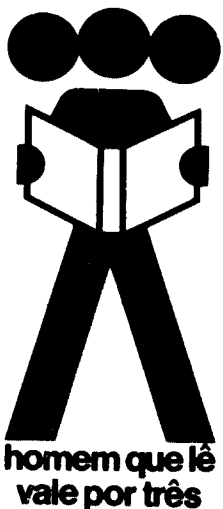
Silva Sebastião empossado

«Assumo a presidência da Câmara Municipal de Lisboa perfeitamente consciente das altíssimas responsabilidades que lhe são inerentes, particularmente numa altura em que o Governo da Nação se encontra tão grandemente empenhado em acelerar, o mais possível, o desenvolvimento do País» — afirmou o coronel Silva Sebastião, ao ser-lhe conferida posse, esta manhã, pelo governador Afonso Marchueta, do novo cargo para que foi nomeado. Ao acto assistiram vários membros do Governo, nomeadamente os ministros do Interior, da Defesa Nacional e do Exército e do Ultramar. O empossado, no seu discurso, declarou, a certo passo: «O destino caprichou, ao longo da minha vida, em me colocar na encruzilhada dos mais diversos e poderosos interesses e perante eles sempre guardei a mais total independência, o que me identifica com a tão velha tradição de autonomia de que esta Casa tanto e tão justificadamente se orgulha». Por sua vez, o dr. Afonso Marchueta afirmou que «os portugueses repudiam todas as formas de anarquismo, tal como repudiam qualquer forma de tirania ou de prepotência», depois de ter manifestado a con-

vicção de que vai ser íntima, estreita e leal a colaboração entre o Governo Civil e a Câmara Municipal de Lisboa.

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

O PRIMEIRO PRÉMIO



Repetimos, hoje, a publicação dos livros que constituem o primeiro prémio da nossa iniciativa. Fazemo-lo a pedido das muitas centenas de leitores que nos têm escrito nesse sentido, alegando que se inscreveram já depois da publicação desta lista e que, por isso, não tiveram ocasião de a estudar.

Como é sabido, foram instituídos mil prémios de livros no valor de mil e oitocen-

tos contos para «Homem que lê vale por três» e muito embora os diversos prémios variem de valor, todos eles são constituídos por livros do maior interesse cultural e recreativo. Foi nossa intenção, repete-se, criar prémios de interesse para todos os leitores do jornal, independentemente do seu grau de cultura.

Os livros que constituem os prémios foram escolhidos pelos orga-

nizadores da iniciativa em colaboração com os editores que nela se integraram. Os que conheçam o cuidado com que o **Diário de Lisboa** organiza as iniciativas destinadas aos seus leitores e que tenha lido a lista dos editores participantes, não poderá ter dúvidas acerca da sua qualidade.

LIVROS DO BRASIL — Obras de Eça de Queiroz, encadernadas, 15 vol.; Em Busca do Tempo Perdido, 7

Continua na pag. 2

A MOSCA REAPARECE AMANHÃ

Volta amanhã ao «Diário de Lisboa» um dos seus suplementos de maior êxito nos últimos anos «A Mosca».

Este suplemento reaparece a cores e vem inteiramente renovado, mas conserva-se fiel ao espírito e às intenções dos que a criaram. Na «Mosca» de amanhã, colaboram, entre outros: Joaquim Letria, Carlos Zeferino, Mário Castrom, José Cutileiro, Luis de Sita Monteiro e a Guidinha. Reakçamos a presença de João Abel Manta, neste número de «A Mosca», com o primeiro de uma série de «posters» sobre a vida portuguesa.

HOJE : 36 PÁGINAS

O PRIMEIRO PRÉMIO

Continuação da pág. 1

vol.; A Família Forsythe e Novos Forsythe, 6 vol.; **LIVRARIA CIVILIZAÇÃO** — História de Portugal, 9 vol.

LIVROS HORIZONTE — Geografia da Península Ibérica, 1 vol.; O Socialismo e o Futuro da Península, 1 vol.; Autómatos, Automatismo e Automatização, 1 vol.; Do Sebastianismo ao Socialismo em Portugal, 1 vol.; Portugal na Balança da Europa, 1 vol.; Da Filosofia, 1 vol.; Cooperação Agrícola, 1 vol.; Alexandre Herculano, 1 vol.; História de Espanha, 1 vol.; Introdução à História Económica, 1 vol.; A Situação Universitária Portuguesa, 1 vol.; Emigração Portuguesa, 1 vol.; A Primeira República Portuguesa, 1 vol.; Emigração Portuguesa, 1 vol.; A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX, 1 vol.; Introdução à Atitude Científica, 1 vol.; Da História Crónica à História Ciência, 1 vol.; Eça de Queiroz e o seu tempo, 1 vol.; Sobre Formas de Tratamento na Língua Portuguesa, 1 vol.; A Educação da Criança (Encadernado), 1 vol.; História da Filosofia Ocidental (Encadernado), 1 vol.; A Arquitectura Gótica em Portugal (Encadernado), 1 vol.; História da Pedagogia (Encadernado), 1 vol.

EDITORIAL INOVA — Memórias de Alegria (Edição de Luxo), 1 vol.; Aparição (edição de luxo), e vol.; Daqui Houve Nome Portugal (Edição Normal), 1 vol.

LIVRARIA BERTRAND — Jesus no seu Tempo, 1 vol.; Cem Mil Anos de Vida Quotidiana, 1 vol.; História da Europa e do Gênio Europeu, 1 vol.; A Arte em Portugal no século XIX; e a Alma 1 vol.; História da Arte, 1 vol.; Ópera Omnia-Bocage, 1 vol.; Ópera Omnia-Bocage II, 1 vol.; Ópera Omnia-Bocage III, 1 vol.; Ópera Omnia-Bocage IV, 1 vol.; Os Desertores, 1 vol.; A Cidade das Flores, 1 vol.; As Boas intenções, 1 vol.; O Ângulo Raso, 1 vol.; Terra Sem Música, 1 vol.; Lourenço é nome de Jogral, 1 vol.; Iva e o Mar, 1 vol.; Chegar Já em si Bastante, 1 vol.; O Herói, 1 vol.; Quando Nasci na Minha Morte, 1 vol.; Crônicas da Serra, 1 vol.; Sermão do Fogo, 1 vol.; Giestas da Memória, 1 vol.; O Insecto Perfeito, 1 vol.; Mau Tempo no Canal, 1 vol.; Lusitânia Expresso, 1 vol.; A Noite Roxa, 1 vol.; As Máscaras Finais, 1 vol.; Bastardos do Sol, 1 vol.; A Porta dos Limites, 1 vol.; A Cidade sem Espaço, 1 vol.; Amores Infelizes, 1 vol.; Monólogo em Éfeso, 1 vol.; A Sombra das Árvores Mortas, 1 vol.; Serão Inquieto, 1 vol.; De Meça a Freixo de Espada à Cinta, 1 vol.; Volfrâmio, 1 vol.; Arcas Encoimadas, 1 vol.; A Casa do Escorpião, 1 vol.; Estrada de Santiago, 1 vol.; Cinco reis de Gente, 1 vol.; Humildade Gloriosa, 1 vol.; Caminhos Errados, 1 vol.; O Homem que matou o Diabo, 1 vol.; As Três Mulheres de Sansão, 1 vol.

PUBLICAÇÕES EUROPA AMÉRICA — A Centelha da Vida, 1 vol.; A Caserna, 1

vol.; A Guerra, 1 vol.; A Derrota, 1 vol.; Nem só de Pão Vive o Homem, 1 vol.; Fonte Mara, 1 vol.; A Pousada da Sexta Felicidade, 1 vol.; O Último Justo, 1 vol.; Desenhadas, 1 vol.; Exodus, 1 vol.; Deus Dorme em Man-

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos pelo correio o cartão de Identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão um selo de correio de 1\$00.

súria, 1 vol.; A Sentença, 1 vol.; A Guerra das Bananas, 1 vol.; Fábrica de Oficiais, 1 vol.; O Regimento da Morte, 1 vol.; Mães e Filhas, 1 vol.; O Céu não tem Favoritos, 1 vol.; A Felicidade não se compra, 1 vol.; A Ponte, 1 vol.; Mila 18, 1 vol.; Não Matem a Cotovia, 1 vol.; A Rua, 1 vol.; Uma Noite em Lisboa, 1 vol.; Os Carros do Inferno, 1 vol.; Rebelião dos Perdidos, 1 vol.; Armagedão, 1 vol.; O Ferrolho, 1 vol.; A Noite dos Generais, 1 vol.; O Processo de Adão Pollo, 1 vol.; Sorge, o Espírito do Século, 1 vol.; O Navio, 1 vol.; Miró, 1 vol.

PRELO EDITORA — Do Monte Sinai à ilha de Vénus, 1 vol.; Borobudur, 1 vol.; Diário de Viagens, 1 vol.; Viagem na Grécia, 1 vol.; O Homem na Cidade, 1 vol.; O Menino Entre Gigantes, 1 vol.; Senalonga, 1 vol.; O Passo da Serpente, 1 vol.; Histórias do Zaire, 1 vol.; O Espelho e a Pedra, 1 vol.; A Execução, 1 vol.; Montedor, 1 vol.; Os Mastins, 1 vol.; Um Anjo no Trapézio, 1 vol.; Histórias Breves de Esc. Rib, 1 vol.; Antes do Dilúvio, 1 vol.; Libelo Acusatório, 1 vol.; O Disfarce, 1 vol.; Os Idólatras, 1 vol.; Teatro Moderno, 1 vol.; Pantagruel, 1 vol.; Entre os Macuas de Angoche, 1 vol.; A Linguagem Cinematográfica, 1 vol.

EDITORIAL PRESENÇA — Os Amores de Luciano Leuzen, 2 vol.; O Inspector, 1 vol.; As Viagens de Gulliver, 1 vol.; Diário da Peste de Londres, 1 vol.; A Política, 1 vol.; A Arte de Amar, 1 vol.; Pais e Filhos, 1 vol.; Cyrano de Bergerac, 1 vol.; Satiricon, 1 vol.; Anticristo, 1 vol.; Diário de um Sedutor, 1 vol.; O Político 1 vol.; O Crepúsculo dos Deuses, 1 vol.; Hamlet, 1 vol.; Macbeth, 1 vol.; Sonho de Uma Noite de Verão, 1 vol.; Júlio César, 1 vol.; Otelo, 1 vol.; O Rei Lear, 1 vol.; Ricardo III, 1 vol.; António e Kleopatra, 1 vol.; O Mercador de Veneza, 1 vol.; História da Filosofia I, 1 vol.; História da Filosofia II, 1 vol.; História da Filosofia III, 1 vol.; História da Filosofia IV, 1 vol.; História da Filosofia V, 1 vol.; História da Filosofia VI, 1 vol.; História da Filosofia VII, 1 vol.; História da Filosofia VIII, 1 vol.; História da Filosofia IX, 1 vol.;

História da Filosofia X, 1 vol.; História da Filosofia XI, 1 vol.; História da Filosofia XII, 1 vol.; História da Filosofia XIII, 1 vol.; História da Filosofia XIV, 1 vol.; Kean, 1 vol.; Morte sem Sepultura, 1 vol.; Todos eram meus Filhos, 1 vol.; A Gaivota e o Cerejal, 1 vol.; Tempestade, Casa Queimada, A Menina Júlia, 1 vol.; Ana Kleiber, Morte no Bairro, 1 vol.; Os Degraus 1 vol.; Os Combatentes, 1 vol.; Joana D'Arc, 1 vol.; A Ponte sobre a Vida, 1 vol.; Bruscamente no Verão Passado, 1 vol.; As Três Irmãs, 1 vol.; Antígona, 1 vol.; Hedda Gabler, 1 vol.; A Dança da Morte, 1 vol.; O Selvagem, 1 vol.; Diário de um Louco, 1 vol.; O Processo, 1 vol.; Moiloy, 1 vol.; Os Dados Estão Lançados, 1 vol.; Is Infortúnios da Virtude, 1 vol.; Narrativa Cubana, 1 vol.; As Moscas, 1 vol.; O Reino deste Mundo, 1 vol.; A Madona, 1 vol.; O Percevejo, - vol.; Faxelange ou os Males da Ambição, 1 vol.; As Bruxas de Salém, 1 vol.; Drácula, - vol.; As Criadas, 1 vol.; O Alicate,

a Willy Brandt, 1 vol.; Índia sem Nehru, 1 vol.; Inglaterra, Trabalhistas, Conservadores e Europeus, 1 vol.; F.B.I. Abuso de Autoridade, 1 vol.; Marrocos - Hassan e as Conspirações, 1 vol.; A Mitologia, 1 vol.; Maomé e Carlos Magno, 1 vol.; Caminhos para a Europa, 1 vol.; A Civilização de 1955, 1 vol.; 20 Poemas de Amor e uma Canção Desesperada, 1 vol.; O Mundo Alucinante, 1 vol.; Destruir diz ela, 1 vol.; Bestiário, 1 vol.; Os Filhos de Viriato, 1 vol.; Uma Abelha na Chuva, 1 vol.; Pequenos Burgueses, 1 vol.; A Casa na Duna, 1 vol.; O Aprendiz de Feiticeiro, 1 vol.; Gaivotas em Terra, 1 vol.; Suão, 1 vol.; Morreu o Senhor Presidente, 1 vol.; Esquecer Palermo, 1 vol.; A Batalha de Toulouse, 1 vol.; Terra de Neve, 1 vol.; Textos Para Nada, 1 vol.; O Papa Verde, 1 vol.; Kyoto, 1 vol.; A Partilha de África, 1 vol.; O Pavilhão dos Cancerosos, 1 vol.; China Ontem e Hoje, 1 vol.; O Complexo Militar-Industrial Americano, 1 vol.

EDITORIAL ESTUDIOS

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Acceptam-se desde já assinaturas pelo período da iniciativa que garantem aos interessados os exemplares pretendidos, ao preço de:

45 dias — 67\$50

ASSINATURAS NORMAIS

3 meses — 130\$00

6 meses — 250\$00

12 meses — 485\$00

Pagamento adiantado, em vale de correio cheque ou selos.

sias inéditas (1930-1935), 1 vol.; Poesias inéditas (1919-1930), 1 vol.; Quadros ao Gosto Popular, 1 vol.; A Confissão de Lúcio, 1 vol.; Poesias, 1 vol.; Cartas a Fernando Pessoa, 2 vol.; Céu em Fogo, 1 vol.; Serra Mãe, 1 vol.; Diário, 1 vol.; Cabo da Boa Esperança, 1 vol.; Campo Aberto, 1 vol.; Itinerário Paralelo, 1 vol.; O Segredo é Amar, 1 vol.; Pelo Sonho é que Vamos, 1 vol.; Boca Biligüe, 1 vol.; Clepsidra e Outros

vol.; Da Pintura Portuguesa, 1 vol.; Do Espírito e dos seus Males, 1 vol.; Noites de Teatro, 2 vol.; Folclore, 1 vol.; História da Literatura Brasileira, 1 vol.; Informar ou Defender, 1 vol.; O Jogo dos Homens, 1 vol.; Nova Feira das Vaidades, 1 vol.; Angústia para o jantar, 1 vol.; Contos de Ferrara, 1 vol.; Cores, 1 vol.; Digressão, 1 vol.; Margem Norte, 1 vol.; Não choreis meus Olhos, 1 vol.; Nos Mares do Fim do Mundo, 1 vol.; Uma Coroa para Udumo, 1 vol.; Redacções da Guidinha, 1 vol.; Um Homem não Chora, 1 vol.; A Velha e o Barco, 1 vol.; Auto da Barca do Motor Fora da Borda, 1 vol.; O Barão, 1 vol.; O Crime da Aldeia Velha, 1 vol.; O Gigante Verde, 1 vol.; A Grande Feira do Mundo, 1 vol.; O Inferno, 1 vol.; O Judeu, 1 vol.; O Luge-Irmã Natividade, 1 vol.; As Mãos de Abraão Zacut, 1 vol.; O Pecado de João Agonia, 1 vol.; A Promessa, 1 vol.; A Qualquer Hora o Diabo Vem, 1 vol.; Sua Excelência, 1 vol.

EDITORIAL LELLO

Lello Universal, 1 vol.; Seguer, 1 vol.; Coleção Lusitania, 1 vol.; Sermões Completos, 1 vol.

LIVRARIA SÁ DA COSTA

— Focus-Enciclopédia Internacional, 4 vol.; In Memoriam-Afonso L. Vieira, 1 vol.; Contabilidade Nacional e Análise Macroeconómica, 1 vol.; A Sociedade Medieval Portuguesa, 1 vol.

PARCERIA ANTÓNIO MARRIA PEREIRA — Obras Completas de Almeida Garrett, 9 vol.; Jesus Passou Por Aqui, 1 vol.; Antropologia, 1 vol.; Antropologia II, 1 vol.; Traços do Extremo Oriente, 1 vol.; Dai Nippon, 1 vol.; Relance da História do Japão, 1 vol.

EDITORIAL MINERVA — E Tudo o Vento Levou, 2 vol.; Como eu Vejo a China, 1 vol.; As Kenedys, 1 vol.; Corpos e Almas, 1 vol.; Fadado para Vencer, 1 vol.; O Escravo, 1 vol.; O Livro de Cesário Verde, 1 vol.

EDITORIAL ESTAMPA — Dicionário Filosófico, 5 vol.; História das Ideologias, 1 vol.; A Economia Mundial da Lei Privada, 1 vol.

MORAIS EDITORES — Dicionário de Oxford, 1 vol.; História dos Foguetões, 1 vol.; História do Armamento, 1 vol.; História da Astronomia, 1 vol.; História da Electricidade, 1 vol.; História da Comunicação, 1 vol.; História da Química, 1 vol.; História da Máquina, 1 vol.; História da Física, 1 vol.; História da Medicina, 1 vol.

LIVRARIA BERTRAND — Antologia da Literatura Flamenca, 1 vol.; Os Amantes do Tejo, 1 vol.

ATENÇÃO: O QUE TEM DE FAZER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

3.ª FASE

NOME: _____

MORADA: _____

LOCALIDADE: _____

TEL: _____

PROFISSÃO: _____

Os leitores já inscritos que tenham mudado de residência, para concorrerem a esta 3.ª fase, têm obrigatoriamente de renovar a sua inscrição preenchendo este cupão e indicando que ele se destina a substituir o anterior. Para o fazerem basta-lhes indicar a sua morada antiga na linha que segue.

Os leitores que ainda não estejam inscritos preenchem somente a parte de cima.

1.º Se já se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer de qualquer das iniciativas que este jornal dedicou aos seus leitores, não precisa de fazer mais nada e não deve preencher este cupão, porque já é «Leitor do Diário de Lisboa» e já está, portanto, habilitado aos prémios instituídos para a nova iniciativa, mesmo que tenha perdido o seu «Bilhete de Identidade», desde que, a verificar-se a hipótese de ser premiado, tenha em seu poder uma colecção dos cabeçalhos dos jornais que saíram durante o período de duração da iniciativa.

2.º Se já se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer duma das ini-

ciativas anteriores, mas mudou de residência desde a sua inscrição, deve preencher novamente este cupão indicando no mesmo, a sua antiga morada, para que possamos substituir a sua antiga ficha por uma nova.

3.º Se nunca se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» e deseja aproveitar esta oportunidade para o fazer, deve preencher este cupão, recortá-lo e enviá-lo, juntamente com um selo de 1\$00, a «Homem que lê vale por três», Serviços Administrativos do Diário de Lisboa, Rua Castilho, 185-1.º, Lisboa. O selo de 1\$00 será usado pela organização da iniciativa para lhe enviar o seu «Bilhete de Identidade de leitor do Diário de Lisboa».

1 vol.

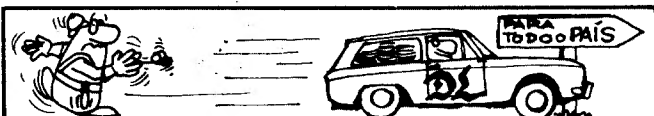
PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE — Lendas da Guatemala, 1 vol.; O Senhor Presidente, 1 vol.; Fim de Semana na Guatemala, 1 vol.; O Espelho de Lida Sal, 1 vol.; Furação, 1 vol.; Que Futuro para o Vietname, 1 vol.; Checoslováquia na Hora da Democracia, 1 vol.; Biafra, 1 vol.; O Desafio Americano, 1 vol.; Médio Oriente - Solução Impossível, 1 vol.; A Rodésia e a Independência, 1 vol.; Japão - Outro Gigante, 1 vol.; O Brasil na Encruzilhada, 1 vol.; Droga - Inferno ou Paraíso, 1 vol.; Lua - Sim ou Não, 1 vol.; De Adenauer

COR — O Livro das Mil e Uma Noites, 6 vol.; O Cântico dos Cânticos, 1 vol.; Saudades de Lisboa, 1 vol.; Nicolau Tolentino, 1 vol.; Arte de Furtar, 1 vol.; Histórias de Natal, 1 vol.; Os Lusíadas, 1 vol.

EDITORIA ARCÁDIA — Obras Completas de Dostoiévsky, 10 vol.; Obras Completas de Tolstói, 6 vol.

EDITORIAL ATICA — Poesias de Álvaro Campos, 1 vol.; Poemas de Alberto Caetano, 1 vol.; Odes de Ricardo Reis, 1 vol.; Poesias de Fernando Pessoa, 1 vol.; Poemas Dramáticos de Fernando Pessoa, 1 vol.; Poe-

Poemas, 1 vol.; Eu Hei-de Voltar um Dia, 1 vol.; Geografia, 1 vol.; Há Uma Rosa na Manhã Agreste, 1 vol.; Nós Não Somos Deste Mundo, 1 vol.; Nós os Portugueses Somos Castos, 1 vol.; Parva Natureza, 1 vol.; Quatro Quartetos, 1 vol.; Ensaios Católicos, 1 vol.; Situação da Pintura Ocidental, 1 vol.; Alguns Aspectos da Música Portuguesa Contemporânea, 1 vol.; O Mito de D. Juan e o Don Juanismo em Portugal, 1 vol.; Vinte Poemas Contemporâneos, 1 vol.; Situação Actual do Pensamento Filosófico Português, 1 vol.; Anticrítico, 1



DL/OPINIAO

EM DEFESA DA FISIONOMIA URBANA

A Avenida da República, em Lisboa, é diferente de uma rua da Amadora porque tem a zona verde e as entradas de metropolitano. A fisionomia característica que há ainda poucos anos a definia como artéria nobre da cidade, foi destruída pelos exploradores de gaiolas urbanas, que outro nome não merecem aquelas construções monótonas que a cidade não aceita, por serem à negação do bom gosto e da moderna arquitectura.

O mesmo começou a ser feito à Avenida da Liberdade, que a Câmara em momento de lucidez, ainda foi a tempo de salvar. Salvar? Se não estamos a deitar foguetes antes da festa, é isso que se espera do grupo de trabalho que estuda a renovação controlada da Avenida, e dos diplomas que entretanto congelaram, pelo período de um ano, o licenciamento de projectos. Adivinham-se as reclamações dos proprietários que já viam chover milhões, pela venda de prédios velhos e quintais. É que, sem eles nada terem feito por isso, o desenvolvimento de Lisboa e o prestígio crescente daquela zona citadina acarretaram, de facto, uma mais-valia que até agora ninguém disputava aos direitos da propriedade privada. Doravante, porém, mercê dos condicionamentos previstos, os proprietários não poderão demolir arbitrariamente edifícios antigos de valor artístico ou histórico para construir, em seu lugar, imóveis de rendimento não inseridos no planeamento artístico; como também não poderão impedir a demolição de alguns prédios velhos e sem qualidade que se mantinham de pé, muitas vezes desabitados, só porque a imobilização do terreno representava em cada ano um lucrativo investimento.

Mas uma nova postura do Município vem agora alargar a toda a cidade as medidas que condicionam a demolição de prédios com mais de 50 anos, restringindo portanto o uso tradicional da propriedade. Assim se pretende preservar as características de Lisboa, que ainda recentemente, conforme se referiu no Colóquio sobre Política de Habitação, foi apontada por um professor italiano, no congresso internacional de Estocolmo, como exemplo de «cidade votada à depredação».

Estamos infinitamente longe da municipalização dos terrenos urbanizáveis, proposta que é apresentada como único meio de evitar a especulação imobiliária (desde que, evidentemente, as câmaras desistam também de especular). Mas a medida orienta-se numa linha de política de solos, que para já deveria avançar um pouco e obrigar a recuperação dos terrenos imobilizados por prédios velhos e pátios e quintais de toda a cidade, que seriam afectos à urbanização. Neste caso e embora se admita em favor dos actuais proprietários o direito de opção, deveria caminhar-se para a compensação da mais-valia urbanística e para a reserva do direito de superfície, em favor da colectividade.

Para além destas ilações mais importantes do que todo o resto, as salutares medidas da Câmara Municipal têm o objectivo imediato de «conservar» a fisionomia da cidade, como acontece em todos os países que prezam a sua identidade. É a defesa do «património cultural», mesmo que este não possa contabilizar-se pelo seu interesse económico ou social. De facto, estes monumentos e palácios desempenham ainda hoje uma função altamente cultural: consentem o apelo da fantasia e da originalidade e humanizam a cidade estandardizada do universo unidimensional. Mas subsiste o problema da sua utilização, isto é, de saber se alguém tem direito ao privilégio de os habitar.



O caso do sucessor de Mao

Uma conversa de Chu En-Lai com vinte directores de jornais norte-americanos e um nome proferido ao acaso entre os de antigos companheiros, agora velhos ou doentes, desencadearam nas embaixadas em Pequim e nos jornais de todo o mundo uma espécie de caça a um desconhecido. O nome desse desconhecido é Yao Wen-Yuan, o homem que o primeiro ministro chinês teria indicado como sucessor de Mao.

Quem é, donde vem, qual foi a sua carreira política? As perguntas eram estas. Quanto a fotos, alguns jornais conseguiram localizar uma, nos seus arquivos. Apenas uma, mostrando um homem de aspecto jovem, «vestido à Mao». As investigações possíveis nas circunstâncias deram resultados modestos. A idade exacta do sucessor é desconhecida.

E os peritos em questões chinesas não conseguiram articular uma rigorosa ficha biográfica do ex-anónimo subitamente projectado para a celebridade mundial.

Para os jornais ingleses tem 40 anos, para os norte-americanos anda perto dos 50. A uma pergunta precisa dos vinte jornalistas («quantos anos tem?»), Chu En-Lai respondeu de modo evasivo: «Tem a idade justa, anda por volta dos 30».

Menos de um mês passado sobre a conversa na Sala do Povo de Pequim em que aquele nome surgiu como «um farol inesperado no nevoeiro», eis o que se sabe sobre Yao Wen-Yuan: dirige o «Diário do Povo» e o aparelho do partido em Xangai; ocupa o 5.º lugar na hierarquia do Politburo; rígido ideólogo, pertence à «linha dura» do partido; os seus escritos teriam contribuído para inspirar a revolução cultural; finalmente, há quem lhe atribua a fase final da luta contra Lin Biao.

Faltam — ou são incertas — outras notícias sobre a sua vida.

Segundo informações não confirmadas, seria parente de Mao, por ter desposado uma filha (ou uma sobrinha) do velho «leader» chinês.

As incertezas e mistérios, porém, não ficam por aqui: a indicação do nome de Yao, que Pequim desmentiu ambigualmente, poderia significar, da parte de Chu En-Lai, duas coisas de sinal diferente. Primeira: Chu teria, com a indiscrição, procurado liquidar as ambições de um rival em potencial; segunda: Chu estaria aliado com Yao e, ao citá-lo, tentava promovê-lo à escala internacional, reforçando-lhe a posição no plano interno.

Ainda segundo os jornalistas norte-americanos, o primeiro ministro chinês teria também dado a entender que Yao só assumiria depois de um período de direcção colegiada: «A China é muito grande e tem problemas demasiados para que um homem só os possa resolver» — teria dito Chu.

MINHA CIDADE

QUADRATIM

ISABEL DA NÔBREGA

Distraidamente, não creio que alguma vez tenha percorrido as ruas desta cidade. Amo-a demasiado para que me sejam indiferentes os seus males, quero-lhe de mais para não sentir este frémito que vem de uma beleza apesar de tudo emergente. Colho à passagem as imagens, retenho os céus movediços como as águas do mar, ou, aquele azul fixo do Verão que me exalta e transporta para além de todos os limites, e vejo as casas, esta corrente que se diria ininterrupta, infinitamente prolongada, de fachadas e janelas, e portas fechadas ou abertas, todos os sinais de uma arquitectura que é linguagem dos homens e a sua múltipla escolha. As casas são a nossa mais humana criação, o mais vivo testemunho do nosso direito sobre o planeta. Ao construir uma casa, os homens acrescentam um mundo a outro mundo.

Esta minha curiosidade dos seres é também, em certas horas mais fatigadas, uma curiosidade das casas. Olho-as e ponho-me a imaginar as vidas que lá dentro se agitam, ou as habitações silenciosas, com aquela imobilidade um pouco assustadora que parece tornar mais vivas as coisas inertes. Mas acontece também ser a fachada do prédio intransponível para mim, ou porque me repele pela fealdade, ou porque milagrosamente organiza um espaço de beleza. Milagrosamente, digo, porque é raro que assim seja. O comum é esta espécie de ira que me acomete contra tanto desperdício de oportunidades que fariam das casas outras tantas telas, ou frescos, ou murais, se o gosto não se tivesse perdido, se uma tradição não tivesse sido abandonada, ou adulterado o que resta dela.

Rejeito estas pinturas baças, ou ridiculamente berrantes, que não vão resistir ao tempo,

ao frio que contrai, ao calor que brutalmente dilata, à chuva que lava e corrói. E recorro, e vou registando, aquelas fachadas de azulejos de prédios já antigos, ao mesmo tempo que novamente repudio essas outras fachadas modernas revestidas de azulejos bons para casa de banho ou pastelaria. Pergunto a mim mesma quem será o autor destas barbaridades estéticas, que circunvalações cerebrais gerarão os absurdos decorativos que assim nos ofendem os olhos.

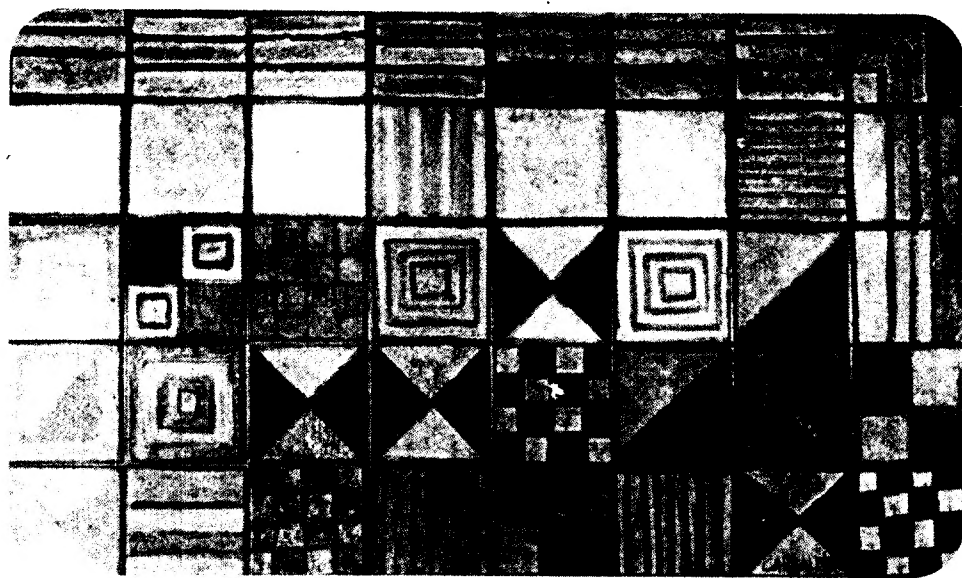
Já muito acerca disto tenho protestado. Em vários tons. Às vezes como quem cumpre um dever — de adoração. Até já brandi o Tejo, para clamar! — «... Mas não é desse Tejo que falo agora. É deste que cinge Lisboa, que a enfeita como fita de cetim em cabeleira, que a ameiga e desaltera, e ela, tão distraída, tão tonta, a voltar-lhe o rosto e as costas.

Não serão os azulejos lisboetas facetadas provas de um imenso amor outrora nascido entre a cidade e o seu rio?

Não seriam essas placas em todos os tons marinhos de azul e verde ou de areais carregados de sol, a maneira que as casas tinham de captar o rio, de o pousar mansamente em si, nos seus flancos, sem perigo de submergirem?

Quero crer que sim. Porque respiro o rio no ar palhetado da manhã e sei que ele me é necessário também à tarde.»

E ponho-me a imaginar, outra vez incorrigível, o que seria Lisboa se o azulejo fosse realmente recuperado para a decoração citadina, faiscando ao sol como diamantes, brilhando, modesto, na luz calma da tarde, resplandecendo sob a chuva como estátuas (como rios) como nem as estátuas nuas resplandecem, sob a chuva, nos jardins.



AS CIDADES

MARIA JUDITE DE CARVALHO

E as cidades — certas cidades — crescem demasiado depressa ou demasiado mal, como algumas crianças, e ei-las doentes. O olho faz-lhes dores de cabeça, os pulmões estão negros de muitos e variados fumos desde o das chaminés das fábricas, ao das chaminés pessoais do cigarro e do automóvel, a inquietação não as deixa sossegar um momento.

Os arquitectos de hoje sonham — e transmitem-nos o sonho — com as cidades do futuro. Abençoados sejam. E falam-nos de coisas maravilhosas como casas de vidro inundadas de sol, e com zonas verdes, muitas zonas verdes. Mas é pura ficção científica à Ray Bradbury, que nas «crónicas Marcianas» escreveu de casas com pilares de cristal que giravam sobre si próprias e acompanhavam o sol tal como as flores o haviam feito durante séculos.

Zonas verdes, mas onde? Os arqui-

tectos de hoje sabem o que é útil e até indispensável. E o que é, não o esqueçamos belo. Mas os construtores? Mas os que por qualquer razão que até pode ser a distração em que vivem pensam em hoje e não em amanhã? Mas os que nunca por nunca ser pensam em depois de amanhã? Mas os que edificam colmeias de minúsculos favos para abelhas desprovidas de asas e que ainda não estão programadas para viver assim? Mas os derrubadores de árvores? Mas os desinteressados das flores? Mas os interessados acima de tudo numa coisa chamada dinheiro imediato? Mas esses?

E então as cidades? E esta inquieta Lisboa por exemplo, tão inquieta que a própria publicidade já lhe arranhou oito colinas em vez de sete? Como será ela daqui por dez, vinte, cinquenta anos? Terá uma árvore? Um peão? Uma casa (enorme) de três divisões assoalhadas?

DL/NACIONAL

Empossado o presidente do Município

«Encarar e resolver problemas urbanos em tempo oportuno, é dizer que o sejam antes de se fazerem sentir com demasiada premência, o que em período de franco desenvolvimento, dada a rapidez com que surgem e se agudizam, pressupõe a existência de meios materiais que só o crescimento económico inerente ao próprio desenvolvimento poderá facultar mais tarde». — afirmou esta manhã o novo presidente do Município, coronel Silva Sebastião, no acto de posse que decorreu no salão nobre da Câmara Municipal.

Ao acto assistiram os ministros do Interior e Ultramar, secretários de Estado da Informação e Turismo, Trabalho e Previdência, Exército e Agricultura, vice-presidentes e vereadores do Município e outras individualidades, nomeadamente o comandante-geral da P. S. P., comandante do B. S. B., presidente da Comissão Executiva da ANP, presidente da EPUL e presidentes dos Municípios do distrito de Lisboa.

TAREFA DIFÍCIL E ESPINHOSA

Após a leitura da fórmula do juramento e da imposição do colar ao novo presidente, o governador civil de Lisboa, que conferiu a posse, afirmou no seu discurso, a dado passo:

— Chefiar o Município de Lisboa é uma tarefa altamente

difícil e espinhosa mas, simultaneamente, aliciante e de maior interesse, que entusiasma e compensa, porque se traduz em modernizar, em embelezar, em traçar o futuro da nossa Lisboa, sem, no entanto, deixar de respeitar o seu passado, e em tornar mais fácil, mais próspera e mais feliz a vida dos munícipios do concelho».

Todos os que assumem altos cargos administrativos contraem grandes e pesadas responsabilidades perante as populações administrativas. Assim, é imprescindível programar e planificar toda a acção administrativa, de modo a evitar soluções de emergência que, longe de resolver os problemas, antes os complicam, tornando-os, por vezes, insolúveis. As legítimas aspirações dos povos que nos são confiados devem estar sempre presentes no nosso espírito. Como, igualmente, sempre devem estar presentes essas admiráveis células do Município que são as Juntas de Freguesia, preciosas auxiliares da administração municipal.

MUNDO DE INTERROGAÇÕES

Após as palavras do governador civil, o coronel Silva Sebastião começou por referir-se à sua escolha, salientando que «para quem jamais o tenha admitido como possível, compreende-se que o inesperado da situação levante todo um mun-

do de interrogações no seu próprio espírito», acrescentando depois:

— É certo que todo um passado, que o futuro não desmentirá, me apresente como um homem despojado de bens materiais, que nunca os tive, e a quem não seduzem honrarias nem outras benesses, a que nunca aspirei, o que me iguala à imensa maioria daquelas que passo a ter a honra de representar como presidente deste Município.

Por outro lado, é verdade que o destino caprichou, ao longo da minha vida, em me colocar na encruzilhada dos mais diversos e poderosos interesses e que, perante eles, sempre guardei a mais total independência, o que me identifica com a tão velha tradição de autonomia, de que este caso tanto e tão justificadamente se orgulha.

E mais adiante: Assumi a presidência da Câmara Municipal de Lisboa perfeitamente consciente das altíssimas responsabilidades que lhe são inerentes, particularmente numa altura em que o Governo da Nação se encontra tão grandemente empenhado em acelerar, o mais possível, o desenvolvimento do País.

No final da cerimónia, o coronel Silva Sebastião após despedir-se das individualidades presentes, recebeu os cumprimentos dos funcionários do Município a que agora preside.

SOLUÇÃO PARA A FALTA DE MOEDAS

Do Ministério das Finanças recebemos, através da Secretaria de Estado da Informação e Turismo a seguinte nota oficial:

Os órgãos de Informação têm-se ocupado com a frequência da falta de moeda divisionária e de trocos no mercado metropolitano, dos inconvenientes e das anomalias que daí derivam e das causas em que o fenómeno provavelmente radicará.

Quer por se tratar de facto com vincada e directa repercussão na vida quotidiana do público, quer por, na letra das notícias e comentários vindos a luma, surgirem, aqui ou ali, afirmações ou ideias menos exactas, julga-se indispensável esclarecer os aspectos essenciais da questão.

O Banco de Portugal que compete lançar em circulação a moeda divisionária e de trocos, tal como sucede com a moeda fiduciária. Sempre que a primeira escasseia, os próprios interessados, ou as instituições de crédito por eles, dirigem-se ao banco emissor, comprando com notas a moeda de que necessitam.

O Banco de Portugal, de seu lado, para satisfazer essa procura, requisita, dentro dos limites de emissão para o efeito estabelecidos em diploma legal e com a antecipação indispensável, ao respectivo fabricante — a Casa da Moeda — a moeda divisionária e de trocos de que prevê carência.

Nestes termos, a escassez da moeda referida só pode derivar, conjunta ou separadamente, de esgotamento dos «plafonds» de emissão fixados, de falta de satisfação oportuna pela Casa da Moeda das requisições do Banco de Portugal, de insuficiência das próprias requisições, decorrente de desvios na evolução normal das necessidades a satisfazer — ou, ainda, de acréscimo inesperado da procura.

Como é natural, o Ministério das Finanças, verificado o progressivo rareamento da moeda de trocos, e atentas as responsabilidades que lhe cabem como suprema autoridade monetária, não podia deixar de

investigar as causas do fenómeno e de tomar, para o combater, as medidas que se impusessem.

No que respeita às causas, os números recolhidos denunciam algum decréscimo da produção da Casa da Moeda nos primeiros meses do ano de 1972, por circunstâncias diversas, que nada têm que ver com a programação da própria produção ou com as condições e mecanismos de abastecimento do mercado.

Houve, assim, um declínio do nível da oferta de moeda metálica, seguramente com alguma influência na situação criada.

Ao lado deste factor, porém, não há dúvida de que se verificou um aumento sensível da procura de moeda divisionária e de trocos. As verdadeiras razões do fenómeno estão, como não podia deixar de ser, a investigar-se. Pode, todavia, adiantar-se que, para além da febre repentina dos coleccionadores e da aplicação da moeda portuguesa em fins anómalos (accionamento de máquinas automáticas estrangeiras, por exemplo), estarão, certamente, na base da escassez de trocos que se defronta, não só as manobras especulativas dos que não hesitam em aproveitar todas as oportunidades e todas as mercadorias para realizar fáceis lucros ilícitos, mas também a acumulação sistemática de trocos por parte dos indivíduos e das empresas, recessos de que a sua falta perdure e se agrave.

Contra as mais importantes das causas apontadas pouco ou nada se pode fazer directamente: a melhor terapêutica será a de garantir o abastecimento normal do mercado, de modo a tornar inviável a especulação dos oportunistas, eliminar as razões determinantes da aludida retenção de trocos pelos agentes económicos e suprimir a raridade que estimula os coleccionadores.

Nomeadamente a partir de Julho de 1972, a produção da Casa da Moeda cresceu substancialmente, passando de 1 792 696 moedas em Junho para 2 292 883 em Julho,

3 558 813 em Agosto e 3 718 538 em Setembro. O aumento de fabrico assim conseguido deveu-se exclusivamente à elevação da produtividade e exprime-se, neste momento, pelos seguintes volumes de produção diários simultâneos:

Moedas de \$10	150.000
Moedas de \$50	50.000
Moedas de \$100	50.000

Em segundo lugar, graças aos esforços intensivos que têm vindo a desenvolver-se com vista ao recrutamento e preparação de mão de obra adicional, espera-se iniciar, a partir de agora, a laboração em dois turnos, o que, conjugado com outras medidas em curso, praticamente duplicará a capacidade produtiva da Casa da Moeda.

Julga-se que não será necessário encerrar a laboração, ainda que transitória, em três turnos. Tudo se apresta, porém, para o efeito, a fim de criar folgada capacidade de resposta ao eventual agravamento das anomalias até agora verificadas.

De tudo o exposto resulta que o problema da escassez da moeda divisionária e de trocos está em vias de resolver-se. Dentro de muito pouco tempo o mercado voltará a dispor, em todas as regiões do País, de moeda metálica suficiente para assegurar a sua função económica. E a capacidade adicional de produção da Casa da Moeda, que se prepara e ficará de reserva, dá ao sistema possibilidades amplas de reacção praticamente instantânea a qualquer empolamento ocasional da procura, funcionando, do mesmo passo, como dissuasor eficaz de todas as manobras especulativas que se desenhem.

De resto, onde soluções de outro tipo se imponham, o Ministério das Finanças não deixará, obviamente, de as adoptar.

Dr. Rui Patrício

Em retribuição da visita oficial que o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Costa Rica, dr. Facio Segreda, fez ao nosso país em Agosto do ano passado e correspondendo aos convites que lhe foram dirigidos pelos seus colegas da Colômbia e da Venezuela, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, desloca-se em visita oficial àqueles países, devendo permanecer em S. José de 29 a 31 do corrente, em Bogotá de 1 a 3 de Novembro, e em Caracas de 4 a 7 do mesmo mês.

O Ministro Rui Patrício será acompanhado pelo Adjunto do Director Geral dos Negócios

Económicos, Ministro Plenipotenciário José Joaquim de Mena e Mendonça, e pelo secretário, dr. João Teixeira da Motta.

PORTUGUÊS MORTO NUM CHOQUE DE TELEFÉRICOS

GRENOBLE, 27 (ANI) — Era português um dos operários mortos ontem, no choque de duas cabinas de teleférico.

A colisão verificou-se na região de «Deux Alpes», setenta quilómetros a leste de Grenoble.

A treze de Julho, morreram treze pessoas, em Betten-Bttmeralp, na Suíça, num acidente semelhante.

Testemunhas oculares afirmam que a primeira cabina, com capacidade para 43 pessoas, devia ir a mais de sessenta quilómetros à hora, na altura do choque com o segundo veículo.

As cabinas estão equipadas com motores «Diesel», de 110 cavalos, e vão atrás de uma outra, por meio de um círculo no cabo. Este sistema é único na Europa.

PINTO CARDOSO EM VIANA DO CASTELO

Vindo do Porto, aonde se deslocou ontem, em visita de trabalho, chegou esta manhã a Viana do Castelo, o secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Pinto Cardoso, que no limite do concelho foi recebido pelo chefe do distrito, presidentes da Câmara Municipal, da Junta Distrital, da Caixa de Previdência, delegado e subdelegado do I. N. T. P. e outras entidades.

O dr. Pinto Cardoso reuniu-se na delegação do I. N. T. P. com os dirigentes distritais dependentes do Ministério das Corporações, com quem tratou de assuntos relacionados com o seu departamento.

Após o almoço, com os participantes na reunião, presidiu a uma sessão de trabalhos com os corpos directivos da Caixa de Previdência, seguindo-se uma audiência de cumprimentos e de trabalho com os organismos corporativos, durante a qual foram entregues alvarás e estatutos aprovados das Casas do Povo de âmbito concelhio da Ponte da Barca e Paredes do Coura,

e ainda o alvará que anexa a freguesia de Covas à Casa do Povo de Vila Nova de Cerveira.

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS	
7.422	15.000.000\$00
38.799	1.500.000\$00
42.562	350.000\$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

7.421	31.500\$00
7.423	31.500\$00

PRÉMIOS DE 50 CONTOS

4.667;	5.312;	7.377;	9.327;
17.268;	18.050;	19.301;	23.555;
31.193;	32.557;	36.555 e	39.189

PRÉMIOS DE 2.000\$00 (CENTENAS)

7.401 a 7.500;	38.701 a 38.800 e
42.501 a 42.600.	

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

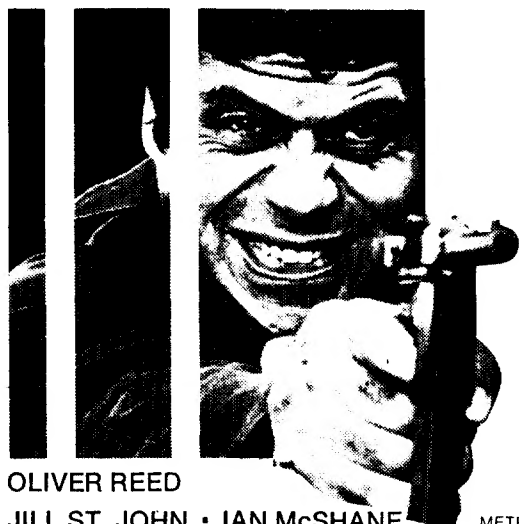
Todos os números cujos três algarismos finais sejam 099 são contemplados com 5.000\$ em cada bilhete e, os terminados em 000, 624, 893, 905 ou 938 são contemplados com 3.000\$00. Os números cujos dois algarismos finais sejam 22 ou 62 são contemplados com 3.000\$00 e os terminados em 99 com 2.000\$00. Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 2 têm direito a 1.000\$00 de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 15 mil contos da sorte grande foram distribuídos aos balcões da CASA DA SORTE em Lisboa Praça da Figueira

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

O MAIS ALTO "SUSPENSE"!



OLIVER REED

JILL ST. JOHN • IAN McSHANE

METROCOLOR

Uma mulher era o seu objectivo... nada o podia evitar!

A MULHER MARCADA

'Sitting Target'

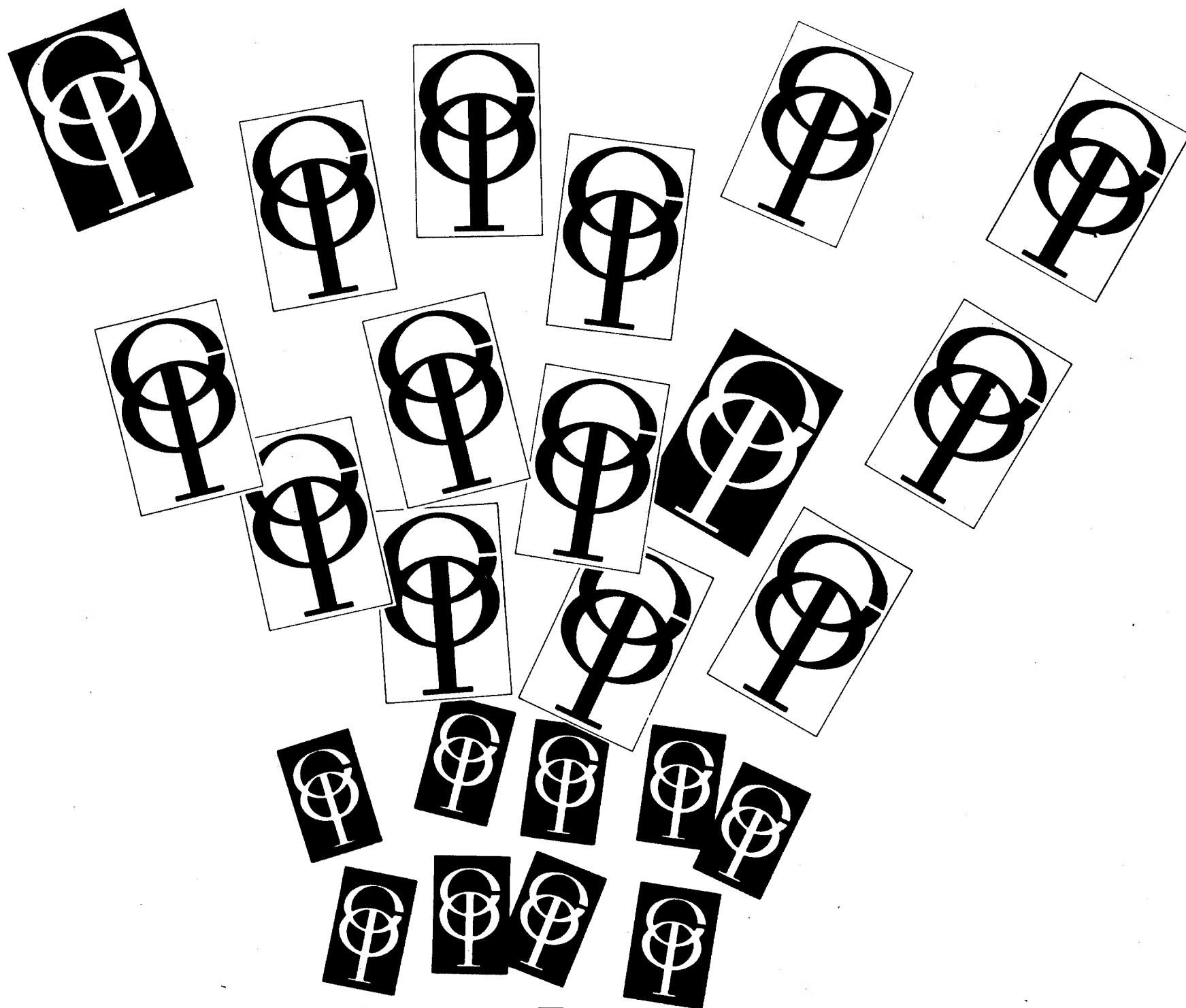
Argumento de ALEXANDER JACOBS
Produção de BARRY KULICK
Realização de DOUGLAS HICKOX

HOJE, ESTREIA

às 21.45



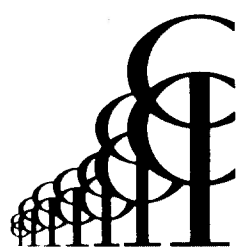
GRUPO D - 18 anos



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

APOIO AO FOMENTO INDUSTRIAL

UM BANCO VIRADO AO FUTURO



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

DL / ESPECTÁCULOS



Campolide Atlético Clube a convite do Grupo de Teatro de Campolide. Haverá nova sessão no domingo às 16 horas.

Jacinto Ramos será Freud na peça «Freud, o Princípio e o Fim» a subir breve à cena no Teatro Laura Alves.

Amanhã às 21.30 será exibido o filme de Pietro Germi «Seduzida e Abandonada» com Stefania Sabdrelli e Saro Urzi. A projecção do filme está integrada no Ciclo de Cinema da Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense. A sessão será comentada pelo jornalista J. A. Salvador.

Pedro Osório foi contratado pelo empresário Sérgio de Azevedo do A.B.C. para assumir a direcção musical daquele teatro.

Isabel de Castro abandonou o elenco da revista «É o Fim da Macacada» que em breve estreará no Teatro A.B.C..

O Grupo dos Modestos do Porto exibir-se-á amanhã com a peça «Histórias para serem Contadas» no

Chefes de orquestra precisam-se

Critica de
MARIO VIEIRA DE CARVALHO

A função dos chefes de orquestra, dentro do nosso meio musical, parece que ainda não foi devidamente equacionada pelas entidades (privadas e oficiais) responsáveis pela política cultural nesse domínio. Quando se atribui a um indivíduo o cargo de director titular duma orquestra está-se a hipotecar todo o futuro desta à sua vontade, à sua competência, à sua inteligência. Quando se dá o caso de alguns destes atributos falharem (no todo ou em parte) fica irremediavelmente afectado o papel cultural que um organismo musical tão importante. Tão complexo e tão dispendioso como uma orquestra deveria assumir, como principal ponto de irradiação da vida musical duma cidade, dum país. Em Lisboa, o problema está longe de ser resolvido: a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional não tem um director titular, o que se reflecte no seu irregular rendimento, sem que, no entanto, deixemos de sentir um certo alívio quando pensamos que o lugar não foi ainda preenchido, pois seria bem pior (para ela e para nós) vê-la e ouvi-la constantemente sob uma batuta medíocre do que assistir de vez em quando a alguns rasgos de bom quilate interpretativo nas mãos de maestros capazes; a Orquestra Filarmónica de Lisboa foi vítima de critérios hereditários e entrou em decadência antes de poder explicitar os valores ou as va-

lências que contém; a Orquestra Gulbenkian tem levado uma vida penosa, saltitando de director para director sem nunca ter conseguido acertar, o que chega a ser dramático, dado que se trata duma orquestra extremamente equilibrada em todas as estantes, e é administrada pela entidade financeiramente mais disponível para a música.

É a respeito desta última que falaremos hoje, a propósito do segundo concerto da temporada. Mais uma vez reflectimos sobre as leis da concorrência numa sociedade de economia privada e lamentamos (paradoxalmente) que elas não tenham plena aplicação no meio musical português. É que isto de existir uma Federação que se arroga fins culturais desinteressados, disposta a gastar verbas vultosas sem ter de se preocupar com as receitas, é uma arma de dois gumes: por um lado, pode ser garantia de independência face a pressões limitativas de tipo comercial (interesses de bilheteira); mas por outro lado também pode servir para proteger situações artísticas duvidosas que não resistiriam ao (então saudável) teste de bilheteira. É possível que o maestro W. A. Albert venha mensalmente honorários quase tão elevados como a receita de bilheteira que no mesmo período a Fundação espera obter. De qualquer modo, é fora de dúvida que a manutenção da orquestra em globo, custa à Gulbenkian incomparavelmente mais do que o montante dessas

receitas. Ora, é evidente que a orquestra, se visse da procura do público (e por isso fosse obrigada a aumentar substancialmente o preço dos bilhetes) teria de velar pela sua existência, não consentindo que a estante de regência fosse ocupada por artistas de qualificação medíocre. A própria orquestra se encarregaria de seleccionar o seu chefe. Entre nós, claro, o esquema duma orquestra com autonomia financeira seria insustentável. Por isso, existe uma Fundação, uma Emissora oficial e um Município que chamaram a si o encargo de criar orquestras, que funcionam na sua dependência. Mas, voltando ao caso concreto da Fundação, por que motivo é que se emprega tanto dinheiro num empreendimento, e depois se entregam os destinos do mesmo a quem não é de todo em todo capaz de dinamizá-lo? No concerto de ontem, que foi dos mais tristes desde há muito realizados no Grande Auditório, o W.A. (não se trata do Wolfgang Amadeus, mas dum tal Werner Andreas) começou por fazer perder um tempo precioso às cordas da orquestra, pondo-as a tocar a **Fantasia sobre um tema de Tallis** de Vaughan Williams, uma obra que só pode ser defendida, hoje em dia, dentro dum qualquer programa de realizações evocativas da produção inglesa contemporânea. No

fim, pegou na quarta sinfonia de Beethoven e, permitam-nos a expressão, «despachou-a em grande velocidade». Como é que se pode tocar do princípio ao fim uma obra deste estofa sem dar a mínima atenção aos andamentos, ao fraseado, à planificação da dinâmica (isto é, das intensidades sonoras e suas variações) nas diversas estantes? W. A. Albert limitou-se a marcar furiosamente o compasso, a encher os ouvidos do auditor incauto com fortíssimos, improvisados de qualquer maneira. Já não falamos na necessidade de afirmar uma concepção. Bastaria, humildemente, cuidar da leitura da obra, em termos de obter uma execução digna e correcta. Por uma questão de respeito elementar não só pelo público mas também, e talvez até mais, pelos instrumentos da orquestra.

Entretanto, para inaugurar da pior maneira possível o tema Schumann, que a Fundação erigiu num dos motivos centrais da temporada, «desentrou-se» o concerto de violino, que pouco adianta (se é que não atrasa) ao conhecimento do compositor. Acresce que o solista, Isidor Lateiner, apesar da sua bonita sonoridade no registo médio e da expressividade que conseguiu imprimir a algumas passagens, prejudicou muito a obra com sistémicas falhas de afirmação.

Ronconi e Zeffirelli encenam em Roma

ROMA — O Teatro Stabile, de Roma, vai reabrir, sob a direcção de Franco Enriquez, com o nome de teatro de Roma. Do programa para esta temporada constam obras de Eurípedes, Esquilo, Pirandello, Goldoni, Wedekind e Melville (talvez uma adaptação de «Moby Dick»). Entre os encenadores contam-se Zeffirelli, Brusati, Ronconi, Olmi e o próprio Enriquez.

NO TEATRO MONUMENTAL

2.ª-FEIRA, 30 DE OUTUBRO, às 22 horas
E NOS DIAS SEGUINTE, ÀS 18 e 30

(BILHETES À VENDA)

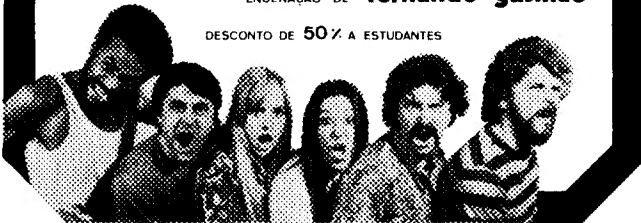


grupo 4 APRESENTA (M/14 ANOS)

insulto ao publico

DE peter handke
ENCENAÇÃO DE fernando gusmão

DESCONTO DE 50% A ESTUDANTES



TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

TEATRO INFANTIL A METRUL APRESENTA TEATRO DO ARCO DA VELHA ERA UMA VEZ UMA CAROCHINHA

VERSÃO EM DOIS ACTOS
DE PINA RODRIGUES

MAIORES DE 4 ANOS

AMANHÃ, ÀS 15.30 H.

BILHETES DESDE 10\$00
CRIANÇAS ATÉ 10 ANOS 50% DE DESCONTO

VÁ AO TEATRO!!!

QUATRO ESPECTÁCULOS
RECOMENDADOS
POR VASCO MORGADO

TEATRO Telef. 555133

MONUMENTAL

2 SESSÕES
20.45 e 23 h.
Domingo, à tarde às 16 h.
RAUL SOLNADO
na famosa revista



com
FLORBELA
os artistas convidados
IRENE • JOSÉ de ISIDRO CASTRO
LINDA SILVA
a fadista
ANA ROSMANINHO
e o extraordinário
BALLET
PICCADILLY STARS BALLET

ÚLTIMOS DIAS

GRUPO D — M/ 18 anos

TEATRO Telef. 326037

VARIEDADES

2.ª, 3.ª e 5.ª-Feiras
às 21.45 h.

6.ª, Sáb. e Domingos
2 sessões 20.45 e 23 h.

Domingo, à tarde às 16 h.

SIMONE e RUI
na divertida comédia



com
IO APOLONI
CANTO e CASTRO
ARMANDO CORTEZ
F. BORSATTI
MANUELA MARIA

6.ª SEMANA

GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 538586

VILLARET

2 SESSÕES
20.45 e 23 h

Domingo, à tarde 16 h.

JOSÉ VIANA
numa espantosa comédia



com
DORA LEAL
HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUÍS SANTOS
e a participação de
MARIA PAULA

9.ª SEMANA

GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 361740

MARIA VITÓRIA

2 SESSÕES
às 20.45 e 23 horas
Domingo, matiné às 16 h.
SALVADOR IVONE SILVA
NICOLAU BREYNER
na super-revista popular

CÁ VAMOS PAGANDO E RINDO...

com
ANABELA
Victor Mendes
Carlos Queiroz
BARROSO LOPES
a atracção sul-americana
VERA SANDERS
a grande revelação
CIDÁLIA MOREIRA
e um fabuloso
BALLET
INTERNACIONAL
Produção de
Giuseppe Bastos
e Vasco Morgado
Grupo D/18 anos

TV

DL/ESPECTÁCULOS

A VERDADEIRA ALMA DO OUTRO MUNDO É A PRÓPRIA «NOITE DE TEATRO»

Mas então que é isto? Que vento de insanidade varreu a televisão portuguesa? Que coisas misteriosas estão acontecendo por lá e ultrapassam toda a nossa capacidade de entender? Que furioso ataque de obscurantismo atacou, mais do que nunca a televisão portuguesa através da sua «Noite de teatro»? A tal ponto que a muito custo se obtém a calma necessária para pegar no assunto?

Como se sabe, a «Noite de teatro» é das rubricas de maior audiência, por razões várias e já suficientemente conhecidas. Importaria defendê-la no conceito público. Nela a qualidade é essencial se pretendemos cultivar o amor pelo teatro como instrumento do conhecimento do homem.

Tudo isso ficou esquecido ontem. «A fronteira da noite» existe ao nível da idiotia mais rebarbativa, não desculpável, em nome de nenhuma pretensa recriação poética. O fantasma, invenção rica de sugestões quando utilizado como... invenção, surge-nos aqui como uma realidade indelével. A personagem de Rui Pedro não pode chegar ao alibi do sonho, da imaginação desvairada, nem sequer da inteligência drogada. Tudo o que prova a existência real do fantasma está diante dos nossos olhos: a casa abandonada, a cigarreira esquecida e reencontrada, o retrato da rapariga morta. Como se tal não bastasse, as palavras mais sensatas da conversa mais tranquila, justificam e dão o selo em branco:

Varela Silva — E a história mais espantosa que já ouvi.

Rui Pedro — E no entanto, é verdadeira.

E já no final o mesmo Rui Pedro: «Se os homens me abandonaram e me condenaram, depois de tudo terem feito para me perder, é justo que eu acredite em qualquer coisa que não vejo mas sei que existe».

A teoria peregrina continua: «Ou não acreditas, depois de tudo o que te contei, que existe alguma coisa mais que este mundo em que vivemos?»

Estamos em presença de uma peça que acumula uma data de elementos negativos, para além dos já expostos. Literariamente, é um monstro que bebe dos piores ingredientes da fotonovela. As personagens não defendem um mínimo de verdade, de autenticidade. O diálogo entre Rui Pedro e Inês Palma é qualquer coisa de pungente, de mentiroso, de

falso. Ao aceitar uma tal colaboração, a televisão fez cair, de muito alto, a maldição sobre «Noite de teatro».

A OLARIA — OU A CULTURA... DE BARBAS

Russell Cortez é um novo apresentador que aparece a atirar o barro à parede. Ei-lo. Fala não se sabe de quê, não se sabe para onde, não se sabe para quem. Se não sabemos tanta coisa, sabemos, e já não é pouco, que vem aticar o momentoso problema das olarias. Com que fim? Mostra-nos como o passado está vivo no presente, como o presente já estava vivo no passado. Afinal, o passado não fora mais do que o prelúdio do presente. Tem razão. Muita gente pensaria que o presente é um pobre filho das ervas, enfeitadinho na roda do Destino. Para tanto, remontou à distância de oito milénios. Pode ser muito para olaria. A folha de parra, prelúdio desta tanga em que andamos, tem muito mais idade. Esperemos que algum alfaiate não se lembre de abrir loja de divulgação na TV.

Em «Presença do Passado» falou-se primeiro das decisões (algumas) do Clube de Roma. Ninguém sabe porquê, nem para quê, saltamos para oito milénios atrás. Aqui, próxi-

A. C. P. INFORMA: CARRUAGEM-CAMAS ENTRE LISBOA E VIANA DO CASTELO E VICE-VERSA

A circulação de carruagem-camas Lisboa (Santa Apolónia)-Viana do Castelo e vice-versa é suspensa no final do corrente mês, até aviso em contrário.

Assim, as últimas datas da sua circulação, no corrente ano, serão as seguintes:

- Sentido Lisboa (Santa Apolónia)-Viana do Castelo: Noite de 28 para 29 de Outubro.
- Sentido Viana do Castelo-Lisboa (Santa Apolónia): Noite de 29 para 30 de Outubro.

Os períodos de circulação para 1973 serão oportunamente anunciados.



Por MARIO CASTRIM

mo de Muge, ao pé de Benavente, autênticos ribatejanos da borda-d'água. Não sei quê, casas protegidas por paliçadas de canas... Passaram-se mais dois ou três séculos, e Sahará, o Tigre e o Eufrates na Mesopotâmia. Até que as mulheres descobriram a agricultura e os animais foram-se aproximando das choças e assim apareceram os animais domésticos. Quanto à água não podemos viver sem ela. E como bebê-la nas mãos

em concha era pouco prático (além de, claro está, pouco higiénico) começavam os homens a utilizar cascas duras de árvores, com forma adequada, por exemplo «cocos e cabacas, que vocalências todos conhecem, quem não conhece uma cabaca?»

Russell Cortez mostra-nos agora o cuvilhete. Após o que veio a argila, descoberta pelas mulheres enquanto as mulheres andavam à caça. Por aqui se pode ver como é velha a

luta da mulher pela sua promoção.

Para encurtar razões: veio o cobre, veio o bronze, o «homem inicia a metalurgia do ferro», passando pelo vinagre «produto da alteração na fermentação do vinho». E o fecho: «No próximo programa continuamos a abordar tempos mais próximos de nós, isto é, aqueles em que a nação portuguesa, com milénios de vida, passou a Estado».

Não. Não pode ser a verdade. Esta «cultura», maus caros, tem barbas. Barbas a cada qual usa as que quer. Por fora, está claro. Por dentro, quando se trata de cuidar de uma programação tão importante como é a da TV, não é legítimo usá-las. E uma cultura, com barbas, pode tudo ser, mas cultura não será.

A televisão portuguesa, com esta «Presença do Passado» deu-nos de si própria uma ima-

gem provinciana mais evidente do que o simples bom-senso mandava. Pois não houve ninguém na televisão portuguesa capaz de ver, ao primeiro relance que

a) Russell Cortez não possui as condições mínimas para apresentador de uma rubrica?

b) Que uma rubrica, elaborada, desordenada nestes termos, não dava garantias de um mínimo de interesse?

Não, ninguém viu isto na televisão portuguesa. Claro, o odioso vai recair sobre a crítica. Pouco importa. E a responsabilidade não será da crítica. Esta certamente verificou que se tratou da primeira emissão da rubrica; contente ficará se vier a verificar que foi a última. E não, deve dizer-se, tendo em conta o prestígio da televisão portuguesa, mas tendo em conta o prestígio da televisão, simplesmente.



BIP

PRESENTE NA MADEIRA
AO SERVIÇO DA ECONOMIA NACIONAL

BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS
UM CONCEITO NOVO NO ESPAÇO ECONÓMICO

APARTAMENTOS EM CASCAIS VENDEM-SE

CONSTRUÍDOS E EM CONSTRUÇÃO, COM ÓPTIMAS LOCALIZAÇÕES E SERVIDOS POR TRANSPORTES COLECTIVOS.

Trata: **BARAONA & BARAONA, LDA.**

AV.ª VALBOM, 28-1.ª — TELEF.: 280749
MEDIADOR OFICIAL CASCAIS

ELECTRICISTAS DE AUTOMÓVEIS

Oficiais, para Fábrica montagem de camions.
Contactar pelo telef. 62424 — BOMBARRAL.

DL/GERAL



RECTIFICAÇÃO A UMA CRÍTICA

Na crítica que fiz a **PARA ONDE IS?** de «A Comuna», dei uma paternidade indevida à canção que ilustra o espectáculo.

lo. Efectivamente, os autores da canção são dois elementos de A Comuna: Manuela de Freitas (letra) e Carlos Paulo (música). Aqui fica, pois, a devida rectificação.

Carlos Porto

Regência de literatura brasileira

No passado dia 23 do corrente, tomou posse da cadeira de Literatura Brasileira da Universidade do Porto, a doutora Maria Tereza Leal de Martines. Trata-se duma regência que se verifica pela primeira vez no curso de Filologia Românica daquela Universidade.

A doutora Maria Tereza Leal de Martines é licenciada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorada pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade Federal daquela cidade.

«Estrela de Portugal»

DUSSELDORF, 27 — (ANI) — Chama-se «Estrela de Portugal» um dos diamantes expostos na exposição de pedras preciosas e de joalharia, nesta cidade alemã.

Dois polícias de arma em punho escoltam habitualmente a jovem funcionária encarregada de exhibir «Estrela de Portugal», que é considerada uma das maiores atracções do certame.

A nossa experiência não se proclama



SENTE-SE.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta



Viagens com passaporte
ou bilhete de identidade

EM LUXUOSOS
AUTO-PULMANS
MADRID

V. CAIDOS — ESCORIAL
de: 1 a 5 de Novembro
Preços:

600\$00 — 2.000\$00

**BADAJOS
OLIVENÇA**

TODOS OS SÁBADOS
E FERIADOS
Preços:

220\$00 — 400\$00

**BADAJOS
E SEVILHA**

Partidas aos sábados
Viagens de 3 dias

500\$ - 1.200\$ - 1.500\$

Informações e inscrições na

RODARTE

Rua da Palma, 159-A
Telef. 86 12 14

VENDE-SE

Um mulo com respectivos
arreios e carroça. Tratar pelo
telefone 64 00 80 ou 63 70 23,
de 2.ª a 6.ª-feira, das 9 às 12,
ou das 14 às 17 horas.

DL/GERAL

QUE VAMOS LER?

6

"FELIZMENTE NÃO TEMOS REGISTADO FRACASSOS"

-revela a Ática

«A Ática possui um grande número de colecções cobrindo quase todos os sectores da cultura. O estudo das condições do mercado a que temos procedido leva-nos a pensar na possibilidade não só de uma colecção de livros de bolso mas também em novas colecções de carácter técnico e científico».

Com estas palavras, respondeu um dos elementos da di-

rectiva de autores portugueses, pelo que julgamos, sem vaidade, que prestamos um grande serviço à cultura nacional, pois os nossos autores são muito seleccionados, representando alguns, como todos sabem, os mais altos valores da mentalidade portuguesa de todos os tempos. Vamos continuar o nosso trabalho, embora possivelmente no que diz res-

NÃO HÁ FRACASSOS

«O maior êxito são as obras de Fernando Pessoa, sem dúvida o maior poeta português de todos os tempos e um dos grandes vultos do escol nacional. Felizmente, não temos registado fracassos» — foi-nos, ainda, afirmado pela direcção da Ática, que, relativamente à evolução do mercado consumidor, esclareceu ter-se notado «uma expansão bastante promissora».

Que dificuldades tem encontrado a vossa editora para

lançar livros de qualidade a preços que tenham em conta o poder de compra da generalidade dos portugueses?

— Há um mercado pequeno para tais livros, sendo muito difícil o seu lançamento, dadas as enormes e crescentes despesas do fabrico de livros entre nós.

Quanto à publicidade e às edições de luxo, obtivemos as seguintes respostas:

— Recorremos à publicidade à medida que as obras vão sendo lançadas. Certas edições de luxo podem ter viabilidade entre nós, com tiragens limitadas.



Fernando Pessoa, um êxito

Inquerito as editoras
conduzido por TORQUATO DA LUZ

recção da Ática a duas das nossas perguntas: se a programação da editora para esta temporada inclui o lançamento de alguma nova colecção e se àquela programação corresponde um estudo prévio do mercado.

Acerca dos autores nacionais ou estrangeiros que constituem as bases de trabalho da Ática, foi-nos afirmado:

— A Ática tem procurado ser

peito a colecções científicas e técnicas tenhamos que lançar mão de autores estrangeiros por falta de escritores nacionais em número suficiente.

Quanto à revelação de novos autores portugueses, esclareceu-nos:

— Vamos revelando novos autores, mas sem os enquadrarmos numa colecção especial, pois integram-se nas diversas colecções já existentes.

Thieu proibiu o vermelho e o azul

SAIGÃO, 27 — (R) — O presidente Van Thieu ordenou à Polícia sul-vietnamita que confisque todos os tecidos vermelhos e azuis que possam ser utilizados para fazer bandeiras do «vietcong».

A Polícia montou imediatamente uma operação de busca nas estradas que saem da capital, mandando parar autocarros e camiões para revistarem os passageiros.

Duas mulheres levavam consigo 200 metros de tecido dessa

cor e foram presas.

O presidente tinha anunciado esta semana que qualquer pessoa encontrada na posse de uma bandeira azul e vermelha com uma estrela amarela ao meio, seria presa e julgada em tribunal militar, podendo incorrer na pena de morte.

Têm circulado persistentes boatos de que o «vietcong» está a distribuir milhares de bandeiras por todo o país, para serem hasteadas nas aldeias logo que entre em vigor o cessar fogo.

"ESTÚDIO ABERTO": novo programa da R.T.P.

Começarão, dentro de muito pouco tempo, as gravações do programa «Estúdio Aberto», a ser transmitido posteriormente pela RTP. Trata-se de uma produção de Malo Pereira, com assistência de António Andrade e a realização está a cargo de Luis Andrade. Sabese, para já, que os programas serão gravados no Teatro Villaret, onde pontificou o célebre Zip zip, e que foram contactados já, entre outros, Fernando Tordo, o grupo Intróito, Carlos Alberto Moniz e Maria do Amparo.

Sábado no Capitólio "A menina e o vento"

E já no próximo sábado, às 18.30 h. que o Teatro do Arco da Velha estreia no Capitólio a peça infantil «A MENINA E O VENTO» de Maria Clara Machado.

Com encenação de Alberto Vilar, coreografia de Paulo José, cenário de José Manuel e Rebocho e figurinos de Melo Frazão estará o melhor elenco até hoje reunido para este género de Teatro: Carlos Daniel, Catarina Avelar, Fernanda Coimbra, Lizete Frias, Luis Cerqueira, Luis Mascarenhas, Luisa Salgueiro, Lurdes Lima, Maria Alexandra, Maria Tavares, Rui Furtado e Vitor Rosado.

Este espectáculo para maiores de 4 anos, com preços populares desde 5\$00, repete-se no domingo e dia 1 (Feriado) às 16 horas.

CÂMARAS MUNICIPAIS

Por portaria do Ministério do Interior, hoje publicada no «Diário do Governo», foram nomeados para os cargos de presidente e vice-presidente da Câmara Municipal de Redondo, respectivamente, os srs. eng. Luís Fernando Baraona Mira da Silva e Domingos António Penim Batalha.

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA S. A. R. L.

Sede. Rua de Alexandre Herculano, 244 — PORTO

CAPITAL: 450 000 000\$00

ELEVAÇÃO DO CAPITAL A 500 000 CENTOS

Por decisão do Conselho de Administração devidamente autorizada e sob parecer favorável do Conselho Fiscal, é elevado o capital nominal, actualmente de 450 000 contos, para 500 000 contos, mediante as duas operações seguintes:

I — Incorporação de reservas no montante de 45 000 contos

São emitidas 450 000 novas acções, do valor nominal de 100\$00 cada uma, a atribuir aos senhores accionistas actuais, por incorporação de reservas, na proporção de 1 nova acção por cada 10 das que mostrarem possuir (acções de n.º 1 a 4 500 000).

Esta atribuição é isenta de qualquer encargo, salvo o de pagamento de imposto de mais-valias, de 5\$00 por acção, a satisfazer pelos senhores accionistas.

Os títulos das actuais acções que dão direito a esta atribuição deverão ser apresentados, com preenchimento do competente boletim, nos Bancos a seguir designados, para efeito de carimbo comprovativo da atribuição das novas acções.

Serão entregues documentos provisórios e destes os que corresponderem a menos de 10 acções antigas poderão vir a ser reunidos pelos interessados para efeito de ser atribuída posteriormente 1 das novas acções pelas competentes fracções agrupadas.

A operação é realizável a partir de 30 de Outubro de 1972.

II — Emissão de 50 000 novas acções de 100\$00, ao par para subscrição

Conforme foi anunciado oportunamente, esta emissão é reservada aos senhores obrigacionistas da 20.ª série de obrigações (7% — 1972/84), na proporção de 1 acção por cada obrigação da referida série.

Para a subscrição — aberta de 30 de Outubro a 3 de Novembro de 1972 — deverá ser apresentado, com o boletim de subscrição, o cupão especial dos títulos das respectivas obrigações (já em distribuição), com pagamento imediato e integral (100\$00 por acção, acrescido do imposto de mais-valias de 4\$67,5).

Serão entregues documentos provisórios. Após o fecho da subscrição e no prazo de 15 dias, será feito rateio correspondente às acções desta série que eventualmente não tenham sido subscritas, entre os subscritores que assim desejarem.

Os prospectos de informação poderão ser obtidos em todos os estabelecimentos bancários em que o respectivo serviço vai ser feito.

Condições comuns a ambas as operações

Os títulos definitivos poderão ser nominativos ou ao portador, conforme vier a ser pedido nos boletins de apresentação das acções antigas ou de subscrição das acções reservadas a obrigacionistas. Os títulos poderão ser de 1 — 5 — 10 — 50 — 100 — 1000 acções.

Iniciada oportunamente a distribuição dos novos títulos, será provida a admissão à sua cotação nas Bolsas.

A todas as novas acções será atribuído o dividendo de 1972 correspondente a um trimestre do exercício.

O serviço será feito, no Porto e em Lisboa, nos seguintes estabelecimentos:

Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Borges & Irmão
Banco Totta & Açores

Porto, 26 de Outubro de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

A C. P. INFORMA:

HORÁRIO DO SERVIÇO RODOVIÁRIO DE SUBSTITUIÇÃO

AVEIRO (est.) - ÁGUEDA - SERNADA - ALBERGARIA-A-VELHA (est.)

		A	B	B	B	B	CD	B	B							
Aveiro (est.)	P	6-00	6-30	7-05	7-30	9-15	11-50	13-00	13-10	15-30	16-30	16-45	18-15	20-05	20-10	21-35
Eixo (P. N.)	P	6-11		7-16	7-41	9-26	12-01		13-21	15-41	16-41	16-56	18-26		20-21	21-46
Eirol (est.)	P	6-17		7-22	7-47	9-33	12-01		13-27	15-47	16-47	17-02	18-32		20-27	21-53
Águeda (est.)	P		7-02	7-55	8-07	10-06	12-27	13-32	14-02	16-22	17-07	17-21	19-05	20-37	20-46	22-10
Mourisca do Vouga (cruz.)	P		7-07					13-37						20-42		
Mourisca do Vouga (est.)	P			8-03	8-15	10-14	12-35		14-10	16-30	17-15	17-29	19-13		20-53	
Macinhata (est.)	P			8-24		10-34	12-56		14-31	16-51	17-36		19-34		21-14	
Sernada (est.)	P				8-45	10-48	13-10		14-45	17-05			19-48		21-26	
Albergaria-a-Velha (est.)	C		7-22	8-35	8-57	11-00	13-22	13-52	14-57	17-17	17-48	17-57	20-00	20-57		

A — Não se efectua aos domingos e feriados oficiais

B — Continua para Viseu

C — Não se efectua aos sábados

D — Continua para Oliveira de Frades

ALBERGARIA-A-VELHA (est.) - SERNADA - ÁGUEDA - AVEIRO (est.)

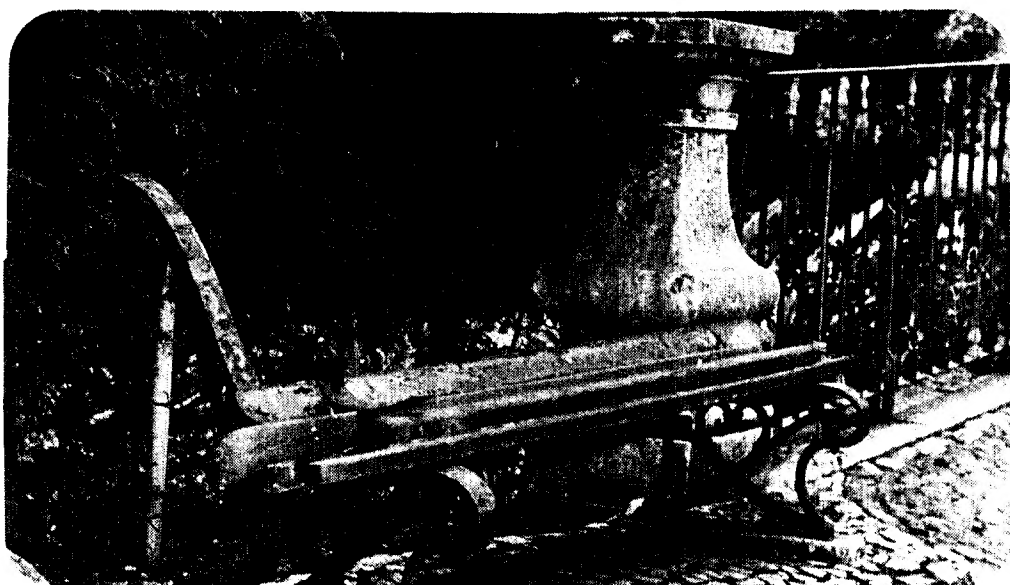
		A		AB	C		C		C	C					
Albergaria-a-Velha (est.)	P			6-30	8-16	8-27	9-07	12-15	12-30	14-40	16-30	18-10	18-11	21-50	
Sernada (est.)	P	5-40		6-45					12-44					22-03	
Macinhata (est.)	P	5-53		6-58			9-20	12-28	12-57	14-53	16-42		18-23	22-16	
Mourisca do Vouga (est.)	P	6-14		7-20			9-41	12-49	13-17	15-14	17-02		18-43	22-36	
Mourisca do Vouga (cruz.)	P				8-31	8-42						18-25			
Águeda (est.)	P	6-23	7-07	7-30	8-40	8-50	9-50	13-00	13-26	15-24	17-12	18-33	18-52	22-46	
Eirol (est.)	P	6-35	6-40	7-39	7-48	8-55	0-05	10-22	13-31	13-43	15-42	17-42	18-51	19-10	23-13
Eixo (P. N.)	P	6-42	6-46	7-46	7-55	9-00		10-29	13-37	13-49	15-49	17-49	18-58	19-17	23-19
Aveiro (est.)	C	6-53	6-57	7-58	8-07	9-10	9-20	10-40	13-48	14-00	16-00	18-00	19-05	19-28	23-30

A — Não se efectua aos domingos e feriados oficiais

B — Proceda de Oliveira de Frades

C — Proceda de Viseu

DL/NACIONAL



Expressiva imagem do abandono do jardim

Um Jardim Botânico inútil por falta de pessoal

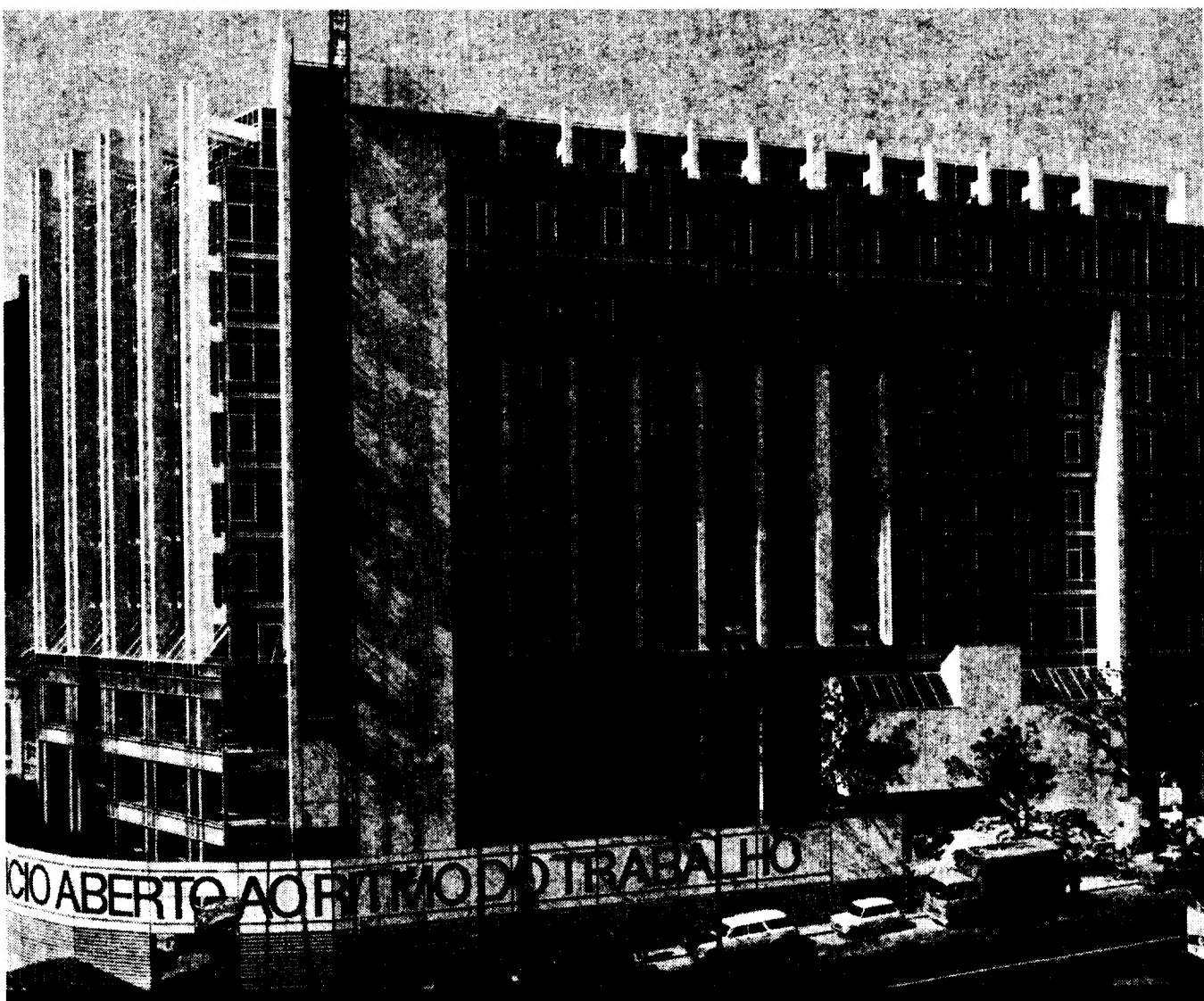
Criado por razões pedagógicas e científicas, não deixando por isso de ter sido um centro de descanso e de fuga à ruidosa poluição da cidade, o Jardim Botânico (anexo à Faculdade de Ciências de Lisboa) encerrou já há muito as suas portas-encerramento interrompido alguns dias de Verão — ao público que ali se acostumou a ir. Os raros visitantes são alunos universitários, não se encontrando no recinto qualquer empregado que pos-

sa satisfazer a curiosidade dos que chegam. Talvez porque já nem se espera que alguém ali chegue...

As razões do encerramento do jardim-museu descortinam-se logo ao primeiro contacto com as verdes alamedas amareladas de folhas mortas. O quadro tem certamente a sua beleza mas em nada condiz com a função do jardim. O toque romântico que ele agora tem em nada se deve a considerações de ordem estética mas antes a um facto bem triste e cuja falta de solução se afigura incompreensível: não existe mão-de-obra. E não existe, pela simples questão de serem oferecidas remunerações baixas, inferiores às dos contínuos. Nada de mais natural e humano, mesmo sem contar com as desagradáveis condições do trabalho da jardinagem. E nem só de simples jardineiros está necessitado o museu natural da Faculdade de Ciências; também de pessoal especializado, — como o que ali já funcionou. Contratar menores para os serviços requeridos também parece não ter dado os melhores resultados. Tudo indica que se torna indispensável, sob pena de

não se conseguir resolução definitiva, oferecer melhores condições de trabalho, tanto económicas, como materiais e melhor apetrechamento técnico para limpezas, desinfecções, regagem, etc. Também os próprios estudantes — sobretudo os que queimam as pestanas em matérias relacionadas com a botânica — poderiam ali desenvolver um serviço de «part-time», remunerado, que traria benefícios a todos. Fomos também informados de que não existe pessoal de fiscalização do parque e das entradas, sendo essa outra razão que levou ao encerramento do jardim. Parte desse pessoal passou a desempenhar funções na faculdade, onde as remunerações são melhores e o trabalho menos desagradável.

De qualquer modo, está na mente dos responsáveis reabrir o Jardim Botânico de Lisboa assim que haja um mínimo de possibilidades. Até, lá, ficamos à espera, lamentando que um dos raros museus do género em Portugal se veja obrigado a fechar as suas portas por problemas de tão pequena (?) monta.



veja o seu futuro escritório

visite o andar-modelo de escritórios do edifício **CASTIL**
confluência das ruas Castilho-Braancamp
aberto todos os dias das 17 às 23 horas



SOCIEDADE DE GESTÃO IMOBILIÁRIA SARL
departamento comercial edifício castil
gaveio das ruas Castilho-Braancamp 9º piso, escritório E tel. 51623



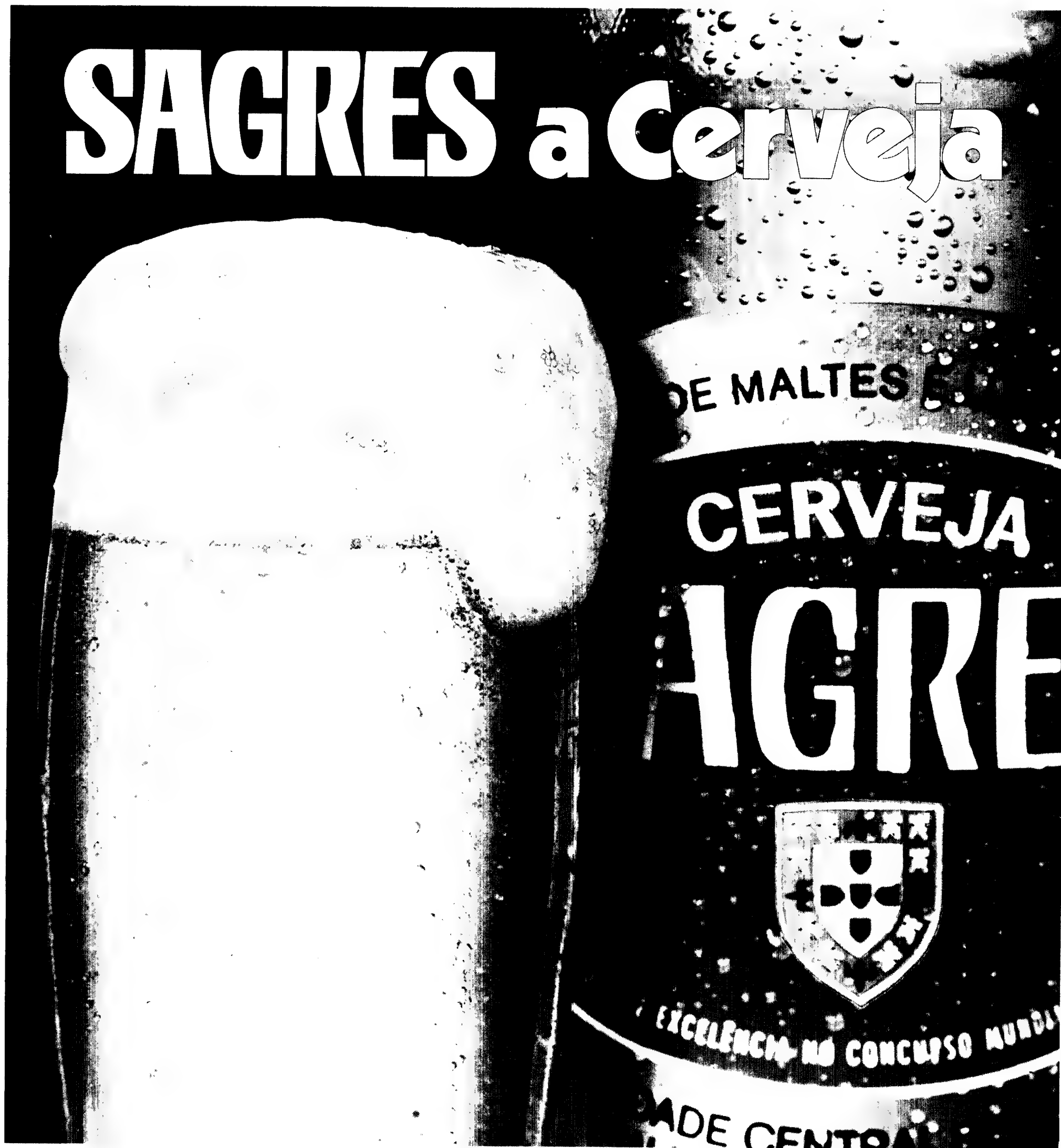
Romantismo e porcaria

PRÉDIO PRAGAL-ALMADA

Construç. cimento armado, revestido a mármore, entrada a mármore, composto de 8 inq. com habitaç. de 3 ass. coz.ª c/ banho, desp.ª hall. PREÇO 1 360 000\$. RENDE 82 800\$. MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292 — Telef. 369384 5/6 — 328232 3 — 361756



Não a única, mas a preferida. Cerveja SAGRES. O termo de comparação.
Com leveza e gosto certos. Cor de oiro, viva, apetitosamente fresca, Sagres é a sede que se deseja.
Só longos anos de experiência de fabrico de cerveja conseguem a sua Sagres... a Cerveja!

SAGRES a sede que se deseja.

DL/NACIONAL

O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS

Com a experiência recolhida desde 1958, o «Diário de Lisboa» está a orientar «O Natal visto pelas crianças» de forma a corresponder aos anseios dos jovens e, também, a esclarecer os educadores, pais, professores, encarregados de educação.

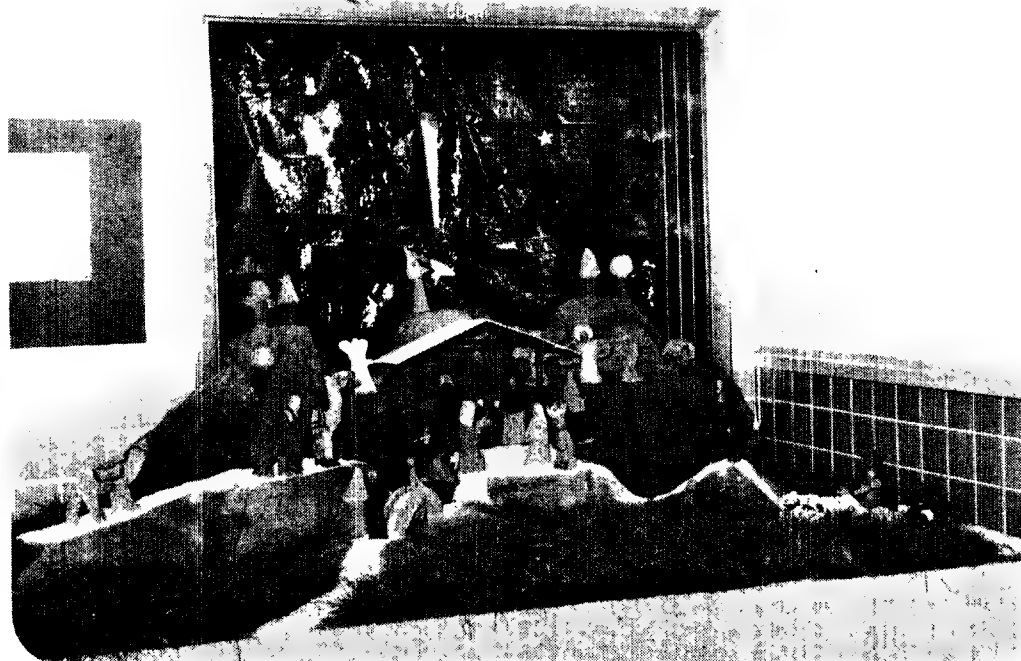
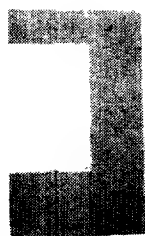
Dirigido à criança o nosso concurso vai de encontro aos maiores interesses criadores da juventude portuguesa. Trata-se,

além, de uma iniciativa de valor expressivo e pedagógico, que interessa a todos os educadores e está na linha de acção do nosso jornal, sempre atento aos problemas da juventude.

O interesse da nossa iniciativa é de tal modo expressivo que mereceu sempre a aprovação do ministro da Educação Nacional, que aconselha todos os anos os dirigentes escolares a fazerem as

diligências necessárias para que os alunos das escolas oficiais também se interessem por ela.

O «Diário de Lisboa» — que sempre se preocupou a sério com os problemas educativos — não podia descurar um aspecto importante de educação integral da juventude portuguesa. Por isso não se poupa a esforços em todos os sentidos, para que se enriqueça a educação dos jovens portugueses.



Trabalho colectivo dos alunos da Escola Francisco Arruda.

OS EDUCADORES PERANTE OS CONCURSOS

Por M. CALVET DE MAGALHÃES

É evidente que nas práticas pedagógicas algumas coisas se podem considerar viciosas e necessitam de auxílio útil nos seus esforços para libertar o ensino da educação pela arte de influências que se podem considerar nefastas. É também evidente que nós queremos referir ao programa geral da educação pela arte e não ao ensino artístico de categoria técnica.

Relativamente aos concursos e exposições, há que ter em conta aspectos educativos importantes para evitar resultados simplesmente negativos. Não nos devemos esquecer, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento, que não se podem desprezar estas iniciativas, tal e qual como as promove anualmente, em Tóquio, a U. N. E. S. C. O., para se alcançar uma compreensão geral que dará

em seguida lugar a pura educação pela arte.

Na apresentação dos trabalhos das crianças, por exemplo, não se deve jogar com cartolinas de cores diferentes para se apresentarem trabalhos (corrente americana) por se considerar uma intromissão; não se devem emoldurar, sistematicamente, os trabalhos das crianças, embora não se considere inconveniente que a criança emoldure um ou outro. Não devíamos efectuar qualquer apresentação para os trabalhos das crianças (encardimento), segundo a tendência japonesa. É certo que aglutinando os desenhos infantis obtemos algumas vantagens se os colocarmos sobre fundos neutros mantendo as produções bem separadas, mas em verdade de quem é contra as selecções de desenhos infantis e, portanto, tenta expor todos (corrente inglesa) obriga-se a um ajuntamento que prejudica o carácter de cada trabalho. Por isso mesmo torna-se muito conveniente

enquadrar uniformemente os desenhos em cartolinas brancas, não muito polidas (ex: duplex), o que permite a colocação dos trabalhos uns junto aos outros sem prejudicar cada produção vista uma a uma. Os grupos de idades devem-se indicar, mas de modo discreto, para os especialistas (ex: cada círculo de uma cor indicar a idade ou outros aspectos).

Para a organização dos concursos, certames, mostras colectivas, etc., é necessária procura pedagógica e quem se arrasta por simples intuição ou pretensiosismo prática neste campo, dos mais erçados de escolhos, muitos erros tomamos como exemplo vulgar o que os franceses chamam «academismo espontâneo», isto é, os trabalhos de uma classe ou grupo identificam imediatamente um «professor». A educação pela arte não depende de uma estética determinada pois leva cada um a uma descoberta pessoal. A identificação dos desenhos por qualquer «constante», aspecto

uniforme, representa erro pedagógico, insuficiência do educador pela arte. Exemplos: uniformidade de temas, de tons, processos e formatos, técnicos sinais gráficos, etc.

Nos países sem grande progresso em educação a U. N. E. S. C. O., pela sua secção de educação pela arte (I. N. S. E. A.), recomenda a organização de concursos e exposições. Organização de júris de especialistas para assegurar independência, recusar cópias, sem objectivo de fazer selecção, respeitando escalões de idades, distinguindo segundo os esforços de cada um; efectuar palestras, publicidade sobre os princípios educativos, concursos com temas dados (por exemplo: a mãe, Tóquio, os selos da Unicef), pois considera que estas iniciativas, com as suas naturais limitações, podem contribuir para uma divulgação salutar dos princípios de educação pela arte. Isto não

significa que se aprove uma sistematização da teoria de prémios e consagração públicas.

É evidente que a U. N. E. S. C. O. recomenda insistentemente que se deve evitar a concorrência que vai de encontro aos fins e métodos da educação pela arte. As crianças partilham a arte, e incitamo-las, porque sentem a necessidade íntima de se exprimir, e não com vista, somente, em ganhar qualquer prémio. As crianças expõem os seus trabalhos e animamo-las, a fim de poderem, livremente e a seu talento, partilhar as suas experiências com outrem. Nesta afortunada maneira de partilhar as experiências, a intervenção tem de ser psicológica, pois senão entrava-se seriamente o desenvolvimento da perfeição em si.

Se os júris entendem fazer selecção, em obediência a padrões preconcebidos, estilos de ensino, características de

escolas ou academias, erram profundamente. Se o júri for composto por pessoas que não saibam respeitar a personalidade das crianças, comete-se outro erro. Quando os júris não compreendem nem as normas de trabalho das crianças, dos vários graus de desenvolvimento, nem os fins da educação pela arte, favorecem os maus aspectos das obras infantis sujeitas à sua apreciação. Segundo as recomendações da U. N. E. S. C. O. para os júris, quando se trata de apreciar a produção de uma criança, é em relação à própria criança que a criou que convém julgar, e não segundo as normas fixadas por júris sem conhecimentos.

A concorrência é nefasta, só a colaboração é útil. Para a civilização sobreviver é necessário o espírito de colaboração entre os homens, mas para o assegurar são necessárias pessoas competentes, pedagogos esclarecidos.

REVOLUÇÃO PELO LIVRO

GUERRA E PAZ

LEÃO TOLSTOI

Obra universal, património da civilização moderna. Leitura obrigatória. Quatro volumes necessários para a sua biblioteca.

40\$00 cada

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8 - Mem Martins

CULTURA À SUA MÃO

AMBAS AS MÃOS SOBRE O CORPO

MARIA TERESA HORTA

No deserto do corpo, o maravilhoso calor da imaginação. Uma das obras mais inquietantes da moderna literatura portuguesa.

40\$00

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8 - Mem Martins

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS

Compramos pelo mais alto preço.

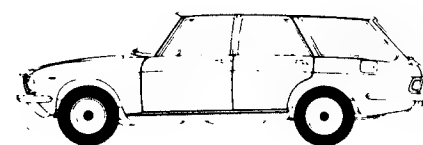
GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257



O conforto e a distinção MAZDA. O espaço e a solidez MAZDA. Num carro concebido para o seu dia-a-dia. Foi projectado em forma de "station" para o poder servir melhor. Foi construído pelo mais criativo fabricante de automóveis do mundo. Assim mesmo. Sem transformações. Para o servir em todas as circunstâncias. Com espaço para tudo. Até para os seus sonhos. Com classe para o acompanhar nas mais requintadas ocasiões. Enfim, para andar sempre consigo.

MAZDA 1800 ESTATE



Construído por TOYO KOGYO CO HIROSHIMA, JAPÃO

Em exposição

JAPANAUTO

Rua Luciano Cordeiro, 113-A e Rua Castilho, n.º 167-A - Lisboa e nos seus agentes

OS MELHORES PROFESSORES DE LISBOA PARA OS ESTUDANTES DA NOITE

Com 645 alunos repartidos por 26 turmas no Liceu Camões, 150 por 14 no Gil Vicente, as aulas do ensino liceal nocturno de Lisboa principiaram ontem a funcionar.

Como se sabe era no primeiro daqueles estabelecimentos que estes cursos, que têm carácter experimental, se destinam exclusivamente a ser ministrados. O inesperado volume de afluência de candidatos à sua frequência determinou todavia que, à falta de instalações bastantes no Liceu Camões para acolherem tantos alunos, ficasse este reservado ao ensino do 6.º ano e fosse o Liceu Gil Vicente encarregado do ensino do 1.º (pois são o 1.º e o 6.º ano, que aliás é o 4.º, os únicos abrangidos, por ora, por esta iniciativa do ministério da Educação Nacional, integrada no plano subsequente ao decreto-lei sobre experiência pedagógica).

Num outro liceu, da parte dos alunos, o ambiente é de mera expectativa. Os 800 indivíduos que, em Lisboa, agora retomam os estudos, ao cabo muitos deles de largos anos de intervalo, interrogam-se mais sobre a sua própria capacidade de readaptação aos compêndios do que analisam e criticam — para o que até seria ainda demasiado cedo — esta medida governamental de que estão a beneficiar.

Aliás, é impressão dominante a de se estar perante uma iniciativa que, a despeito da sua estreiteza (dado que se circunscreve a três cidades do país, Lisboa, Coimbra e Porto, e a dois únicos anos do curso liceal), obedece a uma planificação meditada e é posta em prática com manifesto escrupulo. Escrupulo que o seu próprio carácter de teste exigia, dado que se não podem extrair conclusões seguras de uma experiência mal conduzida.

EXPERIÊNCIA SEM PRECEDENTES

Foi essa preocupação de que o ano lectivo de 1972-73 venha a fornecer indicações seguras sobre a viabilidade de um ensino liceal nocturno para adultos tornado extensivo a mais estabelecimentos e abrangendo todo o curso o que determinou, aliás, o principal dos problemas que tiveram de enfrentar os responsáveis pela concretização da iniciativa, ou seja, o problema do preenchimento dos quadros do corpo docente. Foi a falta de professores que só ontem puderam principiar as aulas, e isto porque apenas se recrutaram licenciados que dispusessem de adaptação específica, de exame de Estado e, tanto quanto possível, de experiência pedagógica. «Chamámos os 50 melhores professores de Lisboa — esclarece o dr. Serpa Neves, director do novo curso no Liceu Camões — e as únicas oito vagas que resta preencher tê-las-emos preenchidas já segunda-feira próxima».

A retribuição desta elite do professorado que desde ontem ministra o ensino nocturno nos dois estabelecimentos de Lisboa tem em conta, evidentemente a natureza particular das funções que ela se dispôs a exercer, com

a responsabilidade que implicam e o sacrifício que envolvem. Os professores em questão, para além do que ganham por aula (e é mais, naturalmente, do que o correspondente a uma aula dentro do horário normal) recebem ainda uma retribuição por certa tarefa de que se decidiu incumbi-los e que representa uma experiência sem precedentes no ensino português: a redacção semanal de um resumo das lições proferidas, o que visa facilitar a aprendizagem das matérias por parte dos alunos, que são pessoas que trabalham, logo que dispõem de uma reduzida margem de horas, para além do emprego e das aulas, para consagrar ao estudo.

Do mesmo modo se procedeu em relação à nomeação de contínuos para este cursos, que foram escolhidos entre os mais competentes do pessoal menor de cada dos liceus, auferindo uma retribuição igualmente extraordinária. Os directores dos cursos não consideraram a hipótese de recrutamento de adventícios: a dupla qualidade de nocturno e misto que caracteriza este ensino impunha, em seu juízo, a utilização exclusiva de pessoal experimentado.

Tudo se fez para que esta experiência pedagógica seja efectivamente elucidativa — afirma o dr. Serpa Neves.

MULTIPLICIDADE DE ALÍNEAS

O tempo de aulas perdido com a resolução dos problemas de recrutamento de quadros qualificados para o corpo docente será restituído aos alunos em Junho do ano que vem, após o termo oficial do ano lectivo, porque não tendo o 1.º ano, como o 6.º, exame final, essa compensação será viável. Por outro lado, e no sentido de facultar aos estudantes a menor perda de tempo possível, prepara-se a entrada em funcionamento, à noite, das cantinas dos dois liceus, que passarão a servir jantares frios a preços reduzidos.

Entretanto numerosos inscritos (tardios) não puderam ser ainda matriculados no curso do liceu Camões por esgotamento da lotação de muitas turmas e, sobretudo, devido ao problema intrincado que o novo sistema de opções a vigorar para o ciclo complementar coloca perante os responsáveis do estabelecimento. De facto, a multiplicidade de «alíneas» (ou melhor: de sextetos de disciplinas), cuja proliferação aquele sistema ocasionou, levanta problemas de horários e de arrumação de alunos por turmas que chegam a ser insolúveis, tendo já alguns estudantes inscritos (embora em reduzida minoria) sido forçados a abdicar do seu interesse em cursar determinada cadeira, e a escolher outra, por ser de todo impossível conciliar a frequência daquela com a das aulas das restantes cinco. Do mesmo modo, em relação aos candidatos aos cursos que ainda não puderam ser matriculados, a possibilidade da sua admissão é condicionada pela de se concertar o esquema de disciplinas que cada um pretende tirar com o horário já em vigor.

Como último apontamento refira-se que, ainda no liceu Camões, as disciplinas escolhidas por maior número de alunos são, além da Filosofia, que é a única cadeira obrigatória a todo o curso complementar, a de Matemática (semi-obrigatória),

e as de Inglês e Alemão, não devendo a preferência por estas duas últimas ser alheia à elevada percentagem (60 por cento),

no corpo discente, de elementos do sexo feminino, com a sua proverbial inclinação pelo curso de Germanicas.



Turma de alunos do curso liceal nocturno do Liceu Camões.

Tour América do Sul

Fim de ano na Baía... Ano novo no Brasil!

De LISBOA, numa VIAGEM ACOMPANHADA durante 20 dias, até BUENOS AIRES! De um só voo você pouso no RECIFE e vai ter ocasião de passar o fim do ano na BAÍA! No seu itinerário vai conhecer MANAUS e participar num foto-safari através dos rios da exuberante Amazónia; vai admirar a moderna BRASÍLIA, as grandes cidades de RIO DE JANEIRO e SÃO PAULO! Na vasta paisagem da pampa argentina visitará um rancho e a colorida capital de BUENOS AIRES.

Uma viagem surpreendente para quem percorre um continente novo.

Procure o seu Agente de Viagens e peça programa detalhado.

Partida a 29 de Dezembro
**BRASIL
ARGENTINA**
33.630\$00

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS PORTUGUESES

viaje na sua companhia

UMA COMPANHIA QUE CRESCE EM TERMOS DE FUTURO

PARA O TOUR AMÉRICA DO SUL

CONSULTE A:

WASTEELS



EXPRESSO

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 88-C — Telef. 42185 — LISBOA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo Exmo. Senhor Mário Gomes Brinca e Fernando Nunes Lopes ARROTEIAS - ALHOS VEDROS

DL/ESTRANGEIRO

ADVERTÊNCIA DE HANOÍ AOS EUA A MAIOR SÉRIE DE ATAQUES DESDE 1968 NO VIETNAME

SAIGÃO, 27 — (ANI e R)

— Enquanto em Washington e Hanoí falavam de paz, os comunistas aumentaram os seus ataques ao mais alto nível em mais de cinco anos. Estão a travar-se violentos combates nos planaltos centrais do Vietname do Sul — anunciaram informadores militares.

Pelo segundo dia consecutivo, os ataques comunistas excederam qualquer total desde a ofensiva do Tet, em 1968. Ontem houve 124 ataques — mais onze do que anteriormente — o que ultrapassa o recorde de ataques num dia, este ano, estabelecido

em Junho com 110.

Ontem, e ao princípio do dia de hoje foram efectuados dezito ataques de B-52 no Vietname do Sul, e outros oito atingiram alvos nas áreas de Dong Hoi e Mu Gia, no Vietname do Norte.

Entretanto, o órgão oficial de Hanoí, «Nhan Dan», avisa hoje que não haverá outra alternativa para os vietnamitas se não a de continuarem a guerra, caso os Estados Unidos «continuarem teimosamente a sua agressão e persistam em enganar a opinião pública».

O jornal atribui a culpa ao

Governo americano pelo facto de não ter sido assinado ainda o acordo de paz em nove pontos elaborado nas negociações secretas de Paris.

«O povo vietnamita enérgicamente rejeita todas as tentativas de justificação apresentadas pela administração Nixon e denuncia o seu volte-face e a sua posição obstinada».

«O Governo americano deve assumir inteira responsabilidade pelo facto do acordo que foi concluído não ter sido ainda assinado permitindo que a guerra se arraste no Vietname».

O artigo do jornal é publicado na sequência da revelação ontem feita pelo Governo norte-vietnamita sobre a conclusão do acordo, ao mesmo tempo que acusava os Estados Unidos de estarem a tentar demorar a sua assinatura e entrada em vigor.

Por outro lado, o candidato presidencial democrático Georges McGovern parece estar intrigado sobre se um cessar fogo no Vietname nos próximos dias ajudará ou prejudicará a sua tentativa para chegar à Casa Branca.

O senador McGovern afirmou que não «dava um chavo» pelo que um acordo na véspera da eleição faça às suas possibilidades, mas esperava claramente que fosse ele e não o presidente Nixon a colher os benefícios do fim da guerra.

O senador McGovern acolheu com agrado as comunicações feitas em Washington e Hanoí sobre as condições do acordo básico para uma solução, mas disse que o movimento americano contra a guerra deveria receber o crédito principal por isso e criticou violentamente Nixon por não ter acabado com a guerra há quatro anos.

«Que ganhamos com todo esse derramamento de sangue e destruição?» — perguntou McGovern referindo-se ao período

Quinto golpe no Daomé causou pouca surpresa

COTONOU, 27 (ANI e R). — Um novo regime, chefiado pelo major para-quedista Mathieu Kerekou, ocupava hoje o poder no Daomé, após um rápido golpe de Estado, o quinto em doze anos de independência.

Carros blindados penetraram à força através dos portões do palácio presidencial quando o gabinete se encontrava reunido e a porta da sala onde se achavam os membros do Governo foi, segundo se anunciou, aberta a tiro, enquanto o Exército ocupava pontos estratégicos na capital.

O major Kerekou, já envolvido numa intentona anterior registada há cinco anos, anunciou a deposição do Governo civil numa emissão pela Rádio durante o qual pediu, também, aos funcionários civis e à classe trabalhadora para continuarem a desempenhar as suas funções.

As notícias do golpe de Estado foram recebidas com pouca surpresa em Paris, onde uma fonte africana comentou: «Não foi uma questão de alguém ocupar o Poder. O Poder esperava apenas que o tomassem».

A razão por detrás do golpe de Estado não foi revelada imediatamente, mas a Rádio do Estado francês, ORTF, comunicou que o Exército tinha intervindo devido ao facto dos três dirigentes não concordarem sobre a forma de receber o presidente Georges Pompidou durante a sua planeada visita no próximo mês.

Círculos diplomáticos africanos de Paris asseveraram posteriormente que se esperava que Pompidou cancelasse a visita.

Entretanto, no Rio de Janeiro, um informador oficial declarou que ainda é cedo para saber se o golpe militar registado no Daomé afectará os planos de viagem do ministro das Relações Exteriores do Brasil, Gibson Barbosa, que deveria visitar aquele país de 4 a 7 de Novembro.

Gibson Barbosa já se encontra em África, onde tenciona visitar oito países.

CALEIDOSCÓPIO

DECLÍNIO DA LIBRA

Após 17 horas de difíceis negociações, ministros britânicos, dirigentes sindicais e administradores de empresas não conseguiram hoje chegar a acordo sobre um plano voluntário para deter a inflação, mas anuíram em avistar-se novamente na segunda-feira. Entretanto, a libra continuou hoje a baixar no mercado de câmbios estrangeiros de Londres e, minutos depois da abertura, tinha declinado mais 1,5 cêntimos em relação ao dólar. Negociantes comunicaram que as transacções começaram a 2,3275/2,3300 em relação ao fecho durante a noite de 2,3415. Contudo, a cotação baixou rapidamente para 2,3250/2,3275. Tudo indica que o declínio na moeda inglesa é devido à preocupação no estrangeiro acerca da situação da economia britânica. (R.)

ATAQUE NO ULSTER

Foi hoje atacada a residência do general Harry Tuzo, comandante das forças inglesas que se encontram na Irlanda do Norte. Um informador do exército de-

clarou que, pouco depois da meia-noite, foram disparados doze tiros contra o edifício, situado num local isolado, a oito quilómetros a sudoeste de Belfast, e a cinco quilómetros do Quartel-General do Exército, em Lisburn. Soldados que constantemente patrulham o local ripostaram ao fogo, afirmando ter atingido um dos franco-atiradores. (ANI)

MORREU IGOR SIKORSKY

O construtor e engenheiro aeronáutico americano, de origem russa, Igor Sikorsky, faleceu ontem na sua casa de Easton, em consequência de curta doença. Tinha 83 anos. Emigrado para os Estados Unidos devido à revolução soviética, Igor Ivanovitch Sikorsky, interessou-se pela construção do helicóptero antes da Primeira Guerra Mundial até que realizou o primeiro «Sikorsky» em 1939, que fez nascer a frota deste tipo de aparelhos utilizada pelas três armas americanas. (FP)

CEAUSCESCU NO LUXEMBURGO

O presidente Nicolae

Ceausescu da Roménia partiu hoje de comboio de Bruxelas para o Luxemburgo, no fim de uma visita oficial de três dias à Bélgica. Foram-se despedir à estação do presidente e da sr.^a Ceausescu o rei Balduino e a rainha Fabiola, assim como membros do Governo belga. O presidente da Roménia vai efectuar uma visita oficial de três dias ao grão-ducado. (R.)

NOVA SITUAÇÃO NA COREIA

O presidente Chung-Hee Park revelou hoje uma minuta de emenda constitucional que aumentaria drasticamente os poderes de um chefe de Estado eleito indirectamente e enfraqueceria a função de uma assembleia nacional. Essas alterações representariam um afastamento acentuado da democracia do tipo ocidental. A proposta constituição é provocada pela nova situação no país a seguir ao começo do diálogo oficial entre as duas Coreias em 4 de Julho, cujo objectivo de unidade é mencionado em várias cláusulas. (R.)

SUBSTITUIÇÃO NO EGITO

Novo ministro da Guerra aceitável pelos russos

CAIRO, 27 (R.) — Um novo ministro da Guerra aceitável pelos russos, os principais fornecedores de armas ao Egipto, assume formalmente o seu cargo, após o presidente Anwar Sadat substituir o seu predecessor, numa decisão de surpresa que tomou a noite passada.

O novo dirigente militar é o general Ahmed Ismail, de 54 anos, antigo director dos serviços secretos das Forças Armadas, que acompanhou o primeiro-ministro Aziz Sidky na sua recente visita a Moscovo.

Ismail substituiu o general Mohammed Ahmed Sadek, que, segundo se anunciou, teve divergências com comandantes militares soviéticos no Egipto antes do presidente Sadat resolver acabar com a presença no país, em Julho último, da força de 20 000 russos.

O afastamento de Sadek regista-se numa altura em que o Cairo e Moscovo estão a melhorar de relações e as indicações que existem nesta capital apontam para a escolha do general Ismail como sendo mais do agrado do Kremlin.

Ismail assumiu, também, o

posto do general Sadek como comandante-chefe das Forças Armadas. O terceiro cargo do general Sadek, o de ministro para a Produção de Guerra, foi dado a Ahmed Kamel-el-Badri, que fora o subsecretário dessa pasta. A viagem a Moscovo teve como resultado o recomeço do diálogo entre as duas capitais.

O dr. Sidky, relatando a sua viagem ao Parlamento e à comissão central, planificadora de política, da União Socialista Árabe, na quarta-feira à noite, afirmou que a União Soviética prometera recomeçar o auxílio militar ao Egipto.

O general Ismail, um oficial de carreira que prestou serviço na Segunda Guerra Mundial e em três guerras do Médio Oriente, deve agora iniciar conversações com os russos, para se tomarem medidas concretas para o cumprimento dessa promessa.

Observadores do Cairo julgaram que Ismail poderia seguir para Moscovo em futuro próximo, para travar conversações com o ministro soviético da Defesa, Andrei Gretchko.

AS MEMÓRIAS DO ESPIÃO



O espião israelita Wolfgang Lotz lançou agora em Londres um livro de memórias, «The Champagne Spy» (O espião do champagne), relatando as suas proezas no Egipto durante a década de 60. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

A Ásia no ano 2000

3.778 milhões de habitantes

BANGKOK, 27 (R.) — (No ano 2.000, a população da Ásia aumentará para 3.778 milhões de almas ou seja mais do que o total da população mundial de 3.635,2 milhões de habitantes em 1970, segundo prevê um estudo da Comissão Económica para a Ásia e Extremo Oriente (CEAEO).

Fontes afectas à CEAEO afirmaram hoje que o relatório fora preparado pelo secretário da comissão para ser apresentado na sua segun-

da conferência sobre a população da Ásia, que se deverá realizar em Tóquio de 1 a 13 de Novembro.

«Foi o declínio rápido na mortalidade, a seguir à Segunda Guerra Mundial, que mudou o curso da história demográfica» — declara o estudo.

A má nutrição entre os jovens é já elevada na área da CEAEO e medidas devem ser tomadas para sustar maior população à medida que a população aumenta. Mais escolas, mais empregos

e mais facilidades para os velhos teriam de ser fornecidas.

O documento verifica uma diferença espantosa entre as partes mais e menos desenvolvidas do mundo nos aumentos de percentagem de população previstos para todo o século entre 1900 e 2000.

Nas regiões mais desenvolvidas, espera-se que a população aumente em 158 por cento, comparando com 365 por cento nas menos desenvolvidas.

De surpresa em surpresa, a China Popular tem vindo a desfazer uma série de conceitos que formavam uma imagem, a qual a distinguia aos olhos de muita gente do resto dos países, capitalistas ou socialistas, com quem coabitamos neste estreito planeta.

As velhas surpresas vieram com o episódio do Bangla Desh, com a visita de Nixon a Pequim, com a tentativa abortada de golpe de estado levada a cabo por Lin Piao. Mais recentemente, têm sido as repetidas visitas de governantes de países com os quais anteriormente a China mal falava, a manifestação de tristeza por Pequim não poder, pelo menos por enquanto, celebrar acordos com o Mercado Comum, sendo forçada a assiná-los bilateralmente com os países membros desse agrupamento capitalista, o júbilo pelo

SERÁ SURPRESA ?

alargamento da referida comunidade, as palavras (segundo Tanaka) de encorajamento em relação ao rearmamento do Japão e da Alemanha, uma vez que o «social imperialismo» soviético apenas pretende o desanuviamento «para enganar».

Ontem, porém, chegou-nos à secretária um telegrama bem mais surpreendente, pois traduz uma viragem de 180 graus em muitíssimo pouco tempo.

Quem estará esquecido das inúmeras e recentes declarações chinesas contra a política das grandes potências? Alguém terá já varrido da memória a defesa, por parte de Pequim, de uma conferência geral, onde coubessem todos os

países do mundo, sobre o desarmamento, em oposição à tese pragmática da URSS que pretendia um encontro dos «cinco grandes» e nucleares sobre questões atômicas?

Pois a União Soviética, tentando talvez rodear as dificuldades ou apenas encostar Pequim à parede, resolveu propor a realização de uma conferência sobre o desarmamento aberta a todos os países. A entrada do tal telegrama diz apenas isto: «Os Estados Unidos, apoiados pela República Popular da China na sua oposição a uma conferência mundial de desarmamento, afirmaram concordar com conversações entre as cinco potências nucleares». O tele-

grama é da UPI e provém das Nações Unidas, em Nova York.

Os Estados Unidos, naturalmente, opõem-se também a que seja sequer criada uma comissão, ou executada alguma medida, destinadas a preparar ou estudar a possibilidade de realização de uma tal conferência. Isto foi tudo afirmado na Assembleia Geral das Nações Unidas. Segundo o delegado dos EUA, uma conferência mundial para o desarmamento só serviria para evidenciar os malogros em que até aqui têm caído todas as tentativas para desarmar.

Pouco antes a URSS declarou na mesma assem-

bleia que 90 países tinham já dado o seu apoio à realização da conferência, por ela proposta, mantendo-se apenas a oposição americana e chinesa.

Palavras do delegado americano: «A China e os Estados Unidos obtêm o mesmo resultado por caminhos diferentes. Os Chineses sentem que o desarmamento é algo que deve ser tratado selectivamente, ao passo que os EUA sentem que esse assunto deveria ser tratado ao nível da política externa e de segurança».

Quer a interpretação do delegado americano seja correcta quer não, o facto permanece: A China Popular, até há bem pouco tida como o «leader» natural do Terceiro Mundo, prefere discutir entre grandes potências a abrir ao mundo a possibilidade de participar nas grandes decisões.



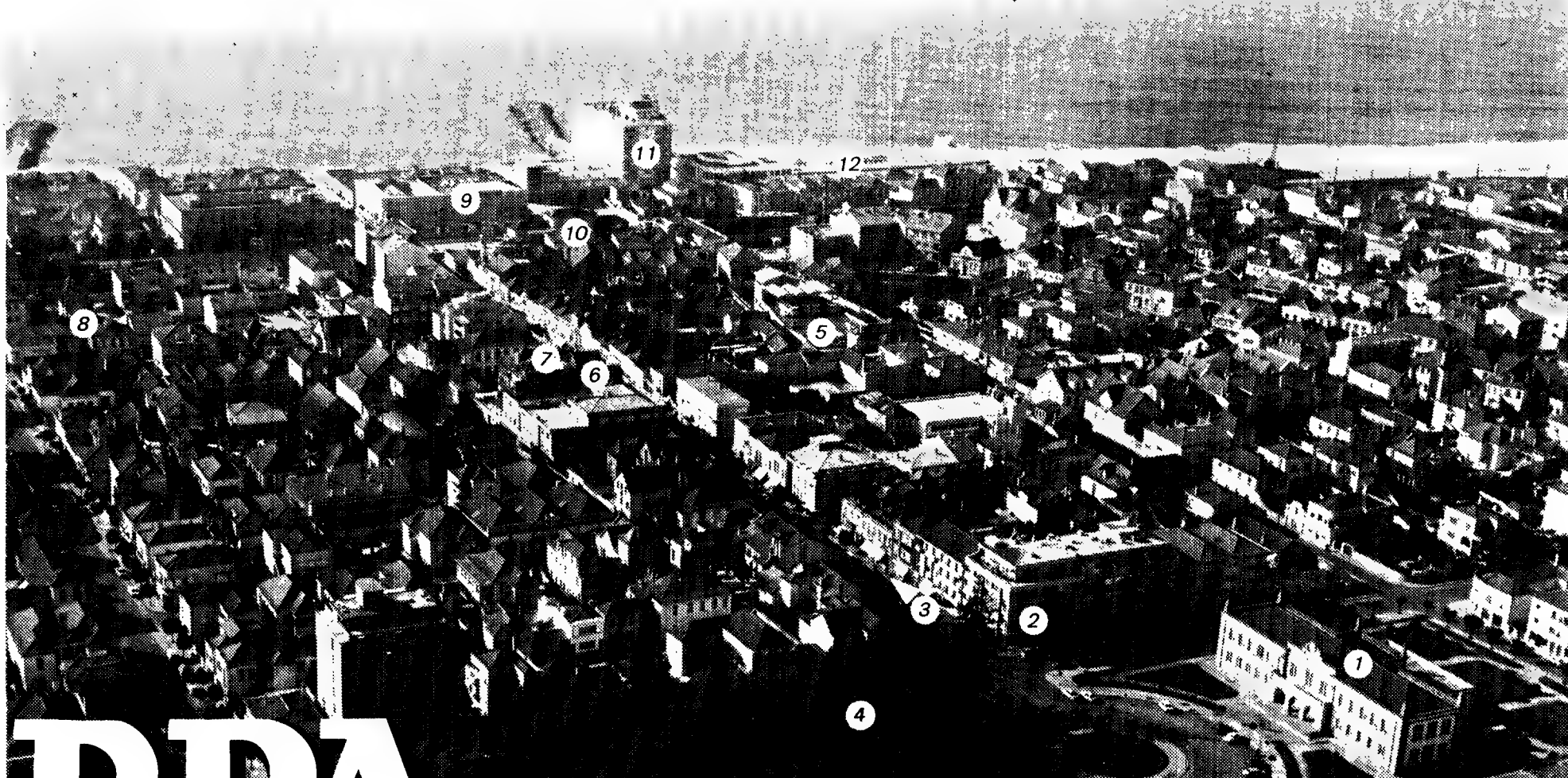
A. VILLAVERDE CABRAL

COMENTÁRIO
INTERNACIONAL

ESPINHO



*O mar a fez e a destrói e por ela vencer se deixa cada dia :
Com a força que o mar lhe dá temperou sua vontade de lhe
ser mais forte... Primeira casa há pouco mais de um século,
Vila-soalheira-e-plana foi que se criou a si e á sua própria
História! Nova cidade se quer e Capital já é de região fecunda
e fecundante de riqueza.*



BPA

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

agora também em Espinho
RUA 19, N.º 348



- 1 - Câmara Municipal 2 - Estação dos C.T.T. 3 - Rua 19 4 - Parque João de Deus 5 - Camionagem de Passageiros 6 - Nova Agência do BPA
7 - Hotel 8 - Capela de N.ª S.ª da Ajuda 9 - Casino 10 - Estação dos C. de Ferro 11 - Hotel 12 - Piscina

SOCIEDADE PORTUGUESA DO AR LÍQUIDO "Arlíquido"

S. A. R. L.

CAPITAL: 30 000 CONTOS

Sede Rua Quinta do Almarém, 14 — LISBOA - 3

Emissão de Obrigações 5 % — 1958/1972

14.ª e última amortização

Relação das obrigações que constituem a 14.ª e última amortização a efectuar, pelo seu valor nominal de Esc. 1000\$00 cada uma, em 1 de Novembro próximo, data a partir da qual deixam de vencer juro — último cupão pagável N.º 28.

3 títulos de dez obrigações, números:

2781 a 2790, 2791 a 2800, 2831 a 2840;

27 títulos de cinco obrigações, números:

756 a 760, 886 a 890, 951 a 955, 1051 a 1055, 1081 a 1085, 1401 a 1405, 1436 a 1440, 1566 a 1570, 1581 a 1585, 1646 a 1650, 1701 a 1705, 1716 a 1720, 1851 a 1855, 1881 a 1885, 1921 a 1925, 1996 a 2000, 2021 a 2025, 2031 a 2035, 2126 a 2130, 2221 a 2225, 2236 a 2240, 2341 a 2345, 2506 a 2510, 2531 a 2535, 2606 a 2610, 2686 a 2690, 2701 a 2705.

54 títulos de uma obrigação, números:

7, 9, 10, 14, 38, 42, 69, 103, 108, 121, 145, 160, 169, 182, 199, 202, 203, 233, 247, 269, 287, 305, 308, 311, 333, 341, 398, 445, 462, 489, 500, 504, 514, 527, 552, 563, 568, 574, 582, 595, 601, 621, 636, 643, 649, 686, 688, 695, 698, 699, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 719, 725, 738.

Pagamento de juros

Também a partir de 1 de Novembro próximo estão a pagamento os juros referentes ao último semestre de 1972 (cupão N.º 28) da referida emissão de obrigações 5 %, 1958/1972.

Tanto o reembolso das obrigações (ao seu valor nominal) como o pagamento dos juros correspondentes ao cupão N.º 28 são feitos no Banco:

CREDIT FRANCO - PORTUGAIS
em
LISBOA e PORTO

Títulos por amortizar

1 título de cinco obrigações N.º 1096 a 1100, último cupão pagável N.º 26.
2 títulos de uma obrigação N.º 483 e 485, último cupão pagável N.º 26.

LISBOA, 17 de Outubro de 1972.

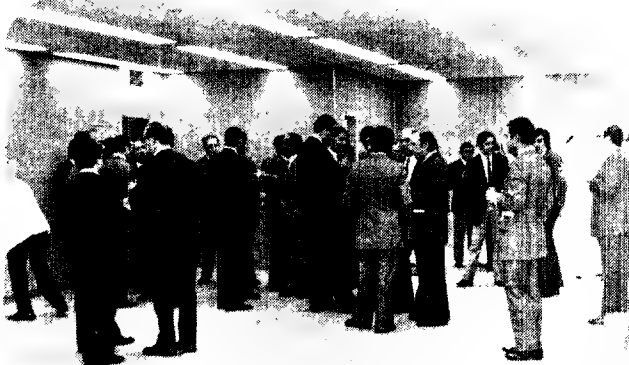
O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DL NACIONAL

Inaugurado o andar-modelo do edifício Castil

Qualidade e funcionalidade são as principais características do andar-modelo para escritórios ontem à tarde inaugurado no edifício Castil, e que se encontra aberto ao público todos os

andar combina as técnicas de construção mais avançadas com os equipamentos mais funcionais,



Durante a visita ao edifício.

sem prescindir da beleza e da harmonia, graças a uma concepção que teve em conta o facto de se destinar a ser utilizado pelo homem.

O edifício Castil, situado no gaveto da Rua Castilho com a Rua Braancamp, foi construído pela Engil — Sociedade de Construção Civil, S.A.R.L., segundo um projecto do arquitecto Conceição e Silva e é gerido pela GI — Sociedade de Gestão Imobiliária, S.A.R.L. Compreende, além do andar para escritórios ontem inaugurado, um parque de estacionamento, com capacidade para mais de 200 veículos e dispendo de um sistema interno de controle e sinalização inteiramente automáticos, que já se encontra em funcionamento desde o



Aspecto de um escritório.

mês de Abril; um cinema com cerca de 500 lugares, que funcionará no sistema de sessões contínuas; e um centro comercial, distribuído por três pisos interligados, onde serão instaladas diversas lojas já famosas em Lisboa.

O AEROPORTO DO FUTURO

O director do Gabinete do Novo Aeroporto de Lisboa — G.N. A. L. — eng. Rodrigues de Oliveira Júnior, encontrou-se ontem com os representantes dos órgãos de Informação para os esclarecer sobre o que será o aeroporto de Rio Frio.

Os trabalhos referentes a todo o processo iniciaram-se já em 1969. O futuro aeroporto terá uma enorme importância não só no turismo nacional como também no sector económico; para o compreender basta saber que,

segundo as previsões, passarão por Rio Frio em 1980, cerca de 10 milhões de passageiros, na sua maioria turistas.

Será o aeroporto do ano 2000. Não o será logo que abrisse pois o empreendimento será construído por fases, a primeira das quais satisfará as necessidades de tráfego do início da década de oitenta.

Segundo disse o eng. Oliveira Júnior «tal procedimento, que corresponde, em nosso entender a uma atitude realista, tem a vantagem de distribuir os investimentos ao longo do tempo e de os aplicar na medida do estritamente necessário, sem sacrifício naturalmente da eficiência tanto das instalações como dos serviços a prestar pelo aeroporto que, deste modo, se apresentará sempre com as suas estruturas perfeitamente actualizadas.» Uma nova comunidade surgirá nos terrenos do aeroporto o que poderá constituir, juntamente com este, uma unidade económica cuja exploração permitirá uma mais rápida amortização dos investimentos.

Logo que esteja pronto o aeroporto de Rio Frio o da Portela irá fechar as suas portas, incluindo para os vãos domésticos.

Em resposta a perguntas que lhe foram postas o eng. Rodrigues de Oliveira Júnior revelou ainda que, entre 1985 e 1980, uma nova ponte sobre o Tejo irá nascer para obviar à saturação da actual.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica no próximo domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

2.º Sector — Concelho de Lisboa: Alto da Boa Vista, Est. Calhariz de Buntica, Est. de Monsanto, Est. da Portela e imediações. (Das 8 às 12 horas).

6.º Sector — Rua do Salitre 117 a 167. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Campo Grande 2 a 6-A (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Campo Grande 77 a 105, e Piscina, Rua de Malpique (toda). (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Rua Frei Amador Atrás 2 a 14, Rua Jerónimo Corte Real 4 a 10, 3 a 9, P. Gonçalo Trancoso (toda). (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Av. de Roma 42 a 58 e 45 a 63. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Av. Duque de Ávila 38 a 58-A, Av. 5 de Outubro 16-E a 50 e de 10 a 16-E e de 3 a 19, Av. Conde de Valbom 2. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Rua Pinheiro Chagas 1-A a 3, Av. Praia da Vitória 50 a 52 e 71 a 79, Rua das Picoas 2 a 12 e 1 a 5-B. (Das 8 às 12 horas).

9.º Sector — Rua Dr. Faria de Vasconcelos 3 a 10 e 5 a 11, P. Manuel Cerveira Pereira (toda), Rua Professor Mira Fernandes (toda). (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — Concelho de Oeiras: DAFUNDO: Rua Policarpo dos Anjos e imediações. (Das 8 às 14 horas).

2.ª Zona — CAXIAS: ALTO DO LAGOAL: Rua de S. Gabriel, Rua de S. Rafael, Rua Vasco da Gama, Rua Maestro Raul Portela, Rua de Goa, Av. Croft de Moura, Rua Vivenda Preciosa, Rua 7 de Junho de 1759, Rua D. Manuel I, Rua Paulo da Gama e imediações. (Das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — OEIRAS: (Bairro da Medrosa e Alto da Barra) — Rua Infante D. Henrique, Rua Alexandre Herculano, Av. D. João I, Rua Infante Santo, Rua D. Filipa de Lencastre e imediações. (Das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — AMADORA: Av. Miguel Bombarda, Av. Marçal Carmoana, P. 28 de Maio, Rua Cândido dos Reis, Rua D. João de Castro, Rua Guerra Junqueiro, Rua Conselheiro Pequeto e imediações. (Das 8 às 14 horas).

5.ª Zona — Concelho de Sintra: ALGUEIRÃO: Rua da Escola, Rua Leal da Câmara, Rua Vasco da Gama, Est. do Algueirão Velho, Sacotes e imediações. (Das 8 às 14 horas).

6.ª Zona — Fação, Lameiras (parte), Pêro Pinheiro (parte). (Das 8 às 14 horas).

7.ª Zona — Concelho de Cascais: Caparide, Livramento, Alto Murtal, Penedo do Murtal, Murtal (parte) Est. de Caparide-Murtal, Est. Caparide-Livramento e imediações. (Das 8 às 14 horas).

8.ª Zona — Talaide, L'ião, Porto Salvo-Lameiras, Quinta da Ponte-Barcarena, Leceia. (Das 8 às 14 horas).

9.ª Zona — Concelho de Mafra: Igreja Nova e imediações. (Das 7 às 15 horas).

10.ª Zona — Póvoa da Galega, Asseiceira Grande e imediações destas povoações. (Das 7 às 15 horas).

11.ª Zona — Asseiceira Pequena e Alto da Urgira. (Das 7 às 15 horas).

12.ª Zona — Vila Franca do Rosário e imediações. (Das 7 às 15 horas).

13.ª Zona — Cheileiros. (Das 7 às 15 horas).

14.ª Zona — Concelho de Vila Franca: ALHANDRA: Est. Nacional, Rua Marquez Rio Maior, Rua Cónego Joaquim M. P. Boto, Rua do Castelo, Rua do Ultramar, Rua S. João de Deus. (Das 8 às 14 horas).

15.ª Zona — ALHANDRA: Est. Nacional n.º 10, Est. Suberra, Est. de Arruda, Hortinha e imediações. (Das 8 às 14 horas).

16.ª Zona — VILA FRANCA: Rua dos Bombeiros, Rua Dr. Manuel de Arriaga, Rua Almeida Garrett, Rua Serpa Pinto, Av. Combatentes da Grande Guerra. (Das 8 às 14 horas).

17.ª Zona — Povos, Castanheira, Vala do Carregado. (Das 10 às 12 horas).

18.ª Zona — Sobralinho e Aldeia do Sobralinho. (Das 8 às 14 horas).

19.ª Zona — Concelho de Vila Franca: Granja, Morgado, Santa Eulália, Vialonga, Verdelha do Ruivo. (Das 8 às 14 horas).

20.ª Zona — Concelho de Alenquer: Cadafais, Antas, Casais da Marmeleira, Santana da Carmota. (Das 8 às 12 horas).

21.ª Zona — Cheganças. (Das 8 às 14 horas).

22.ª Zona — Concelho de Torres Vedras: Maceira, Sobreiro Curvo, A-dos-Cunhados, Campelos. (Das 8 às 14 horas).

GRANDE EDIFÍCIO NO DAFUNDO

PARA INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS
OU ARMAZÉNS

VENDE-SE

AREA COBERTA — 1.780 m2
LOGRADOURO — 126 m2
AREA TOTAL DE PISOS — 5.710 m2
POSTO DE TRANSFORMAÇÃO — 315 kvs

Resposta a este jornal ao n.º 657.

CHEGOU O NOVO MODELO DE TOMASO



SportKar

PANTERA

SALAUTO

Av. Defensores de Chaves,
87-C — T. 771556-781991
LISBOA

AGENTES NO SUL

Rua D. Estefânia, 17-B
Telef. 44164
LISBOA

JOAN RETTIE EM LISBOA:

NÃO AO ABORTO SIM A CONTRACEPÇÃO

«Parecem encorajadores os progressos do planeamento familiar em Portugal», declarou pouco antes de regressar a Londres a sr.^a Joan Rettie, inglesa, membro do Secretariado coordenador da Federação Internacional que centraliza o trabalho de associações para o controlo da natalidade e planeamento da família em 80 países. A sr.^a Rettie deslocou-se a Lisboa para três dias de trabalho com os dirigentes da Associação portuguesa.

O objectivo da Federação, como das associações nacionais, é o esclarecimento dos casais sobre a liberdade e a possibilidade de terem filhos quando o desejem, afastando determinismos e contingências naturais ou controlando a sua incidência. «Mas não aconselhamos determinado método contraceptivo em detrimento de outros: pertence às associações, ligadas às circunstâncias de cada país, estudar o modo de actuação que melhor se adapte ao seu tipo de vida e condições educativas e culturais».

O trabalho da Federação, fundada em 1946, ganhou novo incremento com a descoberta dos contraceptivos e com as iniciativas de controlo estatal da natalidade em países cujo progresso económico há quem



«Tive dois filhos. Quando cresceram, dediquei-me ao planeamento familiar».

considere condicionado pelo seu excesso demográfico. A federação é apolítica e arreligiosa e propõe-se colaborar com todos os governos e instituições confessionais.

«Posso dizer que, embora não haja um campo prioritário de actuação, uma das nossas tarefas dominantes é o estímulo às pesquisas sobre métodos contraceptivos», disse-nos a sr.^a Rettie, que dedicou aos estudos sobre planeamento familiar depois de criados e adultos os seus dois filhos. «Quando consegui disponibilidade, dediquei-me a um trabalho que poderá eliminar muitas das tensões intrafamiliares, origina-

das por filhos indesejados ou por partos frequentes», afirmou. «Libertos do constrangimento e do medo, os casais podem expandir a sua relação e serem mais felizes.» No entanto, e apesar dos progressos realizados nos países escandinavos, por exemplo, para a sr.^a Rettie «em nenhum país se atingiu a situação ideal».

A sr.^a Rettie considera a resistência à ideia da contracepção como uma resultante de «tradições e condições civilizacionais». Os «conservadores» recrutam-se sobretudo nas classes de baixo nível de instrução, em que, no entanto o aborto é frequente.

A IPPF (International Parenthood Planning Federation) recebe subsídios particulares, governamentais e das associações federadas. Coopera, como organismo consultivo, com as agências especializadas da Organização das Nações Unidas: a FAO, a OMS, a UNICEF, etc. A sua perspectiva de trabalho «não é porém a da explosão demográfica, mas a da saúde e bem-estar das populações».

A Associação Portuguesa de Planeamento Familiar, formada em 1967, regista em Lisboa, por enquanto, apenas cinquenta consultas médicas mensais sobre problemas de contracepção e fertilidade, mas o número dos seus sócios cresce continuamente, sobretudo entre os médicos.

HOMENAGEM

O Grupo Desportivo de Carcavelos presta hoje homenagem ao seu atleta olímpico e «recordista» nacional Raul Dinis, associando à mesma os restantes halterofilistas do clube, campeões nacionais. Será igualmente distinguido o mestre Ernesto Sales, um dos pioneiros da modalidade. O acto terá a presença de entidades do concelho e figuras gradas da popular colectividade.

SOLAR

Quinta das Águas
Restaurante — Residência
Auto Parque — Agora com
RESERVA em couro para caçar
ELVAS — Telef. 245

BOA SAÚDE MAS COM

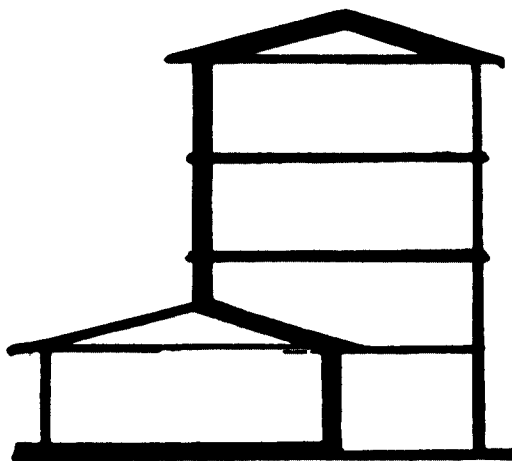
VITELA BRANCA ESPECIAL

DOS SUPERMERCADOS

AGUIAR
AV. ANTÓNIO AUGUSTO
DE AGUIAR, 70

Faça a sua encomenda
pelo telef. 40863-532831

COMUNICADO



SOCASPRE

tem o grato prazer de informar que lhe foram confiadas mais as seguintes empreitadas:

- ★ terraplanagens e execução da nova unidade industrial da

SOCITREL — SOCIEDADE INDUSTRIAL DE TREFILARIA, S A R L

a ser edificada em terrenos confinantes com S. ROMÃO DO CORONADO e FOLGOSA, concelhos de SANTO TIRSO e MAIA respectivamente

- ★ execução da nova Fábrica de Confecções

NEIVEX — BORGES & CUNHA, LDA.

a ser construída em S. ROMÃO DO NEIVA — VIANA DO CASTELO

S O C A S P R É — sede — Rua Luciano Cordeiro, n.º 18, 4.º — LISBOA

delegação — Rua Formosa, n.º 82, 2.º — PORTO

filiais — LUANDA — RIO DE JANEIRO

DL NACIONAL

"Srs. peões, atenção ao verde"

Em resposta ao artigo do nosso camarada dr. Urbano Tavares Rodrigues «Srs. Peões, Atenção ao Verde», recebemos do sr. eng. electrónico Alberto Rui Machado a seguinte carta, que gostosamente publicamos, por nos parecer importante contributo para a discussão e eventual solução de um problema de interesse público inadiável:

Exmo. sr. dr. Urbano Tavares Rodrigues

«Li o seu artigo «Srs. peões, atenção ao verde» (DL de 29/9/72) e na esperança de que o meu modesto contributo possa ser de interesse para as ideias que justamente defende, permito-me uma achega.

A quem viaje com certa regularidade por essa Europa fora não pode passar desper-

cebada a consideração que os automobilistas têm pelos peões. Já na vizinha Espanha se nota a diferença e a situação vai melhorando o ponto de na Inglaterra até um cego poder atravessar a rua sem correr o perigo de ser atropelado. Entre nós, talvez porque ainda não nos tenhamos dado conta dos direitos do peão, este só pode atravessar, até mesmo nas «zebras», após ter passado o último dos últimos automóveis (o que vai aliás contra o C.E. que ao compará-lo com a máquina não deixa de acentuar «O homem é o elemento natural»).

Noutras latitudes, mal o peão faz menção de atravessar nas «zebras» e até mesmo fora delas, os carros afrouxam o andamento e convidam-no a passar. Entre nós existem letreiros, puseram-se luzes a piscar, mas nada de-

tém os automobilistas, na sua superpressa» (desculpe o plágio). O peão tem de aguardar pacientemente que passem todos os carros ou então esgueirar-se por entre eles, quantas vezes em arriscadas manobras de desfecho incerto.

Alguns automobilistas contra-argumentarão que o nosso peão é indisciplinado e atravessa sistematicamente fora das passadeiras, razão porque não se acham no dever de lhes facilitar a passagem. Pergunto eu: porque há-de o peão preferir as passadeiras para atravessar se a consideração que têm por ele dentro e fora delas é a mesma? Caímos num círculo vicioso de que só sairemos com boa vontade de parte a parte.

Para resolução do problema propõe no seu artigo a inclusão de um terceiro sinal, que garantisse ao peão a travessia sem risco. Essa so-

lução além de dispendiosa, não corresponde às normas internacionalmente aceites, pelo que, a meu ver, não é a mais indicada. Noutros países quando se acende o «boneco» verde os peões têm prioridade absoluta e assim também deveria ser entre nós. Qualquer outra solução só nos trará problemas no futuro. Sei do caso de um indivíduo que teve sérios problemas com a polícia alemã por desconhecer essa regra observada em inúmeros países e após curvatura para a direita ter tentado forçar a passagem entre peões que iniciavam o movimento por se ter acendido o «boneco» verde.

Antes de terminar quero frizar que tomo a defesa do peão e estou à vontade para o fazer na medida em que só esporadicamente assumo esse papel.

Dizem os leitores A MELHOR MANEIRA DE TRATAR DE UM DOENTE

Do nosso leitor, Sr. Domingos Fernando, de Lisboa, recebemos uma carta que, pelo seu teor, nos pareceu de bastante interesse.

Sou beneficiário da Caixa de Previdência e tenho uma úlcera no estômago.

Fui tratado por um médico particular e fiz umas radiografias, porque, embora estivesse muito doente, não me foi possível obter serviços da Caixa.

Entretanto e quando me dirigi à Caixa, infor-

maram-me de que não seria reembolsado de nada porque lá também havia médicos e Raios x.

Agora estou a sofrer outra vez e voltei à Caixa no dia 27 de Setembro passado. Mandaram-me, sim senhor, fazer uma radiografia, mas... marcaram-me para o dia 13 de Dezembro! Estamos em Outubro.

Pergunto: acham que a longa espera a que me querem sujeitar é a melhor maneira de tratar um doente que necessita de imediata assistência? E é esta a assistência, pronta e eficaz, a que temos direito?

Exames de aptidão ao Técnico

Realizam-se na segunda e terça-feira próximas, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina os exames da época de Outubro de aptidão aos Institutos Superiores

Técnico e de Ciências Económicas e Financeiras. As provas dos exames para Económicas e Financeiras iniciam-se às 10 horas e as do Técnico às 15 horas.

S. Tomé: mais tempo para pagar

O ministro das Finanças foi autorizado a prorrogar o prazo de amortização do capital de quaisquer empréstimos concedidos e a conceder a S. Tomé e

Príncipe. A autorização deve-se ao facto daquele território ultramarino basear a sua estrutura económica na produção de um reduzido número de bens pri-

mários, cujas cotações no mercado internacional, se caracterizaram, no último triénio por uma sensível deterioração.

Um esclarecimento do pároco de Castelaes de Cepeda

Do rev. Rodrigo da Cunha, pároco de Castelaes de Cepeda, Paredes, recebemos com um pedido de publicação, a carta que a seguir transcrevemos, ainda relacionada com o diferendo que opôs aquele sacerdote ao dr. José Tavares e a uma parte dos habitantes locais:

«A instâncias do sr. presidente da Câmara de Paredes e confirmando a minha carta registada de 6 do corrente, peço a fineza de rectificar a palavra «gritando», relativa ao levantamento de massas, não foi pronunciada por mim. O que eu disse foi que se «fez um levantamento de massas populares que percorreu toda a vila: Mata-se o padre; é um chupista, porque queria 25\$00 por cada figura da procissão», etc. O levantamento refere-se aos espíritos, não às pessoas.

Para bem informar a opinião pública sobre uma ofensa que me é feita, no vosso número 9 do corrente, exibo fotocópia dum documento devidamente autenticado, provando que eu não tive qualquer responsabilidade nem na origem nem na «transmissão» da difamação, pelo que «não envolvi» o nome de ninguém.

Ainda no mesmo objectivo de esclarecer a opinião pública, declaro que as minhas palavras relativas à falência referida, devem ser interpretadas não no sentido jurídico, mas no sentido popular da expressão. Nem a estes nem a outros factos eu quis dar sentido diferente daquele que é publicamente conhecido.

O rev. Rodrigues da Cunha fez acompanhar a sua carta de

uma fotocópia de outra carta assinada por D. Marieta Monteiro de Sousa Campos Ruão e remetida ao bispo do Porto, na qual aquela senhora declara que «o

sr. padre Rodrigues se comportou com toda a dignidade, procurando por várias formas resolver o caso sem que ele chegasse ao meu conhecimento».

BOM APETITE

TONI DOS BIFES

Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80

AMANHÃ
FEIJOADA A PORTUGUESA
ABERTO AO DOMINGO

RESTAURANTE

Quinta S. Vicente

TELHEIRAS DE CIMA, 144
Telef. 790211

RESTAURANTE SNACK-BAR

Colina

Rua Filipe Folque, 46-A
Telef. 560209

AMANHÃ
DOBRADA A COLINA

RESTAURANTE E BAR

HOTEL ALVORADA

ESTORIL

COZINHA PRIMOROSA
E VARIADA

(Contratos especiais em casamentos, baptizados, e banquetes)
Telef. 260070 (Frente do casino)

ESTALAGEM A GRUTA DO RIO

RIO DE MOURO

Telef. 2960535

(Auto-Estrada para Sintra)

ESPECIALIDADES DIÁRIAS
BACALHAU A LAGAREIRA

E
CABRITO NO CHURRASCO

SALAÇÃO PRÓPRIO
PARA BANQUETES

ESTALAGEM D. SANCHO II

(UTILIDADE TURÍSTICA) ★ ★ ★ ★

ELVAS — Telef. 127

COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÁMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA
QUARTOS CONFORTÁVEIS

NO SEU FIM-DE-SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

RESTAURANTE POLÍCIA

AVISO

AVISAMOS OS NOSSOS ESTIMADOS CLIENTES DE QUE O NOSSO RESTAURANTE REABRE AOS DOMINGOS, A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 29, INCLUSIVE

COMUNA TEATRO DE PESQUISA

Diariamente às 21.45

PARA ONDE IS?

Grupo C/14 a.
Praça José Fontana, 12-B
(frente Liceu Camões)
Subsídio Fund. Gulbinkian

PREÇO ÚNICO 20\$00

PRÉDIO

JUNTO ESCOLA TÉCNICA

Grande volume, construç. cimento armado, revestido a marmorite, comp. de 18 inq. habitaç. de 2 e 3 ass. coz. c/ banho, desp. hall.
RENDE 238 200\$. PREÇO 3 500 000\$. MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292 — Telef. 369384/5/6 — 328232/3 — 361756

ESTREIA HOJE ÀS 21,45

Vão matar-me...
porque vi o que não devia ver,
porque amei quem não devia amar...

INIMIGO SEM ROSTO

LA SAIGNEE

Realização de CLAUDE MULOT



BRUNO PRADAL
CHARLES SOUTHWOOD
GABRIELE TINTI
EVA SWANN

com a participação de
FRANÇOISE PREVOST

ALVALADE

Grupo D. 18 anos

EASTMANCOLOR

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

DI/DESPORTOS

INFORMAL

Mário Nobre

1 — Após umas férias (merecidas e bem passadas no Rio e em São Paulo), eis-nos de regresso a Lisboa e ao «Informal». Devo comunicar aos meus leitores que a «Cidade Maravilhosa» está um verdadeiro jardim e que Copacabana ganhou outra dimensão com as obras ali feitas (agora até campos de futebol, com balizas e tudo, possui ao longo das suas praias). Quanto a São Paulo: graças ao «minhocão», aos viadutos, aquedutos e toda a sorte de artimanhas do concreto, está agora uma cidade única no mundo, mais nos parecendo uma urbe de um outro planeta do que daquele (já sem graça nem mistérios) em que habitamos.

2 — Também o futebol praticado nestas duas autênticas metrópoles me pareceu diferente do de há 4 anos: menos fulgurante, mais lento, com menos valores individuais. Por sorte, assisti a dois grandes encontros — que não me deslumbaram —, o Palmeiras-São Paulo, para o título paulista (no Pacaembu), tendo os «esmeraldinos» ganho o torneio, e o Flamengo-Fluminense, para o título «carioca» (no Maracanã), vencido pelos discípulos de Zagalo. Outros encontros importantes (Portuguesa-Corinthians, de que saiu vitoriosa a «lusa» do Canindé, e Santos-América) também tive oportunidade de observar, mas

nenhum me emocionou. Então ocorreu-me uma pergunta: má fase do futebol brasileiro ou hábito já determinado pelo sistema europeu?

3 — Seja como fôr o Brasil continua a ser o país do mundo que maior número de bons jogadores produz para si e para «exportação». E a provar o que digo aí estão Luís Carlos, Wagner, Jorge Gonçalves, Duda, Nino, Renato, Flávio, Celso, Mirabaldo, Adilson e uma infinidade de outros espalhados por clubes da Segunda e Terceira Divisões. Porque qualquer júnior custa em Portugal («sem se saber se dali a um ano ou dois pode vir a ser um bom jogador») centenas de contos, como há dias me confidenciava o dr. Pereira da Silva, eis a razão por que os clubes nacionais se socorrem do mercado brasileiro: mais fácil e económico. Também o meu clube, o Olhanense, que foi dos primeiros a fazer para as suas fileiras gente do Brasil (Pézezinho, Osvaldo Silva, Renato, Edmar, etc.), acaba de contratar mais quatro jovens «craques» do país irmão. Conseguir agora a tal «dupla nacionalidade» é que está sendo o problema...

4 — São eles Toninho (cen-

tro-avante, que jogou no Santos e agora no Esporte Clube Bahia), Gatti (médio apoiador, «reserva» do São Paulo F.C.), Coletti (beque central) e Admir (ponta-de-lança), ambos do Santo André F.C., da Primeira Divisão de São Paulo. Estas contratações, mais as de Barroca (Farense), Sanina e Guta (Benfica) e Diamantino (Tramagal) são motivação para que a sua massa associativa acredite no regresso, este ano, do clube de Olhão à Divisão Principal do nosso futebol.

5 — «Folha de Portugal», o mais recente jornal luso-brasileiro que se publica no Rio de Janeiro (dirigido por um jovem pleno de dinamismo e ideal, Graciano Coutinho), acaba de convidar Joaquim Agostinho para se deslocar à «Cidade Maravilhosa». É que o seu jornal irá realizar a «Volta ao Rio» e, para que a prova adquira aquele interesse indispensável a uma competição dessa envergadura, ninguém melhor do que o categorizado estradista do Sporting (e da «Bic») para atingir esses intentos. Falei há dias com Joaquim Agostinho que demonstrou grande interesse em voltar a correr no Brasil, país que o projectou para o ciclismo internacional,

pois foi na «Volta a São Paulo» («nunca vi tamanho entusiasmo, tanto em Portugal como em França», disse-me) que conheceu Gribaldy. A prova será efectuada nos fins de Fevereiro próximo.

6 — Nesta altura é muito natural que o «caso» Peres esteja já resolvido, uma vez que o Vasco da Gama aceitou as condições propostas pelo Sporting. «Só falta agora ajustar os meus ganhos», disse-me Peres. Segundo julgo saber, esses ganhos seriam 100 contos por mês, o maior salário do Brasil, depois de Pelé e Tostão. Que o excelente «meia» leonino (no meu entender o melhor do mundo no seu lugar) seja feliz na terra do «Zé Carioca» — onde desfruta de sólido cartaz —, eis os meus desejos, que são também os de todos os seus verdadeiros admiradores.

7 — Acabo de receber uma interessante carta de Miltinho, que nos tempos idos de 1957 foi excelente centro-avante no Sporting. Presentemente, Miltinho exerce a profissão de advogado em Niterói e está muito bem de vida. Mas encontra-se cheio de saudades de Portugal. Gostaria, inclusive, de vir treinar um clube da Segunda Divisão. Se alguma agremiação estiver interessada já sabe: o Miltinho está às ordens!

FRAGUITO PUNIDO:
UM MÊS NA BANCADA

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, parece ter posto termo ao «caso» Fraguito. Assim, na sua última reunião, aquele órgão federativo resolveu aplicar cinco contos de multa ao Belenenses



e um mês de suspensão (a contar da data da notificação) ao futebolista. Desse modo, o jovem jogador «leonino» (que actuou em todos os encontros da sua equipa, no campeonato, sem nunca ser substituído) ficará impedido de actuar nos próximos

quatro jogos do «Nacional». Leixões, Boavista, Beira-Mar e União de Coimbra, são os «beneficiados» pelo forçado impedimento do «médio» de Alvalade. Fraguito deverá regressar à actividade na partida (da 12.ª jornada) em que o Sporting receberá a Cuf.

Na mesma reunião, o Conselho deliberou a aplicação de outros castigos, nos quais se destacam os referentes à divisão principal: 1 jogo de suspensão a Valter (Barreirense) «por atitude incorrecta para com o árbitro, agravada por sucessão de faltas»; Vitória de Guimarães e Farense, punidos com multa de 500\$00, «por comportamento incorrecto de uma parte do público»; repreensão por escrito ao Boavista, «por demora na entrada em campo».

Os factos ocorridos no passado domingo após o Montijo-Sporting (que culminaram com a bárbara agressão a Damas) vão ser alvo de um inquérito, uma vez que o relatório do árbitro não foi feito de modo explícito.

Nos restantes castigos, um se destaca tristemente: Cravo (do Seixal) fica impedido de participar nos próximos 8 jogos do seu clube, «por injúria e ameaça de agressão ao árbitro».

AFONSO LACERDA
E A SUA CARTA

Ao cessar as minhas funções de Secretário-Geral da Federação Portuguesa de Futebol, que exerci durante cerca de 14 anos, agrada-me sobremaneira, como dever de correcção, transmitir aos órgãos de informação os mais sinceros e reconhecidos agradecimentos pela forma como fui atendido e compreendido no desempenho da minha actividade, nem sempre fácil, cumprindo-me apresentar desculpas se, uma vez ou outra, não foi possível dar total satisfação aos problemas apresentados.

Circunstâncias de falta de saúde obrigaram-me, efectivamente, a solicitar, já em Novembro de 1971, dispensa do cargo de secretário-geral, embora me oferecesse para continuar a prestar colaboração à Federação Portuguesa de Futebol em serviços menos desgastantes e sugerindo eu próprio uma consequente redução de honorários.

Entre esses serviços sugeridos destacava aqueles para que me considerava mais habilitado e para os quais tinha longa e comprovada experiência notoriamente para «Relações Públicas, Internacionais e com os Órgãos de Informação», visto haver sido criado em 1967, em reunião das Associações, um Gabinete de Imprensa, que nunca foi possível fazer funcionar.

Por razões várias, não se conseguiu dar seguimento executivo à minha pretensão, até porque, entretanto foi indicado e nomeado um novo elenco directivo, que eu não podia, nem devia, abandonar no começo do seu exercício.

Finalmente, inesperadamente e quando me encontrava no estrangeiro no gozo de férias, o assunto foi largamente ventilado no Congresso de 26 de Agosto, tendo sido recomendado que a Direcção ficasse com poderes para o estudar.

No meu regresso do estrangeiro, em 2 de Setembro, recebi uma comunicação directa do dr. Augusto Leite de Faria, digno presidente do Congresso da F.P.F. informando-me de que a Direcção lhe confiara o papel de intermediário, para comigo negociar uma eventual reforma.

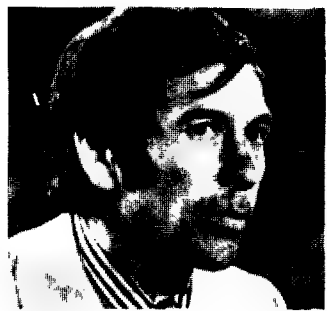
Embora um tanto surpreendido, esta notícia causou-me satisfação, por ver, finalmente, abertas as portas para a solução do meu caso embora com desfecho diferente daquele que eu havia sugerido.

Não foi difícil tratar com o dr. Leite de Faria, a quem rendo homenagens devidas a um grande experimentado e devotado servidor do Futebol, acabando por se encontrar uma plataforma aceite pelas duas partes.

Foi preparado o respectivo contrato, assinado em 15 de Setembro, data em que, em consequência, remeti ao digno presidente do Congresso um documento a solicitar a demissão do cargo, com efeitos imediatos. Deixei, portanto, de ser secretário geral e funcionário da Federação Portuguesa de Futebol a partir de 15 de Setembro de 1972.

Como, até agora, nada foi tornado público no âmbito nacional, sobre as razões e a data do meu pedido de demissão, aproveito a oportunidade para prestar aos órgãos de informação este esclarecimento, que lhes é devido pelo amparo e apoio que sempre generosamente, me dispensaram.

Lisboa, 24 de Outubro de 1972



Por
ANTONIO
MEDEIROS
(treinador de futebol)

A Humanidade tornou-se insaciável das benesses que vão surgindo, do constante trilhar pelos caminhos. E se muitas coisas maravilhosas já hoje em dia foram alcançadas, o homem continua a procurar no intangível o alfa de todas as coisas para, na sua insofrida ânsia de mais e muito melhor, chegar ao ómega. Para isso, socorre-se da sua inteligência, do seu génio inventivo. É assim que vai lutando para que outras coisas ainda mais maravilhosas venham a regalar a Humanidade. Pois a isto se chama Progresso.

Progresso que, é bem evidente, para o qual bastante contribui a especialização das profissões que ao homem competem desempenhar no contexto de uma sociedade constantemente em evolução. Mas (e aqui a razão porque iniciamos esta artigo com o arrazoado supra) no que diz respeito à profissão de futebolista, continua a viver-se num marasmo terrivelmente aflictivo. No desejo de contribuir para que a situação se modifique, aqui estamos a abordar um caso (de entre os muitos outros que pretendemos analisar em oportunidades próximas): vamos tratar dos «volúveis» da arbitragem...

Quando terminei a minha carreira de jogador de futebol, resolvi enveredar pela terrível e difícil profissão de treinador

POLÉMICA

OS VOLÚVEIS

começando por dirigir uma equipa do campeonato secundário; passei depois pela 3.ª Divisão nacional e voltei ao campeonato da minha estreia. Pois foi-me dado assistir àquele tipo de arbitragens que vulgarmente se designam de «caseiras», daquelas em que o juiz do encontro se encarregava de determinar o vencedor. Isso confundia-me sobremaneira, ao ponto de, em certos momentos, ser tomado da maior excitação. É que eu não podia concordar (de forma alguma) com a «impertinência» de alguns desses árbitros.

Horas depois, ao debruçar-me friamente sobre os acontecimentos passados, eu acabava por chegar à conclusão de que, se tivesse por missão dirigir certos encontros de futebol, procederia na mesmíssima forma daquela que anteriormente verberara por imprópria. E como chegava a essa conclusão? Porque me era dado verificar que faltavam aos árbitros, na maioria dos casos, as mais elementares condições de segurança para que pudessem levar a bom termo o desempenho da sua missão: a sua integridade física corria sérios riscos. E por essa razão, estava plenamente justificada a velha frase «mais vale ser um covarde vivo de que um valente morto».

Dessas conclusões todas comeci a desejar ardentemente trabalhar com uma equipa primodivisionária, na convicção de que as condições de trabalho dos árbitros eram óptimas, dado que os principais campos de futebol do País lhes proporcionavam aquela protecção de que estavam isentos nos campeonatos «inferiores».

Poderia, portanto, dirigir a minha equipa em grandes estádios e ser-me-ia possível assistir a arbitragens imparciais.

Só que (no meu sonho) eu olhava completamente um factor: o de que os jogos entre jogadores do futebol profissional eram dirigidos por juizes amadores: esta uma razão de peso.

Não duvido, por uma questão de princípio, que existam árbitros desonestos. Mas estou firmemente convicto de que todo o homem é «penetrável» e que, por uma questão de natural egoísmo pessoal, têm tendência para abraçar sempre o lado mais prático, mais cómodo, de qualquer questão.

Ora se existem jogos de futebol de transcendente importância, nos quais estão em jogo, por vezes, autênticas fortunas, lógico é, que as equipas neles intervenientes, se preparem (com antecedência) até ao mais ínfimo pormenor, no sentido de chamar a si a saborosa vitória. Mas acontece simplesmente que chegado o grande dia, tais equipas vão ser dirigidas por árbitros amadores, que em consciência julgam poder cumprir integral e imparcialmente a sua missão. Mas da humana consciência ao facto material vai um longo caminho, quantas vezes tortuoso. E aqui é que está o busilis...

Quantas vezes sucederá o que vamos aqui apontar? Para uma determinada partida de futebol (em que estão em jogo interesses de peso) é designado para a dirigir o «árbitro tal», que por sinal ou é empregado dum dirigente ou sócio de um desses clubes. Tal «eleito» (belíssimo funcionário) usufrui de interessante posição na empresa (do tal dirigente) e, por sinal, até está prestes a ser promovido a uma categoria que lhe proporcionará um maior desafio na vida mercê dos eventos monetários que tal promoção implicará! Ora eu pergunto: como poderá uma

pessoa, nestas condições, ser juiz imparcial do encontro para que foi designado? Evidentemente que ele é uma pessoa honesta e não lhe passa pela cabeça beneficiar a equipa do seu patrão. Mas o certo é que, sem se aperceber (e isso é um fenómeno da natureza) ele jamais terá uma actuação de imparcialidade.

Também pode suceder que o árbitro amador seja um bom profissional de vendas e tem um cliente que ao longo do ano o beneficia com a aquisição de materiais no valor de alguns milhares de contos, o qual (cliente) por fortuita casualidade, é dirigente de uma colectividade de grande dimensão. Poderá alguma vez esse árbitro - a m a d o r - vendedor - profissional trabalhar com isenção de espírito?

Evidentemente que estes são dois exemplos fictícios que, no entanto, poderão ser semelhantes a muitos outros que se passem na realidade.

Ora para que entre nós se não venham a verificar situações de tal jaez, urge profissionalizar alguns dos nossos melhores árbitros da actualidade e iniciar um programa onde tenham acesso, outros que demonstrem já reunir condições para a profissão. O futebol é (hoje em dia) um espectáculo de importância para a economia das nações: não pode andar à mercê de situações de circunstância.

Não se pode conceber que um indivíduo, vivendo durante 48 horas semanais na situação de «comandante», possa ter idoneidade suficiente para ser «comandante» durante os 90 minutos de um desafio de futebol...

Futebol profissional que não pode comportar amadores.

Futebol que não pode continuar à mercê dos «volúveis»...

DL/DESPORTOS

No mundo do futebol

AJAX ESPERA

Em repetição de jogo para a primeira «mão» da «Taça dos Campeões Europeus», o C.S.K.A. de Sofia bateu o grego Panathinaikos por 2-0. Ao meio tempo havia 1-0 a favor dos búlgaros. C.S.K.A. classificou-se para os oitavos de final, em que será seu adversário o Ajax.

PORTUGAL ADIADO

A equipa de futebol da Alemanha Federal jogará com a selecção da Itália, em 26 de Fevereiro de 1974, em Itália. A selecção da Alemanha deveria primitivamente jogar, na mesma data, com a equipa nacional de Portugal, com vista à preparação das equipas para a «Taça do Mundo» de futebol. No México, na meia final do Mundial de 1970, os italianos venceram os alemães por 4/3.

COMUNIDADE EUROPEIA

Um encontro de futebol entre uma equipa mista irlandesa, dinamarquesa e britânica e uma formação constituída pelos melhores elementos dos seis países do Mercado Comum vai inaugurar, em 3 de Janeiro de 1973, no Estádio de Wembley, um festival que assinalará a entrada da Grã-Bretanha na Comunidade Europeia. Ao apresentar à imprensa o programa deste festival, que se prolongará por 11 dias em todo o país, o presidente da organização (Lord Goodman) fez notar que não se trata de um acontecimento político. O Governo deu no entanto o seu patrocínio, abrindo à comissão organizadora um crédito de 350000 libras (240000 contos). Estão previstas manifestações desportivas, culturais, artísticas e comerciais, com relevo para uma série de concertos a cargo da Orquestra Filarmónica de Berlim (sob a direcção de Herbert Von Karajan) e das orquestras da Rádio da Dinamarca, de Amesterdão e de Paris.

AUSTRÁLIA VENCE

A Austrália venceu a Coreia do Sul por 2-0, num encontro particular de futebol disputado em Seul. Este foi o segundo encontro de uma série que começou domingo passado com um empate por 1-1.

FUTEBOL BRASILEIRO

Resultados dos jogos da 14.ª jornada do campeonato nacional de futebol do Brasil: Nacional-América Mineiro, 1-1; Remo-Coritiba, 0-0; Ceará-Portuguesa, 1-4; ABC-América, 0-1;

CR. Brasil-Grêmio, 0-2; Sergipe-Corinthians, 1-3; Vitória-Boatago, 1-0; Santa Cruz-São Paulo, 2-2; Internacional-Flamengo, 0-0; Vasco da Gama-Cruzeiro, 1-0 e Santos-Palmeiras, 1-0.

A Portuguesa de Desportos (de São Paulo) registou agora a sua primeira vitória. Devido à indisciplina dos jogadores, a direcção da Portuguesa afastou da equipa seis dos seus melhores futebolistas, mesmo sabendo que dificilmente poderá participar na fase final do torneio.

Para completar a jornada faltam os jogos: Náutico-Atlético Mineiro e Baía-Fulminense.

CALOR OBRIGA

O Conselho Nacional de Desportos determinou que as partidas de futebol, em todo o Brasil, de 22 de Dezembro a 22 de Março, de cada ano, só possam realizar-se das 11 às 16 horas, com autorização especial do CND, mediante solicitação fundamentada dos diferentes conselhos regionais de desportos.

Nesta época, em quase todo o Brasil, o calor é muito elevado e os jogos só poderão realizar-se de manhã ou depois das quatro da tarde. Em algumas regiões, favorecidas pela altitude ou pela latitude, poderão, permitir-se os jogos à tarde. Em algumas regiões, favorecidas pela altitude ou pela latitude, poderão permitir-se os jogos à tarde.

BANKS SUBSTITUÍDO

O Stoke City aceitou as condições financeiras (cerca de 30000 libras igual a 1950 contos) propostas pelo Clydebank, da Segunda Divisão Escocesa, para a transferência do seu guarda-redes Michael McDonald, de 21 anos. O Stoke necessita urgentemente de um substituto do seu guarda-redes internacional, Gordon Banks, que num desastre automóvel, se feriu gravemente na vista direita, da qual foram extraídos mais de cem fragmentos de vidro. O cirurgião do clube considera que Banks tem apenas 50 por cento de possibilidades de não ficar cego do olho atingido. Por outro lado, o substituto normal de Banks encontra-se também lesionado. Um informador do hospital onde o «internacional» inglês se encontra internado disse que ele tem melhorado; e a mulher de Banks, Ursula (de ascendência alemã), deu uma indicação mais optimista depois de visitar o marido: «Ele parece ter melhorado muito e já pediu um televisor para poder ver os desafios de futebol, pois a vista esquerda está em condições. Sei que ele tem fé na cura e

eu, embora não saiba se ele pode voltar a jogar futebol, sinto-me feliz por o meu marido estar vivo».

GUARDIÃO FULMINADO

Uma farsa fulminou o guarda-redes da equipa de futebol de Ixtapalapa, arredores da Cidade do México, durante um jogo com outra equipa de amadores. Dois outros jogadores sofreram queimaduras ligeiras e todos os restantes ficaram em estado de choque.

AFINAL, TEVE DE SER

O Chelsea é o primeiro clube britânico a cercar o seu estádio de futebol com uma rede de arame de 2,5 metros de altura. A medida (há dois anos considerada inconcebível pelos ingleses, que se negam a seguir o exemplo já antigo dos campos europeus e sul-americanos) foi adoptada para evitar as brigas cada vez mais frequentes entre os adeptos que, segundo os dirigentes, vêm provocando o afastamento do público dos estádios.

BELGAS EM VEZ DE INGLESES

A Confederação Brasileira dos Desportos já escolheu o substituto da Inglaterra na digressão da selecção de futebol do Brasil à Europa, em 1973. Será a Bélgica; e o encontro foi marcado para o dia 4 de Julho.

JAIR E RIVELINO NA ITÁLIA

O jornalista italiano Geraldo Sanella afirmou (em São Paulo) que os clubes de futebol de Itália (todos constituídos como sociedades anónimas) aumentaram a pressão no sentido de derubar a lei que impede a transferência de futebolistas estrangeiros. Acrescentou que, uma vez libertada a importação, os nomes de Jairzinho e Rivelino serão dos primeiros na lista de estrangeiros visados pelos clubes italianos. Sanella revelou que «a falta de ídolos é o principal problema do futebol italiano da actualidade», o que se reflecte na crescente queda de receitas, em consequência do desinteresse do público.

ESTÁDIO DE MOÇÂMEDES

Depois de se darem como certas as presenças das equipas de futebol da Portuguesa de Santos (primeiro) e do Farense (depois), para a inauguração do Estádio Municipal «Alípio Pinheiro da Silva», acabou por ficar definitivamente assente que a inauguração se fará no dia 26 de Novembro próximo com a realização de um jogo de futebol entre as equipas angolanas do Sport Huambo e Benfica (campeão Estadual de 1972) e do Independente de Porto Alexandre (tri-campeão de Angola nas épocas de 1969, 1970 e 1971 e 3.º classificado em 1972).

A FERNANDO O QUE É DE FERNANDO

Por lapso que pretendemos remediar, saiu na crónica do jogo entre os Cufistas e o Kaiserslautern que Fernando Caiado havia partido copos que se encontravam sobre um tabuleiro. Em boa verdade o facto sucedeu, mas o seu autor foi Fernando (o «capitão») e não Fernando Caiado o treinador).

PALESTRA DE ÁRBITROS

Realiza-se hoje, pelas 21 e 15, na Comissão Regional de Árbitros de Futebol de Coimbra, a 4.ª sessão do «VI Ciclo de Palestras», com a apresentação de um trabalho sobre a Lei IV pela equipa chefiada por José Mateus Barreirinhas, com comentários pelo Eulclides Monteiro Ferreira, seguindo-se um colóquio.

Europa no patamar do mundial-1974

A maior surpresa das jornadas de abertura das séries europeias de qualificação para o Campeonato do Mundo de 1974 foi a derrota da Rússia contra a França, no encontro disputado em Paris. O golo que Barreto conseguiu foi o suficiente para garantir a vitória dos franceses, neste primeiro encontro do Grupo 9. Mas a equipa da U.R.S.S. conseguiu, cinco dias mais tarde, ressarcir-se dessa derrota, indo a Dublin bater o Eire por 2-1.

Sempre os russos se têm qualificado para a fase final do Campeonato do Mundo, mas não possuem agora uma equipa de verdadeira classe, muito embora se hajam classificado no segundo lugar do Campeonato da Europa deste ano.

Os países que se qualificaram neste Grupo 9 têm ainda outro obstáculo a vencer: defrontar os vencedores do Grupo 3 (da América do Sul) no qual estão incluídos o Peru, o Chile e a Venezuela.

Os resultados dos encontros até agora verificados (aparte o França-Rússia) não forneceram surpresas de monta e nenhuma equipa tem jogado com suficiente denodo e convicção de forma que leve a pensar virem a surgir problemas para a Alemanha Federal, cuja equipa representativa se apresentou em grande plano no Verão, arrebatando o título de campeão europeu.

No Grupo 1 o comandante é a Hungria. A equipa magiar, contudo, perdeu pontos vitais ao ceder empates em jogos disputados fora, contra a Suécia e a Áustria. Em Estocolmo não se conseguiram marcar golos e o resultado em Viena foi de 2-2. Apesar disso, a Hungria (que foi a finalista derrotada, contra a Alemanha, em 1954) deve conseguir a qualificação, pois a Áustria, que averbou a soma de cinco pontos em três jogos, tem agora de actuar em Malta, na Hungria e na Suécia.

A Itália parece lançada para o lugar cimeiro do Grupo 2, (onde apenas se fizeram três jogos) mas os jogadores transalpinos conseguiram já uma vitória e um empate nos encontros disputados no Luxemburgo e na Suíça, o que lhe abre grandes possibilidades. Contra a Suíça, porém, a turma italiana demonstrou não se resolver ainda a abandonar as suas táticas defensivas, muito embora o tenham prometido fazer logo após serem eliminados pela Bélgica, nos quartos-de-final do torneio europeu.

No Grupo 3, a Bélgica conquistou o máximo dos pontos em três jogos. Tal facto não causa admiração, se verificarmos que os seus opositores foram a Islândia e a Noruega, cujo potencial futebolístico quase não conta no contexto europeu. E a prova da sua verdadeira capacidade terá de ser dada quando defrontar a Holanda (que não fez ainda qualquer jogo) no dia 19 de Novembro.

A Finlândia comanda o Grupo 4, com três pontos em três jogos; mas a melhor equipa deste Grupo parece ser a da Alemanha Oriental,

que marcou cinco golos à Finlândia, no seu primeiro encontro. Por sua vez, a Roménia não conseguiu melhor resultado do que o empate a uma bola contra a mesma Finlândia.

Quanto ao Grupo 5, a Inglaterra (campeã mundial em 1966) tem todas as possibilidades de vir a ser o vencedor. Como seus opositores estão o País de Gales e a Polónia. O primeiro encontro desta série realiza-se em 15 de Novembro, dia em que a turma inglesa vai a Cardiff defrontar os seus «amigos» do País de Gales.

O Grupo 6 tem como «leader» Portugal, com o máximo de pontos em dois jogos. Todavia, a escassa vitória de 1-0 conseguida pela nossa representação em Nicósia, dá motivo a pensar-se que não serão poucas as dificuldades a encontrar no jogo contra a Bulgária que, no seu terreno, bateu a Irlanda do Norte por 3-0.

Apenas um jogo se efectuou no Grupo 7: foi o Espanha-Jugoslávia, em Las Palmas, tendo o resultado final sido de 2-2. Os nossos vizinhos terão de tomar bastante cuidado se quiserem obter a classificação. O outro componente deste grupo é a Grécia, que espreita a sua oportunidade.

O Grupo 8 apenas teve, também, um único embate. Nele, a Escócia derrotou a Dinamarca, em Copenhaga, por 4-0. Os escoceses mostravam verdadeiro jogo de equipa, factor que pode vir a ser decisivo contra a Checoslováquia, cuja equipa representativa lhes roubou a possibilidade de estar presentes na final de 1966.

CLASSIFICAÇÕES

Depois dos jogos já disputados nas várias séries, são as seguintes as posições dos clubes com vista à escalada para a fase final do Campeonato do Mundo de 1974:

GRUPO 1

J. V. D. E. GOLOS P.

Hungria		4	2	0	2	7-2	6
Austria		3	2	0	1	8-2	5
Suécia		3	1	1	1	7-2	3
Malta		4	0	4	0	0-15	0

Marcadores: Hickersberger (Áustria), 3; Edstroem (Suécia), 3; Bene (Hungria), 3; Larsson (Suécia), 2 e Kocsis (Hungria), 2.

GRUPO 2

J. V. D. E. GOLOS P.

Itália		2	1	0	1	4-0	3
Luxemb.		2	1	1	0	2-0	2
Suíça		1	0	0	1	0-0	1
Turquia		1	0	1	0	0-2	0

Marcadores: Riva (Itália), 2; Chinaglia e Capello (Itália), Dussier e Braun (Luxemburgo), um cada.

GRUPO 3

J. V. D. E. GOLOS P.

Bélgica		3	3	0	0	10-0	6
Noruega		2	1	1	0	4-3	2
Islândia		3	0	3	0	1-12	0
Holanda		-	-	-	-	-	-

Marcadores: Poleunis e Lambert (Bélgica), três cada; Van Himst, Janssens, Dockx (Bélgica), um cada.

GRUPO 4

J. V. D. E. GOLOS P.

Finlândia		3	1	1	1	2-6	3
Al. Orient.		1	1	0	0	5-0	2
Roménia		1	0	0	1	1-1	1
Albânia		1	0	1	0	0-1	0

Marcadores: Sparwasser e Streich (Al. Oriental), dois cada; Kreische (Al. Oriental), Rissanen e Toivola (Finlândia), um cada.

GRUPO 6

J. V. D. E. GOLOS P.

Portugal		2	2	0	0	5-0	4
Bulgária		1	1	0	0	3-0	2

Grécia		-	-	-	-	-	-
Ir. do N.		1	0	1	0	0-3	0
Chipre		2	0	2	0	0-5	0

Marcadores: Bonev (Bulgária), 2; Kolev (Bulgária), Jordão, Humberto Coelho, Nenê, Artur Jorge e Chico (Portugal), um cada.

GRUPO 7

J. V. D. E. GOLOS P.

Espanha		1	0	0	1	2-2	1
Jugosl.		1	0	0	1	2-2	1
Grécia		-	-	-	-	-	-

Marcadores: Bajevic (Jugoslávia), 2, Amaro e Asensi (Espanha), um cada.

GRUPO 8

Escócia		1	1	0	0	4-1	2
Dinam.		1	0	1	0	1-4	0
Checosl.		-	-	-	-	-	-

Marcadores: Macari, Bone, Harper e Morgan (Escócia), um cada.

GRUPO 9

J. V. D. E. GOLOS P.

França		1	1	0	0	1-0	2
Rússia		2	1	1	0	2-2	2
Eire		1	0	1	0	1-2	0

Marcadores: Fedorov e Ketotov (Rússia) Barreto (França), e Conroy (Eire), um cada.

A final deste Campeonato será disputada na Alemanha Federal. Estão isentos desta série de apuramento o país organizador e o Brasil (actual campeão mundial).

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas

CASAS PARA ALUGAR

Para prédios que administramos, temos andares para alugar, tanto em Lisboa, como na Amadora, Damão, Queluz, Almada, Alverca, N. E. N. Barreiro, Loba de Cascais, etc.

Não cobramos aos inquilinos qualquer importância a título de comissão.

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES INVEJA, LDA.

LISBOA - Rua dos Sapateiros, 231, 1.º
Telef. 3 47 55 - 36 93 84

ADEGA MESQUITA

COMUNICA A TODOS OS EX.ºS CLIENTES QUE, AMANHÃ, SÁBADO, SE ENCONTRA RESERVADA A SUA SALA PARA VIR JANTAR.

DL/DESPORTOS

CRUZEIRO COMENTA HÓQUEI ANGOLANO

«Quando em Angola se dispuserem de infra-estruturas válidas, desde dirigentes a técnicos, não tenho dúvidas em afirmar que a metrópole passará para segundo plano. Em Angola há carência de técnicos. Há falta de um plano de trabalho. Quando se quiser trabalhar a sério, com dedicação, estou certo de que o hóquei de Angola ultrapassará o hóquei da metrópole, pois matéria-prima não falta. Creio que em Moçambique o problema será idêntico, pois o

nível de hóquei entre os dois Estados é semelhante» — afirmou ao matutino «Diário», de Lourenço Marques, o antigo «internacional» Fernando Cruzeiro, que se afastou do hóquei em patins aos 27 anos de idade.

Foi 111 vezes «internacional»: duas vezes campeão do Mundo, outras tantas da Europa, cinco vezes vencedor da «Taça das Nações», e três vezes campeão nacional.

Fernando Cruzeiro, que esteve em Lourenço Marques já a

acompanhar a equipa de hóquei em patins do BCA, de Luanda de cujos juniores e infantis é treinador — confrontou o hóquei do seu tempo com o que se pratica actualmente, afirmando:

«Podem chamar-me saudosista, mas não tenho dúvida em afirmar que o hóquei então praticado era superior ao actual. No meu tempo havia mais conjunto, havia interesse em fazer jogar a equipa, e os valores positivos eram em maior número.

Finalmente a homenagem aos hoquistas campeões do "Mundial" de 1947

Finalmente determinada a cerimónia que se impunha e da qual há muito se falava: a da homenagem aos componentes da equipa que, pela primeira arrebataram para Portugal o título maior do hóquei patinado mundial, até aí pertença indiscutível dos homens da loira Albion.

A primeira sessão do acto festivo decorrerá no dia 4 de Novembro (sábado), no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, precisamente o local onde, em 1947, aconteceu o primeiro grande feito do hóquei em patins português. Aí, no intervalo entre dois jogos que se realizam a contar para o presente Campeonato Nacional, será prestada a homenagem pública aos participantes na jornada de glória de há 25 anos. O director-geral dos Desportos fará o elogio dos homenageados e, depois, proceder-se-á à distribuição de medalhas comemorativas do acontecimento, mandadas cunhar especialmente para o efeito.

No dia seguinte, o programa prossegue com os seguintes actos:

Às 15 horas, romagem de saudade à campã do cap. Santos Romão, presidente da Federação Portuguesa de Patinagem à data do acontecimento e grande impulsionador da modalidade no nosso País.

Às 16 horas, na Federação, passagem de filmes evocativos das presenças da selecção portuguesa nos Campeonatos da Europa e do Mundo desde 1949 a 1972, comentados por Emídio Pinto e António Raio.

Às 19 horas, reunião da Comissão Organizadora do Museu do Hóquei em Patins, com a presença de Tito Moreira Rato, nome que a Comissão escolheu para ser dado ao Museu.

Às 20 horas, jantar no Hotel Avenida Palace, onde os primei-

ros Campeões do Mundo jantaram, precisamente há 25 anos.

No final, proceder-se-á à distribuição de emblemas em ouro comemorativos do 50.º aniversário da Federação Portuguesa de Patinagem, a todos os Presidentes da Direcção, desde 1922 a 1970. Palavras de Gaudêncio Costa, sócio honorário e de mérito da Federação Portuguesa de Patinagem e vice-presidente da Federação Internacional, encerram as comemorações.

COLISEU HOJE

(Grupo B M. 10 anos)

ESTRELA DA 2.ª COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

As maiores atracções com os célebres

MARIACHI conjunto cantante de Gualajara

O México com as suas lindas e variadas canções

AMANHÃ

À TARDE entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos

À NOITE podem assistir crianças a partir dos 6 anos

BILHETES A VENDA

A quem interessar

SORTEIO DA TAÇA UEFA NO DIA 10 EM ZURIQUE

Cumprida a 1.ª «mão» da segunda eliminatória dos torneios europeus, a UEFA marcou já data e local dos sorteios da 3.ª eliminatória da Taça UEFA, já que esta competição terá de cumprir uma ronda mais do que a «Taça das Taças» e a «Taça dos Campeões Europeus», dado o número de participantes ser o dobro do que o daqueles torneios.

Assim, os clubes que alimentam esperanças em continuar na prova podem começar a pensar no próximo dia 10 de Novembro, pois será nesse dia que a sorte vai andar à roda. Como local, a UEFA escolheu desta feita, a cidade suíça de Zurique.

SENHORES CAPITALISTAS!!!

COLOCAI O VOSSO DINHEIRO
NAS MELHORES CONDIÇÕES
COM GARANTIA HIPOTECÁRIA
AO JURO DA LEI.

A CONFIDENTE

RUA DO OURO, 292-1.ª — LISBOA
Telef. 369384/5/6



SUCESSO SEIBERLING!



1º classificado português
6º » da GERAL

GIOVANNI SALVI ■ LUIGI VALLE

PORSCHE 911S

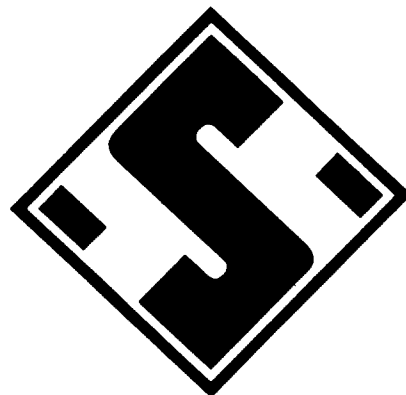
1º classificado sul-africano
9º » da GERAL

J. KUUN ■ J. KASSELMAN

VOLVO

Os vencedores foram equipados
e assistidos por

**pneus
SEIBERLING**



bolso

de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4	-	-	-
Cons 3	-	-	595\$
Cons 3 1/2	-	-	-
Centenários	-	-	-
Tes 5 % 57	1.000\$	1.000\$	1.000\$
Fvter 1 a s	-	-	630\$
Extern 1 a c	-	-	632\$
Extern 3 a s	-	-	760\$
Extern 3 a c	-	-	-
Caut 3 a s	-	-	-

FUNDOS PÚBLICOS	Efect.	Compra	Venda
A Lx 6 %	-	945\$	950\$
C M L 5 3/4	997\$	996\$	1.000\$
C P 5 5/8 % 67	940\$	-	-
C P 5 5/8 % 68	-	-	-
C P 5 5/8 % 69	-	-	-
Corr 5 3/4 %	-	950\$	-
Melr 5 3/4 %	980\$	955\$	960\$
Tur 5 3/4 %	1.000\$	1.000\$	1.005\$
C P 6 3/4	1.028\$	1.025\$	1.030\$

ELECTRICAS	Efect.	Compra	Venda
G 5 % 58	-	-	-
G 5 % 59	-	-	-
G 5 % 60	-	-	-
G 5 % 61	-	-	-
G 5 % 62	-	-	-
G 5 % 63	-	-	-
G 5 % 64	-	-	-
G 5 % 65	-	-	960\$
G 5 % 66	-	-	990\$
G 6 % 67	-	-	-
G 6 % 68	-	-	-
G 6 % 69	-	-	-
H E C 5 %	-	740\$	-
H E C 6 %	930\$	930\$	935\$
H E D 5 %	750\$	740\$	750\$
H E D 6 %	-	925\$	930\$
H E N P 5 %	-	-	-
H E S E 5 %	-	-	-
H E S E 6 %	-	935\$	-
H E Z 5 % 57	-	-	-
H E Z 6 %	-	-	-
N Elec 5 %	-	-	760\$
N Elec 6 %	-	920\$	-
Termoele 5 %	750\$	750\$	-
U E P 5 % 60	-	-	-
U E P 5 % 63	-	-	-
U E P 6 %	-	-	910\$

DIVERSAS	Efect.	Compra	Venda
A P T 5 % 56	-	-	-
A P T 5 % 58	-	-	-
Lisnave 6 %	870\$	-	-
Nitratos 60	-	970\$	-
Pet 2 a 6 3/4	-	-	-
Sacor 7 %	1.035\$	1.032\$	1.035\$
Sacor 8 %	990\$	980\$	-
Sid 5 % 2 a	-	860\$	-
Sid 5 % 3 a	-	-	-
Sid 5 % 4 a	-	715\$	-
Socel 5 %	-	-	715\$
U Fabril 67	-	930\$	-
U Fabril 68	-	945\$	-

ULTRAMARINAS	Efect.	Compra	Venda
Carbonil 5 %	-	400\$	-
Rev 5 % 57	-	650\$	-
Rev 5 % 59/60	-	650\$	-
Moçamb 5 %	-	400\$	-
Sonefe 5 %	-	-	810\$

ACÇÕES	Efect.	Compra	Venda
De Bancos			
Agricultura	3.420\$	3.420\$	3.440\$
Alentejo	1.400\$	1.400\$	1.410\$
Angola	3.990\$	3.990\$	4.000\$
Cred. Predial	4.880\$	4.880\$	4.900\$
Esp. Santo	11.480\$	11.480\$	11.480\$
Forgento	5.550\$	5.500\$	5.600\$
F. Burnay	51.000\$	51.000\$	52.000\$
N. Ultr. m.	5.220\$	5.220\$	5.250\$
N. Ultr. c.	6.600\$	6.590\$	6.630\$
Portugal n.	-	-	4.600\$
Portugal p.	6.600\$	6.550\$	-
P. Atlântico	12.100\$	12.100\$	12.200\$
Totta Açores	6.450\$	6.450\$	6.500\$
Algarve	2.200\$	2.200\$	2.220\$
Borges & Irmão	6.000\$	5.950\$	6.010\$

J. BURNAY, LD^a

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

GERAL	20-10-72	26-10-72	27-10-72
METROPOL	144,1	196,9	197,5
ULTRAM	157,8	202,3	202,9
		157,0	157,8

De Seguros	20-10-72	26-10-72	27-10-72
Alentejo	180\$	178\$	180\$
Bonança	10.000\$	10.000\$	12.000\$
Imperio	-	-	22.000\$
Mundial	1.395\$	1.390\$	1.395\$
Soberana	-	-	-
Tranquilidade	-	100.000\$	-

Electricas	20-10-72	26-10-72	27-10-72
C P E p	1.096\$	1.096\$	1.098\$
C P E n	1.080\$	-	1.090\$
E Beiras	-	-	1.750\$
G Elec c	325\$	325\$	326\$
H E A A	157\$	155\$	158\$
H E N P	-	245\$	250\$
H E S E	-	1.550\$	1.650\$
U E P	187\$	187\$	188\$

Ultramarinas	20-10-72	26-10-72	27-10-72
Ag. Cassequei	980\$	980\$	990\$
Ag. Incomati	-	2.300\$	2.500\$
Ag. S T e P	-	-	180\$
Ag. Angola	-	-	-
Alg Angola	-	180\$	188\$
Ang. Agric	-	600\$	650\$
Boror	-	120\$	-
Boror Com	-	-	-
Buzi	-	-	78
Cabinda	-	-	-
Com Lobito	620\$	620\$	625\$
D A T 100	1.830\$	1.810\$	1.850\$
H E Revue	-	-	-
I do Princ.	-	350\$	-
Moçambique	-	165\$	170\$
Sonefe n	-	-	-
Sonefe p	370\$	360\$	370\$
Zambézia	59\$	59\$	60\$

Diversas	20-10-72	26-10-72	27-10-72
Ag Lx ant	-	410\$	-
Ag Lx 34	-	450\$	480\$
Ag Lx 36	-	405\$	-
Cel. Guadiana	-	-	-
C. Leiria p	8.300\$	8.200\$	8.500\$
C. Tejo p	25.000\$	-	25.000\$
F. Ramada	1.210\$	1.200\$	1.210\$
Fornos Elect	1.390\$	1.390\$	1.400\$
P. Celulose	4.500\$	4.400\$	4.500\$
Siderurgia n	2.650\$	2.650\$	2.700\$
Socel	3.600\$	3.500\$	3.600\$
Cidra	8.700\$	8.600\$	8.750\$
C. U. F.	2.680\$	2.650\$	2.690\$
Intar	550\$	548\$	550\$
Nitratos	-	-	1.000\$
Petroquímica	970\$	950\$	970\$
Sacor	3.550\$	3.520\$	3.550\$
Tab. Portugal	-	3.400\$	3.600\$
Tabaqueira	-	7.200\$	7.400\$
U. F. Azoto	-	-	750\$
Empor	-	240\$	-
Ind. Alcança	-	-	-
I. P. Colon	1.050\$	1.030\$	1.050\$
Nac. Naveg	-	-	3.400\$
Naveg. (Col)	-	2.000\$	2.100\$
P. Pesca	-	-	1.000\$
Matur	-	-	-
R. Marconi	-	-	950\$
TAP	1.220\$	1.220\$	1.250\$
Compal	-	530\$	580\$
Salvor	-	-	1.200\$
Penina	-	-	1.250\$
Lisnave	12.500\$	12.400\$	12.450\$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS	Efect.	Compra	Venda
Atlântico	-	-	-
F I D E S	-	-	-

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rand	28\$50	31\$50
Alemanha Marco	8\$25	8\$55
América	-	-
Dollars de 1 a 2	26\$20	26\$90
Dollars de 5 a 20	26\$50	27\$30
Dollars de 50 a 1000	26\$60	27\$40
Argentina Peso Novo	-	-
Austria Schilling	1\$16	1\$21
Bélgica Franco	\$59	\$62
Brasil Cruzeiro	3\$50	4\$30
Canadá Dólar	27\$00	27\$70
Dinamarca Coroa	3\$60	4\$00
Espanha Peseta	\$415	\$435
Francia Franco	\$635	\$665
Holanda Florim	\$815	\$845
Inglaterra Libra	64\$50	67\$00
Itália Lira	\$043	\$0465
Marrocos Dhran	\$600	\$650
Noruega Coroa	3\$90	4\$20
Suécia Coroa	5\$50	5\$80
Suiza Franco	7\$00	7\$25
Ouro	-	-
Inglaterra Libra Isabel	47\$600	50\$800
Inglaterra 1/2 Libra	410\$00	430\$00
Ouro fino Barra	57\$00	61\$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Prédio 2, Rua do Ouro, 52, Tel. 321273

televisão

HOJE

1.º PROGRAMA (22.00)

«OS HOMENS DE SHILOH»
O episódio de hoje intitula-se «O Grande homem».

2.º Programa (22.35)

ENCONTRO COM O MUNDO
«OS TESOUROS DE TUTANCAMON»
Howard Carter conta-nos a história da descoberta do túmulo de Tutancamón.

MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE	AMANHÃ
1.º Programa	1.º Programa
1.º Período	12.45 Abertura e desenhos animados.
12.45 Abertura e desenhos animados	13.00 O caso da semana
13.00 Feminino singular	13.15 Viver no campo
13.15 Nanny e o professor.	13.45 Telemundo — 1.ª edição
13.45 Telemundo — 1.ª edição	14.00 Dó, Lá, Si
14.00 Conheça o Portugal desconhecido	14.25 Hoje pode ver
14.15 Logo à noite	14.35 Daniel Boone
2.º Período	15.20 As flores e o seu mundo
14.40 Ciclo preparatório TV	15.40 Tarde de Ópera «As Bodas de Figaro»
19.00 TV Educativa	17.00 Handebol - Atlético-Almada.
19.30 Telemundo — 2.ª edição.	18.15 Nos as mulheres
19.45 TV Palco	18.40 Documentário
20.15 Cariz TV	19.05 Danças e cantares
20.45 Concerto	19.30 Telemundo — 2.ª edição.
20.55 Cinemateca	19.45 E a vida continua
21.30 Telemundo — 3.ª edição.	20.00 Movimento
22.00 Os homens de Shiloh	21.00 Se bem me lembro...
23.30 Telemundo — 4.ª edição	21.30 Telemundo — 3.ª edição.
23.45 Meditação e fecho.	22.00 Orgulho e preconceito.
2.º Programa	22.00 Convívio musical
20.30 Abertura e Desenhos animados	23.30 Telemundo — 4.ª edição
20.45 Vária	23.45 Meditação e fecho.
21.05 Nanny e o professor	2.º Programa
21.30 Telemundo — 3.ª edição.	20.30 Abertura e desenhos animados
22.05 Variedades	20.45 O caso da semana
22.35 Encontro com o mundo.	21.00 Viver no campo
23.30 Fecho.	21.30 Telemundo — 3.ª edição.
	22.00 Noite de cinema
	23.30 Fecho.

Tem moedas antigas para vender?

Quer ampliar a sua colecção?

Deseja conhecer a maior colecção de moedas portuguesas (cerca de 5.000 exemplares)?

Consulte o DEPARTAMENTO de NUMISMÁTICA do

BANCO PINTO DE MAGALHÃES

EMISSION 1. PROGRAMA	EMISSION 2. PROGRAMA	EMISSION 3. PROGRAMA
16.00 Noticiário - melodias do cinema	16.45 Musica de vanguarda: Nomos Alpha de Xenakis pelo violoncelista Pierre Penasson	20.00 Nota de abertura
16.30 Convívio, programa da juventude	17.05 Musica de tecla: Pavana à Mãe de Hungaria, de Picchi	21.00/24.00 Quadrante 2-9-0
16.55 Ao encontro da melodia	17.30 O compositor do mês - Richard Strauss: selecção da obra «O Cava leiro da Rosa»	21.05 Musica para meditar
18.30 Forças Armadas, programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional	18.00 Musica e musicos portugueses, por Nuno Barreiros	21.32 Impacto
19.10 Passatempo musical	20.00 Diário sonoro	22.30 Quando o telefone toca
19.30 Recordar e viver, por Maria Natália Bispo	20.20 Musica de arco: Quatro Danças Gregas, de Skalkotas	23.05 Rubrica do Inspector Varatojo
20.00 Diário sonoro	20.30 Concerto pelo coro da Basilica da Estrela, dir. por Manuel Carlos de Brito	23.15 Tempo de fado
20.20 O guitarrista Franz Löffler	20.45 Sinfonia dos Brinquedos, de Leopoldo Mozart Joseph Haydn	23.30 PBX
20.30 9.º episódio do filme «O Musico Cego»	21.00 Concerto	23.30 A noite é nossa
20.50 Solos de órgão	21.30 Emissão em linguas estrangeiras	06.00 Diário rural
21.00 Momento 72	01.15 Fecho	07.00 Talismã
21.30 Língua portuguesa pelo dr. António Dias Miguel	Estereofónico - MF 2	MF
21.40 Ao sabor da fantasia	21.00 Musica ligeira variada	16.04 Programa CDC
22.00 Dia a dia com a ciência pelo dr. Marques da Costa	22.00 Intercâmbio musical. Festival Internacional de Lausana de 1972 (1.ª parte)	17.07 O nosso programa
22.15 Guitarradas, pelo Conjunto de António Luís Gomes	22.50 Intercâmbio musical (2.ª parte)	19.04 Vértice
22.30 Ritmos de todo o mundo	23.01 Intercâmbio musical (2.ª parte)	20.00 Nota de abertura
23.05 De um dia para o outro, por Fernando Correia	23.40 Quarteto em sol maior, para glauta de bisel, oboé, violino e violoncelo de Telemann	21.02 Boa noite em FM
00.30 Diário sonoro	23.50 Duas sonatas	22.02 Programa à gô-gô
00.45 Escala na madrugada, por Pedro Moutinho	01.00 Fecho	23.00 Noticiário programa à gô-gô (continuação)
02.00 Fecho		00.02 Em órbita-dois
MF 1 de Lisboa		01.02 Banda sonora Sôfopoi
23.00 Sinal horário - rádio universidade		02.00 Perspectiva
00.30 Junção com o programa		03.00 Fecho
2.º Programa		RADIO RENASCENÇA
16.00 Ciclo do barroco italiano		16.00 Noticiário
		16.05 Radiograma
		17.00 Noticiário
		18.00 Guitarradas
		18.21 Boletim litúrgico
		18.30 Terço e bênção da Basilica dos Martires
		19.00 Jornal diário
		19.30 Página 1
		21.00 Noticiário
		21.05 Meditação
		21.08 Programa dos sócios
		22.00 Quando o telefone toca
		22.30 Esquema 3
		23.00 Noticiário
		12.05 A 23.ª hora

Teatros e serviços

LISBOA

AJUDA:
Lopes, Rua do Cruzeiro, 117
(Tel. 633288); **Boa Hora**,
Rua dos Quarteis, 25 (Tel.
637777)

ALFAMA:
Arnali, Rua das Escolas Ge-
rais, 88-A (Tel. 863940)

ALTO DO PINA:
Zional, Rua Morais Soares,
56-C (Tel. 847708)

ALTO DE S. JOÃO:
Nova Luz, Rua Domingos
Jardo, 28-A (à Av. Afonso
III) (Tel. 843439)

ALVALADE:
Alvalade, Avenida da Igreja,
18-A (Tel. 712070); **Neote-
rapiá**, Campo Grande, 138
(Tel. 774682); **Paris**, Rua Rei-
naldo Ferreira, 5-A (ao Pote
de Água) (Tel. 710331); **Cas-
parinho**, Rua dr. Gama ar-
ros, 5-A (Tel. 710465); **Ideal**,
Avenida Gago Coutinho, 49-
A (Tel. 712803); **Onida**, Ave-
nida João XXI, 13-A (Tel.
726848)

ANJOS:
S. José, Rua dos Anjos, 41-
A (Tel. 50730)

AREIRO:
Vera Cruz, Praça Afrânio
Peixoto 2-B (Tel. 724941)

ARROIOS:
Oriental de Lisboa, Rua de
Arroios, 215 (Tel. 45079)

AVENIDAS NOVAS:
Cosmos, Avenida João Cri-
stóvão, 44-C (Tel. 40582); **Miranda**, Campo Pe-
queno 36-C (à esquina da
Avenida da República) (Tel.
43495); **Universal**, Rua
Astor Taborda, 5 (Tel. 44158)

BAIRRO ACTORES:
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à
Fonte Monumental) (Tel.
842152)

BAIRRO AMÉRICA:
Martins, Rua Fernão Maga-
lhães, 33 (Tel. 849448)

BAIRRO DAS COLÓNIAS:
Colonial, Rua Forno do Tijo-
lo, 40 (Tel. 841122)

BAIRRO DA ENCARNACÃO:
Zira, Praça das Casas No-
vas, lote 66 (Tel. 310172)

BAIXA:
Centro Farmacêutico, Rua
das Portas de Santo Antão,
86 (Tel. 321211); **Unifa**,
Rua da Vitória 21 (Tel. 323793)

BENFICA:
Benfica, Estrada de Benfica,
678-E (Tel. 702532); **Sou-
sa**, Estrada de Benfica, 429
(Tel. 780027)

CAMPOLIDE:
Central, Rua General Tabor-
da, 17 (Tel. 680304)

CAMPO PEQUENO:
Miranda, Campo Pequeno,
36-B (à Av. Sacadura Ca-
bral) (Tel. 770776)

CAMPO DE OURIQUE:
Ivone, Rua Silva Carvalho,
232-C (Tel. 650760); **Por-
fírio**, Rua Francisco Me-
trass, 59 (Tel. 663349)

CARNIDE:
Leal de Matos, Rua Neves
Costa, 33 (Tel. 780181); **Ben-
fica**, Estrada de Benfica,
678 (Tel. 702532)

CONDE REDONDO

Salutar, Rua Conde Redon-
do, 9-A (à Gomes Freire)
(Tel. 533411)

ESTRELA:
Paivas Parede, Rua de San-
to António, 98 (Tel. 665196)

LAPA:
Silva, Rua S. João da Mata,
72 (Tel. 661010)

LUMIAR:
Alameda, Alameda das Lin-
has de Torres, 201-B (Tel.
790942); **S. Tomé**, Estrada
do Desvio, lote 12-C (Tel.
790704)

OLIVAIS:
S. Paulo, Rua José Campos,
lote 823 (à Estrada de Mos-
cavide) Olivaiss Sul (Tel. 310711); **Higiene**, Rua Cida-
de Vila Cabral, lote 43 (Oli-
vais Sul) (Tel. 310026)

PICHELEIRA:
Marluz, Calçada da Pichelei-
ra, 140-B (Telefs. 720703-
728395)

POÇO DO BISPO:
Marvila, Rua Direita de Mar-
vila, 25 (Tel. 381612)

PONTINHA:
Pontinha, Estrada de Santo
Elói, lote SE 4 (Tel. 990220)

QUELUZ:
André, Avenida Elias Gar-
cia, 151 (Tel. 950043); **Que-
luz**, Avenida Miguel
Bombarda, 123-A (Tel. 951841)

SACAVÉM:
Santos, (Tel. 2518025)

PALHAVÁ:
Laranjeiras, Rua Filipe da
Mata, 160 (Tel. 761035)

PAMPULHA:
Pinheiro, Rua Presidente Ar-
riaga, 16 (Tel. 691054)

PICHELEIRA:
Luzmar, Rua João Nascimen-
to Costa, 16-A (Telefs.
728395-720703)

RESTELO:
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-
A (à encosta do Restelo) (Tel.
612248)

SANTO AMARO:
Dilema, Rua Aliança Ope-
rária, 49-A (Tel. 636620); **Costa**,
Rua dos Lusíadas, 30
(Tel. 636704)

REGO:
Pratas Mota, Rua da Benefi-
cência, 91 (Tel. 773728)

LINHA DE CASCAIS

ALGES:
Branco, Av. Comb G Guer-
ra, 29 (Tel. 2 208)

CAXIAS:
Nova, Rua Bernardim Ribei-
ro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS:
Godinho da Silva, Av. Pa-
trão Lopes, 4 (Tel. 2432039)

OEIRAS:
Central, R. João Teixeira Si-
mões, 8 (Tel. 2430058)

PAREDE:
Brandão, Av. da República,
77-C (Tel. 247 054)

S. PEDRO DO ESTORIL:
S. Pedro, (Tel. 263052)

ESTORIL:
Parque, Arcadas do Parque,
3 (Tel. 260 9)

CASCAIS:
Misericórdia, R. Regimento
9, 4 (Tel. 280 4); **Cas-
cais**, R. Conde Monte Real
- B-Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA:
Dias, Av. Marquês de Pom-
bal, Lote 9 (Tel. 934589); **Cam-
pos**, R. Elias Garcia,
85 (Tel. 930072); **Cláudio**, R.
António Sardenha, 23-D (Tel.
93855)

DAMAIA:
Confiança, Est. Militar, Lote
D (Tel. 97 023)

QUELUZ:
André, Av. Elias Garcia, 5
(Tel. 950043); **Queluz**, Av.
Miguel Bombarda, 23-A
(Tel. 95 84)

CACÉM:
Central, R. Elias Garcia, 55
(Tel. 2940034)

MEM MARTINS:
Químia, Est. de Mem Mar-
tins, 285 (Tel. 29 00 2)

S. PEDRO DE SINTRA:
Valentim (Tel. 980456)

SINTRA:
Simões, R. Heliodoro Salga-
do, 26 (Tel. 980058)

COLARES:
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE:
Gameiro, L. António dos
Santos Jorge, 5 (Tel.
234 00)

ALHOS VEDROS:
Guimarães, R. Cândido dos
Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA:
Nuno Álvares, Av. D. Nuno
Álvares Pereira, 39 (Tel.
270504)

BAIXA DA BANHEIRA:
Aliança, Est. Nacional, 74
(Tel. 224302)

BARREIRO:
Higienica, R. D. Manuel I,
78 (Tel. 22730 7)

COVA DA PIEDADE:
Cequeira Afonso, P. 5 de
Outubro, 8 (Tel. 270254)

MOITA:
Silva Rocha, P. da Republi-
ca, 6 (Tel. 239029)

MONTIJO:
Diogo, R. Almirante Reis, 42
(Tel. 230032)

SESIMBRA:
Leão, Av. Salazar (Tel.
22947)

SETUBAL:
Soromenho, P. Machado
Santos (Tel. 2269); **Alcega**,
P. do Quebedo (Tel. 23743)

SEIXAL:
Soromenho, R. Paiva Coe-
lho (Tel. 22 8560)

PORTO

1.º TURNO
SUB-TURNO A
Alves da Silva, Av. da Boavista,
1016; **Azevedo** 9de) Rua do
Meiral, 503; **Gomes Ferrei-
ra**, Rua Faria Guimarães,
449; **Nau Vitória**, Rua Nau Vi-
tória, 723; **Ordem da Trinda-
de**, Rua Her. e Martí, Angola,
s/n; **Terreiro**, Rua da Rebo-
leira, 21

SUB-TURNO B
Antas (das), Av. Fernão Maga-
lhães, 1076; **Ant. Porto do**
Olival, C. Mártires da Pátria,
122; **Falcão**, Rua de Santo
Ildefonso, 61; **Ferreira**,
Praça D. Afonso V, 55-B;
Lousada, Largo do Campo
Lindo, 62

COIMBRA
TURNO A
Neves Morgado, Rua da
Moeda, 106-108 (tel. 23738);
Rodrigues da Silva, R. Fer-
reira Borges, 32 (tel. 24348);
S. José, Arcos do Jardim,
41 (tel. 24697)

TURNO B
Naves Morgado, Rua da
Moeda, 106-108 (tel. 23738);
Rodrigues da Silva, R. Fer-
reira Borges, 32 (tel. 24348);
S. José, Arcos do Jardim,
41 (tel. 24697)

CACO — Dancing c/música ambiente
com singular quarteto. **Rua Camilo**
Castelo Branco, 23-A.

FORCADO — Elenco: Mariana Silva,
Isabel de Oliveira Francisco Marti-
nho, Maria de Portugal, João Alber-
to, Manuel Martins. Folclore pelos
5 Tipicos de Vila Franca de Xira.
**Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-
Telefone 368579.**

BICO DOURADO — Boite de nuit,
atrações internacionais, das 01 h.
e 30 às 03 h. e 30. **R. da Misericó-
rdia, 12 Tel. 368649.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Sil-
va, hoje e sempre **Largo Trindade**
Coelho n.º 10 e 11 Encerra aos do-
mingos Tel. 320164

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado
Variedades internacionais **Telefones**
26451, 264526, 264596, 264621 e
264946.

CLUB 107 (Boite) — Rua da Madalena
107, Lisboa-Tel. 860078.

FORTORIA — Dancing. Música constan-
te. Variedades internacionais. **Praça**
da Alegria, 66 Tel. 35431

SAN PAGO — Bar-boite c/ música con-
stante. Aberto até às 5 h. da madru-
gada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Tel.**
561422. (Ar condicionado).

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
Duas sessões diárias
(Grupo C - 14 anos)
Portentosa realização de Nor-
man Jewison UM VIOLINO
TELHADO.
Hoje às 18.45
(Grupo A - 6 anos)
A maior figura da música po-
pular do Brasil Roberto Car-
los.

SATÉLITE (Tel. 562832)
3 Sessões As 15.30-18.30 e
21.45
(Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana
Um filme urgente sobre am-
biguidade política «A ES-
TRATEGIA DA ARANHA» (La
Strategia del ragno) A obra
prima de Bernardo Bertolucci

APOLLO 70 (tel. 763319)
15.00-18.15 e 21.45
(Grupo D (18 anos) 2.ª Semana
A obra prima de Claud Chabrol
UM VINHO DIFÍCIL, com Jean
Claude Brialy e Bernardette
Lafont.
Hoje às 24.00, o riso da
meia-noite
(Grupo D - 18 anos)
CIUME, CIUME... E CIUMEN-
TOS, com Marcello Mastroian-
ni.

ESTÚDIO 444 (TEL. 779095)
As 15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Uma aventura louca! O
BARCO NA RELVA» com Clau-
de Jade, Jean Pierre Cossel
e John Mc Eneer - Estmakcolor
Amanhã às 0.30
(Grupo D - 18 anos)
AS RAINHAS DO PETRÓLEO

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Vote por Robert Redford ele é
O CANDIDATO
(Metro-Alameda)

ALVALADE (Tel. 717480)
21.45
Estreia
(Grupo D - 18 anos)
INIMIGO SEM ROSTO
(Metro-Alvalade)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 e 21.45
3.ª Semana
Color (Grupo D 18 anos)
«ANTÓNIO DAS MORTES»
de Glauber Rocha.
Em complemento «ASHURDES»
de Luis Buñuel
(Metropolitano - Alameda)

CASINO ESTORIL
17.00 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
O PEQUENO NO GRANDE
HOMEM

ODEON (Tel. 326253)
15.15 18.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
37.ª semana
«NÃO DESEJARÁS O DELICA-
DINHO DO 5.º» com Alfredo
Landa, Jean Sorel, Ira de Furs-
temberg e Isabel Garcés.

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15-18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
2.ª Semana
Brigitte Bardot e Claudia Car-
dinale em «AS RAINHAS DO
PETRÓLEO», uma «paródia»
ao Far West
Ciclo terror à meia noite
0.30
(Grupo D - 18 anos)
O VAMPIRO

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45 2.ª Semana
(Grupo D - 18 anos)
Um duelo alegremente infer-
nal!
AS RAINHAS DO PETRÓLEO
com Brigitte Bardot e Claudia
Cardinale
(Technicolor-Techniscope)

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 e 21.45
(excepcionalmente)
(Grupo D - 18 anos)
3.ª Semana sensacional.
Lino Ventura, Jacques Brel,
Charles Denner no inespe-
rado filme em Eastmancolor
«AVENTURA E AVENTURA»
o último e mais discutido êxito
de Claude Lelouch
(Metro Estação Picoas)

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Colorscope - 40.ª Semana. Há
mais de meio ano em exibição.
«TRINITY» (COW BOY INSO-
LENTE) com Bud Spencer e
Terence Hill.

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«AS MÃOS DO ESTRIPADOR»
em complemento «CHAMPA-
NHE ESCANDALOSO».

BERNA (Tel. 731313)
As 15.15 e 21.30
A Paramount apresenta
«O PADRINHO»
Grupo D (18 anos)

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 e 21.30
A Paramount apresenta «C
PADRINHO»
Grupo D (18 anos)

S. JORGE (Tel. 54154/541590)
15.15-18.15 e 21.30
2.ª Semana
(Grupo D - 18 anos)
George C. Scott em «HOS
PITAL». Oscar para o melhor
argumento

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo B - 10 anos)
ADEUS SABATA, em compl-
mento O MORTO ERA OUTR

VOX (Tel. 720808)
15.15 e 21.30
A Paramount apresenta
«O PADRINHO»
Grupo DD (18 anos)

CONDES (Tel. 322523-326710)
21.45
Estreia
(Grupo D - 18 anos)
Metrocolor A MULHER MAI-
CADA, com Olivier Reed, G.
St. John e Ian McShane
14.15, 16.30 e 18.30
Últimas de OS PILOTOS DO A

EDEN (Tel. 302768)
As 15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 5.ª seman
Eastmancolor Núria Espert e
Américo Coimbra em «CRI-
ME DE AMOR».

LYS (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
«ENCONTRO COM UMA MU-
LHER SÓ» em complemento
«TOPAZIO».

EUROPA (Tel. 661016)
21.30
(Grupo D - 18 anos)
70 mm - color
O PEQUENO GRANDE HC
MEM

LONDRES (Tel. 731313)
4 sessões diárias
14.15, 16.30, 18.45 e 21.4
(Grupo D - 18 anos)
Um filme de François Truf-
faut AS DUAS INGLÊSAS E O
CONTINENTE, com Jean-Pierr
Léaud, Nika Markham e Stace
Tendeter

SNACK - Bar - Pub «THE FLAG»
O melhor encontro postro-
mico.
Hoje à 00.15
(Grupo D - 18 anos)
OS MARIDOS DE ELISABET
com Lee Marvin, Jean Seber
e Clint Eastwood

Bars Boites DANCINGS

PRINCEPE NEGRO — Dancing com va-
riedades **Calçada da Glória, 2 Tel.**
368987

EL CID — Dancing com o conjunto
«X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao
Conde Redondo). Tel. 560538

FANTASMA — Dancing-Caveau com
variedades — Ballet Lény Dancer's
Show todas as noites uma atracção
surpresa. **Rua Gomes Freire, 145-B.**
Aberto todos os dias até às 05.00

TOSCO — Dancing com Variedades.
Rua do Conde Redondo 53-A Tel.
531562.

TAMILA — Marão e s/conjunto «Mati-
neés» todos os dias. Encerra aos do-
mingos. **Avenida Duque de Loulé,**
69. Tel. 534117.

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret,
Virgílio Neves. Aberto até às 5 h.
da madrugada. **Rua da Trindade, 9**
Tel. 327109. Encerra aos domín-
gos.

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis.
Encerra aos domingos. **Av. António**
Augusto de Aguiar, 5-A. Tel.
48384.

SANZALA — Dancing. C/M Tho Ban-
deira. Jantares e ceias até às 5 da
manhã. **Av. Marechal Carmona, 2 (C.**
Grande) Tel. 790177.

NINA — Dancing com atracções **Rua**
Paiva de Andrade, 7-13 Tel.
34859/368197

IDEAGATA MACHADO — Cantam Ivete
Pessoa, Esmeralda Amodeo, Tina
Ferreira, Fernando Maurício Fados
de Coimbra por Loubet Bravo. Ar-
mando Hilário. Tocam Libertino Con-
de. Rafael Marques e José Vitela
Fandangos pelo Grupo Típico de Vi-
la Franca de Xira.

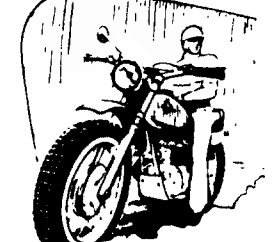
LUSO — Grande elenco de folclore,
fado de Lisboa por Augusta Erminda
e José Luís Tomar; **fado de Coimbra**
por Américo Silva. Os ARAUTOS em
**canções portuguesas e internacio-
nais. Travessa da Queimada, 10 Tel.**
362889. Aberto todos os dias.

CASEBRE — Cantam Carlos Barra,
Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e
Susana. Tocam: Carvalhinho e Júlio
Gomes. Os Arautos. Folclore pelos
Cinco. Típicos de Vila Franca de Xira.
Encerra às 2.ªs feiras. Rua da
Barroca, 133 Tel. 369760

FRAGATA REAL — Elenco: Beatriz da
Conceição e Maria João, Joaquim
Campos em fado Lisboa, João Quei-
rós em fado Coimbra, o acompanha-
mento de António Parreira e Francis-
co Gonçalves. Folclore os 5 de Vila
Franca. Artistas convidados Ana
Rosmaninho e Natália dos Anjos. **Travessa**
de S. Miguel, 22, — Alfama.
Tel. 968552.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL
EMBAIXADOR) — Conjunto Oliver. **Av.**
Duque de Loulé, 73. Tel. 530171.

motor
O SEU JORNAL



DL / NACIONAL



RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º, 2.º, 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

"VOLTA A PORTUGAL" DE 4 A 19 DE AGOSTO

PARIS, 27 — (FP) — Está pronto o calendário das provas ciclistas internacionais elaborado pela Associação Internacional dos Organizadores e que será apresentado à Federação Internacional de Ciclismo Profissional e à União Ciclista Inter-

nacional.

Quanto a Portugal, as provas e datas são: em Maio, a 26 e 27, o Lisboa-Coimbra-Porto; a Junho (10) o Porto-Lisboa e em Agosto, de 4 a 19, a «Volta a Portugal».

Aptidão ao curso de Administração Hospitalar

Uma portaria do Ministério da Saúde e assistência, hoje publicada no «Diário do Governo», estabelece um período transitório, que abrangerá os anos escolares de 1972-73 e 1973-74, durante o qual podem inscrever-se no curso da Administração Hospitalar, da Escola Nacional de Saúde Pública, os funcionários ou empregados dos serviços ou instituições que prossigam actividades depen-

dendo do Ministério da Saúde e Assistência, desde que estejam habilitados com o curso complementar dos liceus ou equiparado e sirvam em lugares correspondentes à letra F da escala geral do funcionalismo.

Estes funcionários-candidatos serão submetidos a exame de aptidão em termos a fixar pelo conselho escolar da Escola Nacional de Saúde Pública.

SUBSÍDIOS AOS BOMBEIROS 38.030 CONTOS

Por despachos ministeriais conjuntos das pastas do Interior e das Finanças, foi aprovada a proposta do Conselho Nacional dos Serviços de Incêndios para a distribuição, pelas corporações de bombeiros, da colecta para o efeito cobrada, durante o ano passado, nos termos do Código Administrativo.

Na respectiva elaboração, o referido Conselho seguiu o critério adoptado nos demais anos e que julgou por bem não alterar, visto a prática ter demonstrado ser o que melhor satisfaz a ideia de conseguir que os serviços de prevenção e extinção de incêndios atinjam e mantenham a necessária eficácia.

As importâncias

agora a distribuir, num total de 38 mil e 30 contos, incluem 14 mil 585 contos que, de acordo com o referido Código, constituem o mínimo a atribuir aos Batalhões de Sapadores Bombeiros de Lisboa e do Porto (25 e 12,5 por cento, respectivamente). Dos 23 mil 475 contos, para os corpos de bombeiros

voluntários e municipais, grande parte destina-se à aquisição, através do Conselho Nacional, de oito prontas-socorros de nevoeiro, em regime de comparticipação, bem como a reforçar outras verbas, já concedidas e que absorverão na totalidade a quantia de oito mil e oito contos. Concedem-se ainda

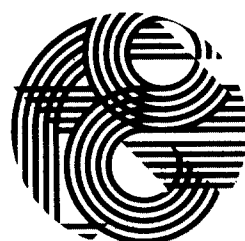
93 outros subsídios para o apetrechamento, que atingem os seis mil contos. Ficam por distribuir 781 contos, que constituirão reserva destinada a necessidades atendíveis que surjam no decurso do ano e cuja distribuição será objecto de nova proposta a submeter oportunamente à consideração ministerial.

"Associação de malfeitores" condenada em tribunal militar

No Tribunal Militar do Porto, a que preside o coronel Armando de Sousa Botelho, terminou o julgamento de vários indivíduos acusados de constitui-

rem uma associação de malfeitores, dedicando-se ao furto de carteiras. O Tribunal deu como provados os factos constantes no libelo pelo que condenou: Adriano Correia, «O Manco da Areosa», casado, de 52 anos, comerciante, da Rua Sacadura Cabral, 231, Pedrouços, Areosa; Simplicio da Fonseca Marcelino, de 49 anos, solteiro, escriturário, da Rua João de Deus, 53, Oeiras ou Bairro de Contumil; Jaime da Silva Aguiar, o

«Fifias», de 50 anos, casado, tanner, da Rua da Lavadinha, Areosa; Armando Serafim, o «Armando Preto», de 70 anos, casado, pintor, da Rua da Castanheira, 19, na Areosa; Joaquina Gonçalves, a «Chicon», de 41 anos, casada, tendeira, de Noqueira da Maia; Artur da Silva Coelho, o «Raimundo», de 52 anos, casado, operário, a residir em França, onde se desloca amiúde a Portugal e Felismina Gonçalves, de 32 anos, solteira, ausente em França todos eles na pena de 3 anos e seis meses de prisão maior; José Sequeira Ramos, de 53 anos, solteiro, picheiro e António Troiano da Costa, o «Picado», casado, de 46 anos, empregado de café, da Rua dos Beirões, 72, na Areosa, cada um na pena de dois anos e seis meses de prisão maior; Fernando Moreira da Silva, de 32 anos, casado, industrial, da Rua de Azevedo, 750; Francisco de Almeida Mendes, de 51 anos, casado, viajante, da Rua do Paço, 625, Rio Tinto; Fernando Matos, de 34 anos, casado, pintor, ex-guarda dos serviços prisioneiros, da Rua do Maciel, 661, Custóias (Matosinhos) e Manuel Ferreira, de 47 anos, casado, comerciante, cada um destes na pena de dois anos de prisão maior. O Tribunal aplicou, ainda, a todos eles, medidas de segurança.



**Fundação
Calouste
Gulbenkian**

SERVIÇO DE MÚSICA

Auditório Dois

Dias 30 e 31 às 18.30 horas
Concertos de Música Barroca pelo agrupamento

**MUSICA
DA CAMERA**

de Amesterdão

(dois programas diferentes)

Dia 30: Obras de HAEND-
DEL, J. S. BACH, TELE-
MANN, TURINI, LE-
GRENZ, HACQUART,
G. P. CIMA, D. ORTIZ,
MIELCZEWSKI

Dia 31: Obras de F. COU-
PERIN, J. S. BACH,
FRESCOBALDI, SWEE-
LINCK, G. P. CIMA, H.
BIBER. No decurso deste
segundo concerto serão fei-
tos comentários sobre os
problemas de interpreta-
ção da música barroca.

Preço: 30\$00 — 50 %
de desconto a estu-
dantes, jovens até aos 18
anos e crianças de 6 a 12
anos (quando acompa-
nhadas).

Grupo A — maiores de 6 anos

**SOPHIA DE MELLO
BREYNER
ANDRESEN**

**O RAPAZ
DE BRONZE**

NOVA EDIÇÃO DE
UMA OBRA-PRIMA
DA LITERATURA
INFANTIL

MORAES

EDITORES



a distribuidora dos filmes necessários

depois de

Ivan o Terrível
de Eisenstein

Quatro Noites de Um Sonhador
Amor e Morte
de Bresson

A Regra do Jogo
Passeio ao Campo
de Jean Renoir

apresenta simultaneamente em Lisboa

António das Mortes **estúdio**
de Glauber Rocha
em abertura de época

A Estratégia da Aranha
de Bernardo Bertolucci
em abertura de época

Um Vinho Difícil (Le Beau Serge) **Apolo 70**
de Claude Chabrol Grupo D / 18 anos

Londres

no Natal 8 dias 2.990\$
Fim do Ano 6 dias 2.680\$
e nos Reis 6 dias 2.580\$

(Estadias mais longas de 12, 14
e 20 dias sob consulta)

PARTIDAS: DEZEMBRO 21 e 28 — JANEIRO 2

Vagens acompanhadas em avião especial bons hotéis, (tendo todos os quartos banho privativo rádio televisão) pequenos almoços, transferes visitas da cidade, guias portugueses refeições e ceias especiais de Natal e Fim do Ano com ba e, nas viagens à Escócia facilidade na obtenção de bilhetes para as revistas «JESUS CHRIST SUPERSTAR» «HAIR» e «OH CALICULA»

Consulte nos sobre outras viagens muito económicas e de qualidade.
Exemplos New York 8 dias 8 200\$ - Engelberg (Suíça) 8 dias 4 995\$ -
Cruzeiro à Madeira desde 2 490\$

PEÇA PROGRAMAS DETALHADOS A:



**CAPRISTANOS
TURISMO, LDA.**

Av. Duque de Loulé, 47-A/Tel 560171/LISBOA

**Londres
e a
Escócia**

no Natal 8 dias 5.390\$
Fim do Ano 6 dias 5.080\$
e nos Reis 6 dias 4.680\$

(Encerramento das inscrições para
a Escócia em 10, 17 e 22
de Novembro respectivamente).

AUTOMÓVEIS MENOS POLUIDORES

Todos os novos modelos de viaturas propostos este ano no Salão Automóvel de Paris, tanto pelos construtores franceses como por aqueles dos outros países do Mercado Comum, devem, em princípio, lançar para a atmosfera menos 35 por cento de óxido de carbono e menos 30 por cento de hidrocarbonetos do que os veículos de 1968. Assim o afirmava a directiva de 20 de Março de 1970 da Comunidade Económica Europeia.

Se esta regulamentação, que se junta à de 1968, não existisse, o volume total destes dois gases de escape, lançado pelas viaturas francesas, haveria duplicado em dez anos.

Porém, o crescimento do parque automóvel francês é tal que, apesar das limitações, a quantidade de gases de escape atirados para a atmosfera não diminuirá em nenhum momento e crescerá até em valor absoluto. Todos os países industrializados se encontram na mesma situação.

As viaturas automóveis emitem principalmente três gases nocivos: o óxido de carbono, os hidrocarbonetos e os óxidos de azoto, bem como partículas sólidas, especialmente de chumbo. Segundo cálculos que datam de 1969, eram responsáveis, nos Estados Unidos, por 45 por cento dos hidrocarbonetos, 65 por cento dos óxidos de carbono e 37 por cento dos óxidos de azoto lançados na atmosfera; estas percentagens eram de 80 a 95 por cento nas grandes cidades dos países industrializados, respectivamente para o óxido de carbono e hidrocarbonetos.

A quantidade de gás de escape produzido por uma viatura varia em função de vários factores:

Uma viatura emite muito mais óxido de carbono quando trabalha ao ralenti do que a uma velocidade normal. A quantidade de óxido de carbono produzida pelos veículos motorizados é, pois, muito importante nas cidades, em que os sinais de trânsito (semáforos) e os engarrafamentos são numerosos. Em Paris, levantamentos feitos em trezentos e dezasseis pontos dão, em média anual, uma concentração de 20 ppm (partes por milhão) de óxido de carbono no ar (20 centímetros cúbicos por metro cúbico). Porém, os Estados Unidos fixaram como norma sanitária uma concentração máxima de 9 ppm, durante oito horas no máximo!

Uma viatura emite tanto

mais gases nocivos quanto mais gasolina consome, isto é, quanto maior é e mais cilindrada tem. Segundo um relatório da O. C. D. E., ainda não publicado, as viaturas americanas de 4-5 litros de cilindrada produzem, em média, duas vezes mais óxido de carbono — mas pouco mais de hidrocarbonetos — do que os carros europeus de 850 a 1800 cm³.

Um carro europeu, não equipado com qualquer dispositivo contra a poluição, lança em média 488 gramas de óxido de carbono no ar por cada quilo

Por
DOMINIQUE
VERGUESÉ

de gasolina consumida e 29 gramas de hidrocarbonetos. Era o caso das viaturas francesas antes de 1968, que expeliam, assim, sob a forma de óxido de carbono, praticamente metade do peso da gasolina consumida; doravante expelirão ainda mais de um quarto desse peso.

Uma viatura automóvel produz tanto mais gás de escape quanto mais velha é e menos bem regulada está. As emissões de hidrocarbonetos aumentam, em média, 5 por cento por ano e um pouco menos para o óxido de carbono; após cinco anos de vida, a deterioração estabiliza-se. Isto frisa a necessidade de cuidar melhor



dos veículos.

Ora, o crescimento do parque automóvel em França foi muito importante durante estes últimos quinze anos — 3,2 milhões de veículos em 1955; 9 milhões em 1965; 12,5 milhões em 1970 — e promete ser quase tão rápido durante os próximos dez anos: 16 milhões de veículos em 1975; 19,28 milhões em 1980, para, em seguida, afrouxar um pouco (28,84 milhões em 1990 e 29,7 milhões no ano 2000).

O aumento de consumo de gasolina é um pouco mais rápido do que o aumento do número de viaturas, unicamente devido ao facto da composição do parque automóvel. Em 1955, as viaturas mais pequenas representavam 27 por cento do parque francês; em 1972, apenas 23 por cento, e esta percentagem será de 17 por cento em 1980. As viaturas de cilindrada média representavam 33 por cento do parque total em 1955, 49 por cento em 1970 e esta percentagem atingirá os 53 por cento em 1980.

O esquema que damos a seguir mostra a evolução da tonagem de óxido de carbono produzida pelas viaturas automóveis, em França, entre 1955 e o ano 2000, segundo as regulamentações (a curva traçada para os hidrocarbonetos é análoga). Se não existisse nenhuma regulamentação, esta tonagem anual passaria de 6,6 milhões em 1972 para 17,15 milhões de toneladas em 1990 (curva 1). A regulamentação aplicável no ano corrente não permitirá deter esta progressão, mas tão somente afrouxá-la (curva 2).

NAS CIDADES

Para deter este crescimento seria preciso tomar, em 1976, medidas que reduzissem a quantidade de gás de escape das viaturas automóveis a metade relativamente àquela que deverá ser após a entrada em vigor da regulamentação de 1972 (curva 3). Para baixar essa quantidade em 1990 (seis milhões de viaturas), seria preciso tomar, em 1980, medidas ainda duas vezes mais rigorosas (curva 4).

Estas curvas são aproximadas. Para os carros a partir de 1972, o nível de emissão considerado é o que deve ser respeitado quando das verificações no banco de ensaio seguindo um ciclo de 195 segundos definido pela directiva europeia: ciclo mais representativo da condução na cidade do que na estrada, o que é normal, já que a poluição nas cidades — cerca de um terço da poluição total — é particularmente preocupante.

Estas curvas supõem, também, que as normas fixadas

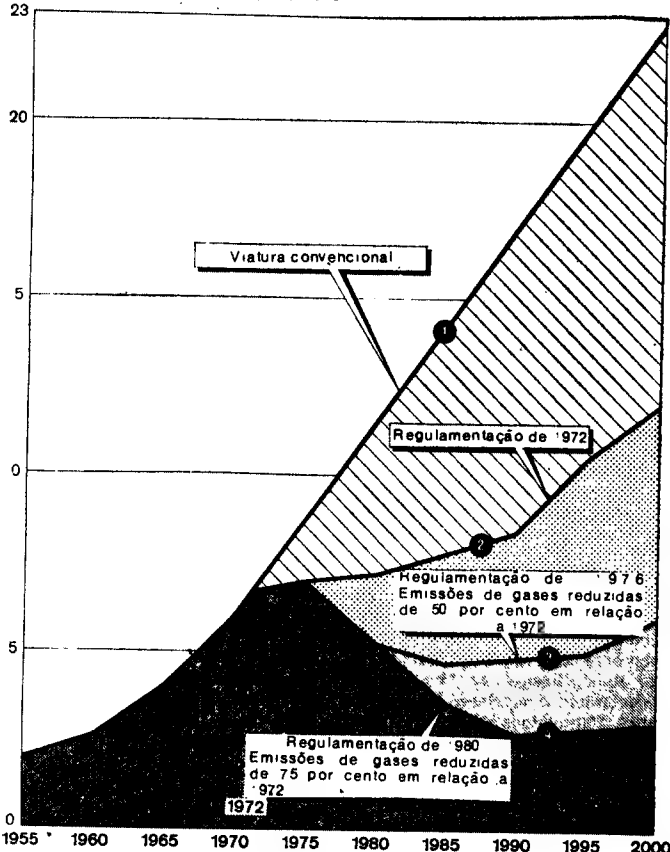
Continua na página seis

mesa
redonda

O PROGRESSO
DA MEDICINA

PÁGINA
TRÊS

Milhões de toneladas de óxido de carbono





O TROAR DO CANHÃO — Os israelitas abrem fogo na fronteira libanesa. Entre judeus e árabes, a voz dos canhões domina o diálogo...

CONCORRÊNCIA

Os onze principais construtores de navios do mundo chegaram a acordo quanto à concorrência que se fazem. Assim, no quadro do grupo de trabalho da construção naval da OCDE, aprovou-se uma moção pela qual os onze se comprometem a reduzir progressivamente as medidas de auxílio que falseiam a concorrência na indústria da construção naval de forma a estarem totalmente eliminadas em fins de 1975. Os países são a Alemanha, a Bélgica, a Dinamarca, a Espanha, a Finlândia, a França, o Japão, a Noruega, a Holanda, o Reino Unido e a Suécia. Em 1971, estes 11 países representavam 92 por cento dos 23,1 milhões de toneladas T.W. construídas pelos países da OCDE e a quase totalidade de 11,3 milhões exportados pela OCDE.

PROTECÇÃO

O projecto de convenção sobre a protecção dos jornalistas em missão perigosa, aprovado pela Comissão dos Direitos do Homem, foi apresentado à comissão social da assembleia geral da ONU pelo representante francês, Roger Vauris. O projecto prevê a criação de uma comissão profissional encarregada de estabelecer e distribuir as cartas de jornalista em missão perigosa. Os seus autores aceitaram que sejam as autoridades qualificadas dos países interessados a passarem as referidas cartas. Os jornalistas que este projecto abrange são os que não beneficiam da protecção assegurada pela convenção de Genebra de 1949 sobre correspondentes de guerra. O delegado francês afirmou que a convenção permitiria aos verdadeiros jornalistas provar a sua identidade, além de ser possível receber informações sobre a sua sorte «se aparecerem dificuldades no decurso de qualquer missão». Acrescentou ainda o delegado que «o jornalista compromete-se a não se imiscuir nos assuntos internos de um Estado e a não participar directamente ou indirectamente em qualquer conflito».

PRISÃO

Peter Bridge, jornalista do «Evening News», de Newark, Nova Jersey, foi libertado depois de ter passado 21 dias na prisão em virtude de se ter recusado divulgar as suas fontes de informação perante um tribunal. Em Maio último, Bridge tinha escrito uma série de artigos sobre o problema da habitação em Newark. Num deles, citava a sr.^a Pearl Beatty, membro da comissão para os problemas habitacionais da cidade, que afirmava terem-lhe prometido 10000 dólares se ela modificasse o seu voto para a eleição do novo director executivo da comissão. Bridge aceitou responder a mais de 50 perguntas feitas pelo tribunal, mas recusou quando as ques-

tes de informação perante um tribunal. Em Maio último, Bridge tinha escrito uma série de artigos sobre o problema da habitação em Newark. Num deles, citava a sr.^a Pearl Beatty, membro da comissão para os problemas habitacionais da cidade, que afirmava terem-lhe prometido 10000 dólares se ela modificasse o seu voto para a eleição do novo director executivo da comissão. Bridge aceitou responder a mais de 50 perguntas feitas pelo tribunal, mas recusou quando as ques-

tões não se referiam explicitamente aos seus artigos, fazendo prevalecer o direito do jornalista de não revelar as suas fontes. O Supremo Tribunal de New Jersey é de opinião que ele perdeu esse direito quando citou o nome da sr.^a Beatty. O Supremo Tribunal dos Estados Unidos, defendendo a mesma opinião, recusou a suspensão do julgamento tentado contra Bridge. Foi finalmente um tribunal de Nova Jersey que ordenou a sua libertação. Esta prisão levantou numero-



ELEIÇÕES

Entretanto, aproximam-se as eleições para novo mandato directivo do Sindicato dos Caixeiros, representante dos interesses profissionais de várias dezenas de milhares de trabalhadores do distrito de Lisboa. Está marcada para hoje, na Voz do Operário, uma reunião geral de sócios, integrando vendedores, praticistas, viajantes, caixeiros de balcão e de armazém, com três pontos na agenda de trabalhos: eleições, contratação colectiva (situação actual dos Contratos Colectivos em negociação, conciliação e arbitragem; perspectivas para a obtenção de semana-inglesa; semana de 44 horas) e situação em que se encontra o aumento de quotas aprovado pelos filiados em várias reuniões e assembleias.

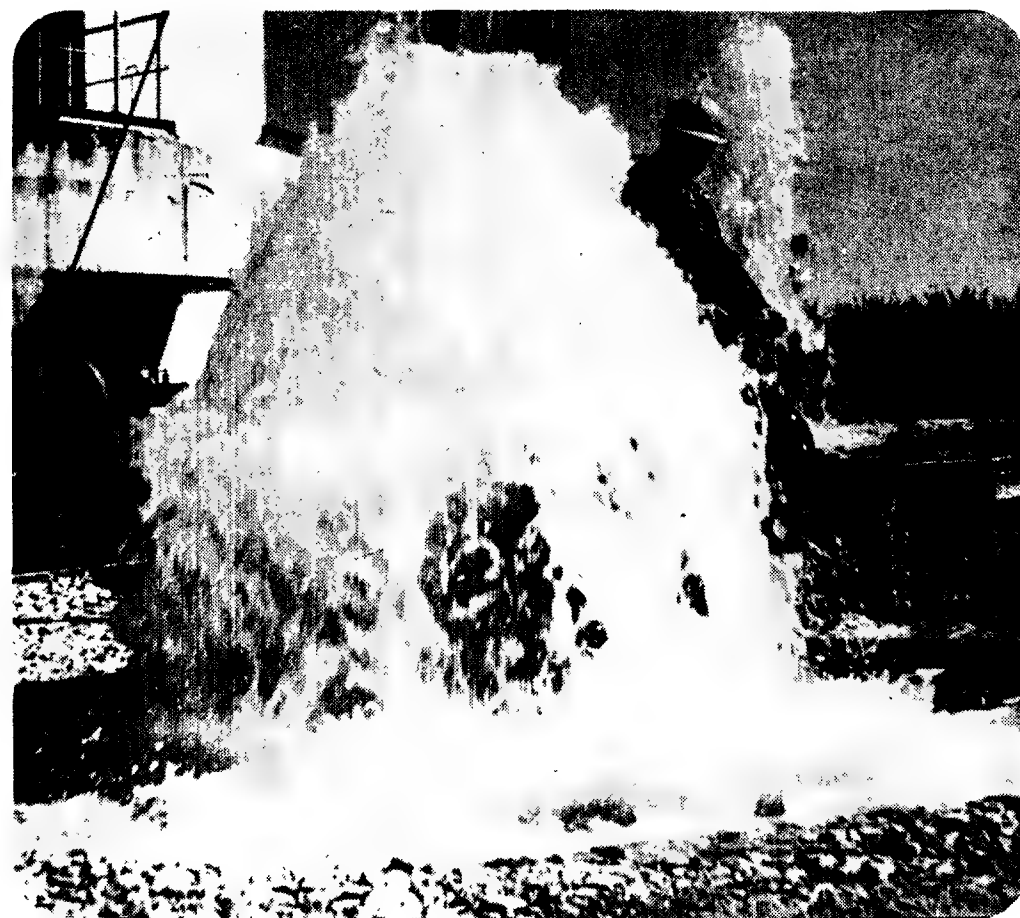
ENFERMEIRAS

O órgão do Sindicato Nacional dos Profissionais de Enfermagem do distrito de Lisboa afirmava que o novo hospital do Funchal tinha necessidade de 200 enfermeiras, quando é certo que da escola local de enfermagem apenas se tinham diplomado no presente ano lectivo, onze profissionais. E citava «A Voz da Madeira», que fazia «um apelo a todos os que pudessem», no sentido de «colaborarem na divulgação do Curso de Enfermagem Geral o qual, afirmava, é ponto de partida para várias especializações e graus na profissão e interessa especialmente

a raparigas do meio rural». E a «Revista de Enfermagem» comentava:

E verdade que tem de se fazer uma maior divulgação da enfermagem e em especial do Curso de Enfermagem Geral. Mas não basta falar das facilidades concedidas para se tirar o curso nem dizer que há várias opções na carreira profissional. É indispensável analisar se a enfermagem como profissão oferece às jovens com o 5.º ano ou equivalente os mesmos ou mais atractivos que outras profissões para onde elas são solicitadas. Se os não oferece que todos colaborem então para que os possa oferecer.

Não se diga que a enferma-



assim vai

sos protestos na Imprensa Americana e vários jornais, entre os quais o «New York Times», publicaram artigos de Bridge sobre as condições em que se processava a sua detenção na prisão de Newark.

«BEATA»

Uma «beata» de cigarro «histórica» foi posta à venda por um habitante de Toronto, Michael MacDonald: um cigarro mentolado meio fumado por Jacqueline Kennedy, em 1962. A ex-primeira dama dos Estados Unidos atirou-o pela janela do seu carro ao passar em frente do hotel novai-orquino onde McDonald trabalhava na altura. Já se apresentaram muitos pretendentes. Máxima oferta: a soma de 100 dólares (2700 escudos) até agora.

O DOBRO

A comissão eleitoral do presidente Nixon já gastou, até agora, na campanha 22 milhões de dólares pelo menos, ou seja quase o dobro do que gastou o candidato democrático George McGovern, segundo documentos entregues à repartição geral de contabilidade do Congresso. Os mesmos documentos indicam que a comissão eleitoral republicana entrou nas duas últimas semanas da campanha ainda com 4.700.000 dólares em caixa, ao passo que os grupos favoráveis a McGovern apresentam

um saldo negativo de três milhões de dólares. No entanto, nas últimas seis semanas contadas até 16 de Outubro a campanha democrática conseguiu recolher contribuições totalizando 5.700.000 dólares ao passo que os republicanos obtiveram apenas 4.400.000 dólares dos seus partidários.



A célebre ponte do rio Kwai já foi substituída por uma metálica. Mesmo assim, o sargento Jack Rice, que ajudou a construir para os japoneses a velha obra de arte de madeira, não quis deixar de passar sobre a nova, erguida exactamente no mesmo local. Como alguns dos leitores poderão estar lembrados, «A ponte do Rio Kwai» é um filme de David Lean no qual se condenava o cego militarismo que levou um general inglês, prisioneiro dos japoneses, a bater-se pela construção da ponte, sem se importar a quem ela iria servir.

subida verificada no preço da água. Não é realmente (e felizmente), habitual um aumento na ordem dos 60 por cento como o que, agora, se verificou.

Contudo, segundo informação prestada pelos Serviços Municipalizados, o aumento deve-se exclusivamente à grande necessidade de reparações a efectuar urgentemente em quase toda a canalização e que deve obrigar a uma despesa na ordem dos 13 000 contos.

Os estudos feitos antes do aumento indicaram que uma família vulgar gasta cerca de 10 m3 de água mensalmente o que indica que após a alteração terá a pagar 15500 mais do que o habitual.

Os Serviços Municipalizados informaram ainda não terem chegado até aquele organismo «demonstrações de desgasto» pelo aumento de 1550 em m3 (que passou de 2550 para 4500), nem sequer por parte dos industriais que, dado o consumo mensal de água, são os grandes prejudicados com a medida.

Logo, o público está de acordo...

OBRAS DE RENOVACÃO DA VIA

—★— LINHA DO OESTE

Por motivo dos trabalhos de Renovação da Via, na linha do Oeste, a que se vai proceder, nos dias úteis (de segunda-feira a sábado), entre Bombarral e Caldas da Rainha a partir do dia 6 de Outubro de 1972, vemo-nos obrigados a suprimir as seguintes autocarros:

AUTOMOTORA N.º 4025
(que parte de Lisboa-Rossio às 13-45 h)

Entre Bombarral e Caldas da Rainha, fazendo-se o transporte de passageiros e bagagens entre estas estações por autocarros:

AUTOMOTORA N.º 4122
(que chega ao Cacém às 17-35 h)

Entre Caldas da Rainha e Bombarral, fazendo-se o transporte de passageiros e bagagens entre estas estações por autocarros.

As estações de São Mamede e Óbidos e o apeadeiro de Dagorda-Peniche estarão encerrados para serviço às autocarros n.ºs 4025 e 4122.

Os autocarros passam nos cruzamentos das estações de São Mamede e Óbidos e do apeadeiro de Dagorda-Peniche.

Pedimos desculpa dos inconvenientes que estas supressões possam causar e esforçar-nos-emos por reduzir o período em que o teremos de fazer.



O PROGRESSO DA MEDICINA

Médico assistente dos Hospitais Cívicos de Lisboa, o dr. Augusto Ferreira de Almeida tem-se interessado particularmente pelos problemas da Terapêutica. Foi assistente de Farmacologia e Terapêutica Geral na Faculdade de Medicina de Lisboa e tem participado de numerosas comissões oficiais, nomeadamente da Comissão Técnica de Novos Medicamentos, como clínico perito em terapêutica.

Dada a sua especialização e qualificação profissional e por se tratar de um médico humanista (como felizmente há outros entre nós), pelos múltiplos interesses culturais, e atento à mudança do mundo e dos homens, com vivo espírito de justiça, quisemos ouvir o dr. Augusto Ferreira de Almeida, no início de uma série de entrevistas e inquéritos sobre problemas

Entrevista
de URBANO
TAVARES RODRIGUES

médicos e científicos, em que recolhemos o testemunho de significativas personalidades do meio.

— Como encara o progresso da Medicina e a reaparição das endemias e epidemias — tuberculose, sífilis, doenças venéreas, etc.?

— Encaro o progresso da Medicina, por um lado, com a reverência e euforia que a dimensão e a continuidade desse progresso justificam, por outro lado, com a frustração e amargura de quem se vê condenado a assistir de longe, no tempo e no espaço, à grande aventura da Medicina moderna. Como em tempos disse o dr. Leopoldo Laire, corre-se o risco de, dentro de uma geração, entre Medicina que entre nós se pratica e a Medicina dos países evoluídos se verificar não apenas uma diferença de grau, mas uma diferença de natureza.

No que se refere à questão das endemias não debeladas e

Corremos o risco de em breve existir não so uma diferença de grau mas uma diferença de natureza entre a Medicina que entre nós se pratica e a Medicina dos países evoluídos.

diz-nos o dr. A. FERREIRA DE ALMEIDA

ao fenómeno das ondas pandémicas, só em parte a persistência desses problemas resulta de um arsenal terapêutico ainda insuficiente — em relação às viroses, nomeadamente, continuamos a não dispor de armas eficazes. Porém, mais importantes, neste contexto, são os factores de ordem social, nível de vida, higiene, alimentação, condições de salubridade, etc., e nesta perspectiva as diversas áreas do globo poderiam ordenar-se numa escala descendo do óptimo até ao zero. As últimas podem funcionar, eventualmente, como focos de irradiação de pandemias.

O caso da possível recrudescência da tuberculose e da sífilis e outras doenças venéreas — a que se começa a chamar a «poluição do amor» — não se deve a uma aquisição de resistência dos gérmes face aos antibióticos, como se poderá supor, mas a uma falsa sensação de segurança que tornou os indivíduos menos temerosos da doença, menos conscientes dos sintomas, mais lentos no recurso ao médico, a par de um certo relaxamento geral das medidas sanitárias de higiene e controle. Não se deve responsabilizar a Medicina curativa por fracassos relativos, que estão na dependência de factores de ordem social que os nossos meios terapêuticos são impotentes para neutralizar.

É IMPROVÁVEL O DESENVOLVIMENTO DE RESISTÊNCIA MICROBIANA AOS ANTIBIÓTICOS

— Com a ameaça de ineficácia futura dos antibióticos, por habitação, irá a mortalidade aumentar?

— A hipótese de uma inefi-

cácia futura dos antibióticos por desenvolvimento de resistência microbiana é extremamente improvável. De facto o fenómeno da resistência apenas se verificou em relação a um número limitado de bactérias e apenas se tornou grave nas infecções adquiridas adentro do hospital. Isto e tanto assim que a penicilina que, como se sabe, inaugurou, há cerca de 30 anos, a era da antibioterapia, é ainda hoje

considerada um antibiótico de primeira linha e provavelmente o que mais se aproxima do antibiótico ideal. Por outro lado, quase podíamos dizer que cada dia surge um novo antibiótico, ou inteiramente original ou derivado dos já conhecidos, que vem colmatar as brechas abertas na nossa barreira defensiva antimicrobiana. Em determinado laboratório americano a prospecção de novos antibióticos,

em amostras de terra, faz-se a um tal ritmo que todas as semanas redescobrem a estreptomicina...

Pode dizer-se que a antibioterapia modificou o Programa das doenças infecciosas de duas maneiras. Reduziu extraordinariamente a gravidade, a mortalidade e em alguns casos a incidência, da maioria das infecções bacterianas e de certos outros tipos. Criou uma predisposição para outras infecções que eram pouco frequentes. Em última análise, os benefícios ultrapassam largamente as limitações. É certo, porém, que a técnica e a táctica adequadas do emprego dos antibióticos são condições básicas do sucesso desta terapêutica.

SERIA TEMERÁRIO ANTEVER LIMITES AO PROGRESSO NA TRANSPLANTAÇÃO DE ÓRGÃOS

— Que pensa, médica e socialmente, das transplantações (olhos, rins, corações, cérebro)?

De um modo geral as transplantações começam a ser uma possibilidade terapêutica real e tudo está em definir as suas indicações, ponderar a sua oportunidade e regularizar a sua execução em múltiplos aspectos. No que se refere à do cérebro... aqui creio que entramos no domínio da ficção científica. Em todo o caso, vejamos: o critério de morte, na perspectiva das transplantações, modificou-se, aliás com o benefício da Igreja, deslocando-se do coração para o cérebro. É a morte cerebral e não a morte

cardíaca que passa a definir o termo da vida. Então a questão deverá pôr-se de maneira diferente: será realizável um dia a transplantação total de um corpo «aproveitável» para um cérebro portador de um corpo doente?

Num simpósio recente J. C. Murray, um eminente cirurgião americano, afirmava, a respeito das transplantações, que as possibilidades práticas são ilimitadas, que o progresso é tão rápido, as necessidades tão grandes, e o interesse tão alto que será temerário antever quaisquer limites ao progresso futuro na transplantação de órgãos.

A transplantação corpo-cérebro deparará, é certo, com dificuldades técnicas particulares. O cérebro é como uma grande central telefónica e não será tarefa fácil reconectar correctamente todos os fios. Não menos complicados serão os problemas decorrentes do processo, não apenas no foro médico no sentido mais lato, mas a nível filosófico, ético, psicológico, legal. Haveria, aparentemente, que reformular os critérios de identificação individual. Que sensação de vertigem!

A POLUIÇÃO QUÍMICA E A POLUIÇÃO MENTAL

— Como vê a possibilidade de restabelecimento do equilíbrio ecológico na natureza?

É evidente, como escreve Louis Pawels, que toda a invenção importante desequilibra as harmonias preestabelecidas e que para corrigir estes desequilíbrios não podemos deixar de inventar. Não para compensar os malefícios causados pelo progresso, mas para esbabelecer novos equilíbrios a partir dos benefícios adquiridos.

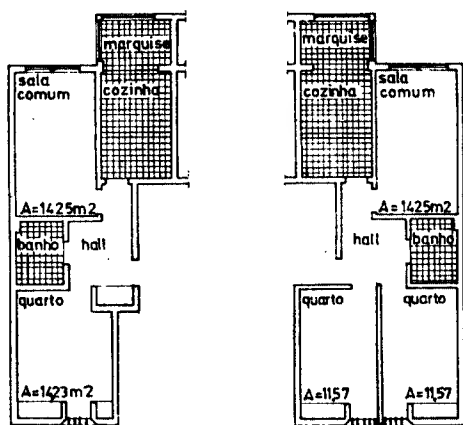
Parece-me um tanto ridícula e ingénua a actual preocupação com a poluição química, quando a poluição pela bala e a poluição mental, muito concreta uma, muito subtil a outra, serão bem mais graves, odiosas e estereis. Foi Marco Aurélio que escreveu: «Dou com muito mais certeza o nome de Peste à corrupção da inteligência do que à infecção do ar que nos rodeia».



Dr. A. FERREIRA DE ALMEIDA

para as suas férias
para os seus fins de semana
para a sua casa de sempre

em SÃO SEBASTIÃO DE GUERREIROS



LOCAL PRIVILEGIADO, 2 E 3 CASAS ASSOALHADAS, PAREDES REVESTIDAS A PAPEL DECORATIVO OU PINTADAS AO GOSTO DO COMPRADOR, CAIXILHARIAS DE ALUMÍNIO, MADEIRAS DE SICUPIRA, COZINHAS EQUIPADAS COM ARMÁRIOS "SIAE", CASAS DE BANHO COM AZULEJOS A COR E LOUÇAS MODERNAS TIPO ITALIANO, AQUECIMENTO ELÉCTRICO, ACABAMENTOS DE LUXO.



10% de entrada
20% à entrega das chaves
70% restantes em 3 a 10 anos

gratuita assistência na DECORAÇÃO do seu lar.

UM NOVO EMPREENDIMENTO COM A GARANTIA



SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA
ROSSIO, 74-3 TEL.FS. 35438/366257

A ESPANHA E O MUNDO ÁRABE

A Espanha está a tentar expandir os seus mercados no norte de África, mas a sua política em relação aos países árabes podia ser prejudicada pela continuação da presença nessa região de colónias espanholas.

O desafio de um Mercado Comum Europeu alargado parece ser grande e havendo perspectivas de uma entrada em breve da Espanha para a Comunidade Económica Europeia industrial e políticos de Madrid estão a encerrar com interesse cada vez maior os mercados para lá das costas sul do país.

Inicialmente, a ofensiva comercial ajudará a compensar as grandes despesas do país com o petróleo e assegurará eventualmente uma posição de negociação à Espanha em negociações subsequentes com os dois blocos comerciais europeus — a CEE e a EFTA, a Associação Europeia de Comércio Livre.

O ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Gregório López Bravo, tem comandado a ofensiva económica visitando até agora este ano sete países árabes e actuando como anfitrião nas visitas de retribuição.

São consideradas como excelentes os resultados tangíveis dessas conferências diplomáticas e do intercâmbio de delegações comerciais. Realizações notáveis foram os acordos sobre exportação e industrial com a Argélia, Marrocos, Iraque, Síria e Kuwait.

O acordo da Espanha com o mundo árabe é apoiado pela recusa de Madrid em alinhar diplomaticamente com Israel, apesar das relações hispano-marroquinas terem sido o ponto de partida para o pacto.

Contudo, é a continuação da presença de territórios espanhóis na África do Norte que ameaça prejudicar a política árabe da Espanha.

Madrid mantém dois enclaves portuários na costa norte marroquina, Melilla e Ceuta, umas pequenas bases rochosas ao largo da costa, e uma grande porção de territórios na região noroeste do Saará, em África.

A remota colónia espanhola no Saará, uma área de deserto árido com metade do tamanho da nação-mãe, tornou-se, im-

portante em 1963 com a descoberta dos mais ricos depósitos de fosfatos do mundo.

Os dois países fronteiriços, Marrocos, cuja exportação principal são os fosfatos, e a Mauritânia reivindicaram ambos o território e, em consequência disso, a questão ficou impasse.

Contudo, em 1970, a Mauritânia e Marrocos resolveram a sua disputa e concordaram os dois em apoiar uma moção das Nações Unidas — aprovada anualmente de 1964 a 1970 — para que um referendo se realizasse no Saará Espanhol, de forma a permitir que os habitantes decidam o seu próprio futuro.

A Espanha aceitou a resolução, mas fixou uma data para o referendo.

Marrocos e a Mauritânia exigiram, também, que muitos milhares de saarenses — as tribos nómadas da região, que atravessaram as fronteiras abertas do Saará Espanhol indo para países vizinhos — deveriam ser incluídos no referendo.

A Espanha não concordou com essa exigência e funcionários de Madrid redarguíram que os 40.000 habitantes indígenas da área, segundo se calcula-

lou, muitos dos quais são analfabetos, não se encontram ainda em situação de determinar o seu futuro.

Desde 1970, os dois países vizinhos têm exigido apenas oficialmente o referendo, mas forças nacionalistas e da oposição tanto em Marrocos como na Mauritânia têm insistido recentemente em mais.

A Líbia e a Argélia, que não têm interesses territoriais no Saará Espanhol, tem dado o seu apoio a essas forças.

Nacionalistas árabes procuram desacreditar a opinião de que a Espanha tenta estabelecer um estado viável apontando para o orçamento anual para a área, que prevê a verba de 204 milhões de pesetas (91.000 contos) para policiamento interno, comparado com 69 milhões de pesetas (cerca de 3.300 contos) para educação.

O jornal da oposição marroquina «Al Alam» afirmou no princípio deste Verão que o recentemente formado movimento de libertação do Saará, o Mo-rehob, tencionava arrebatá-lo à região à Espanha por meio de luta armada porque Madrid se tinha recusado a chegar a um acordo por meios pacíficos.

CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

CRONOGRÁFO

Exactitud
Precisión
Seguridad



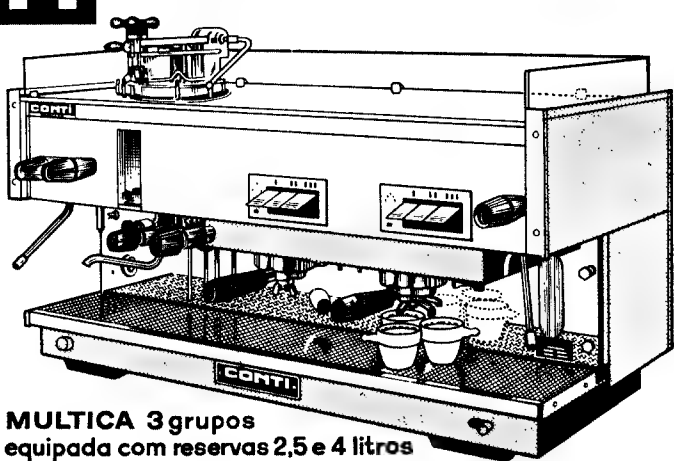
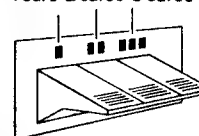
Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa



CONTI

35
PAÍSES JÁ
ESCOLHERAM
CONTI
UMA AUTOMÁTICA
AS VOSSAS ORDENS

1 café 2 cafés 3 cafés



MULTICA 3 grupos
pode ser equipada com reservas 2,5 e 4 litros

CONTI

MULTICA

SOC. DE REPRESENTAÇÕES SIDA-SUECA, L^{DA} R. DE S. NICOLAU 15-17-TELEF. 369331-LISBOA

a liberdade
e a segurança
em qualquer piso

MONROE

MONROE

MONROE

MONROE

MONROE

amortecedores
MONROE

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
auto lusitânia, lda AV. DA LIBERDADE, 75-79-LISBOA

QUE SIGNIFICA A PERDA DE UM TEATRO?

QUE SIGNIFICA A PERDA DO TEATRO DA ESTUFA FRIA?

Lisboa perdeu um teatro. Mais precisamente: ficou sem um teatro onde podia entrar de graça. Os espectáculos dirigiam-se, portanto, especialmente à camada mais modesta da população, que se pressupõe ser, também, a menos tocada pelo fenómeno teatral como expressão de cultura. Tinham ou deviam ter a missão de dar conhecimento a esse público de que existe a palavra e a realidade teatro. Era o teatro da Estufa Fria, propriedade da Câmara Municipal, ou seja, da cidade, de todos nós.

A perda foi anunciada pelas obras de demolição — forma encontrada pelas entidades competentes para darem conhecimento da sua decisão. Quais as razões que a determinaram — não sabemos. É certo que, entretanto, outro teatro municipal surgiu, no edifício do velho S. Luís. Mas também é verdade que os espectáculos teatrais ali têm primado pela ausência. O primeiro e último — «A Salvação do Mundo», de José Régio — ocorreu há um ano. Depois disso, a sala tem servido para a realização de concertos, sessões de cinema e espectáculos de gala; não para teatro. Quanto ao falecido teatrinho da Estufa Fria, sabe-se que os últimos anos da sua existência não foram brilhantes. Montaram-se poucas peças e o público não acorreu, apesar das facilidades concedidas. E o teatro foi encerrado e demolido — para dar lugar a um aquário. Será esta decisão devida ao facto de não ter cumprido a sua missão? Mas, nesse caso, seria esta a única ou a melhor solução? Numa ci-

dade (e num país) onde escasseiam as salas de teatro e onde os grupos independentes se debatem com a falta de lugar para trabalhar, não representará esta medida um retrocesso no caminho para um teatro cada vez mais de todos?

Estas algumas questões postas ao acaso da rua a pessoas para quem Lisboa é centro de trabalho, de residência e nem sempre de cultura ou distração saudável. Para algumas, e apesar de aqui gastarem a sua vida, continua a ser uma cidade desconhecida.

É o caso de Maria Manuela Alves, de 35 anos, natural do Alentejo mas residente em Lisboa há 20. Trouxe-a a perspectiva de trabalho doméstico, em casa de uns «senhores ricos da terra». Manteve-a o casamento com um operário. Dizemos que continua a desconhecer a cidade onde vive, porque, especificamente, está muito longe de conhecer a sua cultura. De teatro, sabe apenas que há «umas salas no parque Mayer e o Monumental». Além disso, conhece o Raul Solnado, a quem viu uma vez actuar. Mas desconhecia completamente a existência do teatro da Estufa Fria. Por nosso intermédio, ficou a saber do seu desaparecimento, mas a notícia disse-lhe muito pouco:

— Ah, acabaram com esse teatro? Eu não sei nada disso, mas acho que é mal feito, tanto mais que era de graça. Eu gosto muito de teatro e só nunca tinha ido a esse por não saber. Numa altura em que pagamos tudo tão caro, é uma satisfação saber que ainda nos dão alguma coisa!

SOLUÇÃO FÁCIL

De falta de informação não se queixa o estudante de Germânicas António Amílcar Mateus, que se confessa «grande apreciador de bom teatro», não faltando a um espectáculo que lhe ofereça «as mínimas garantias de qualidade». Sobre o trabalho que era apresentado na Estufa Fria, não ficou o nosso entrevistado com a melhor impressão:

— Ultimamente, estavam mesmo a apresentar coisas muito mázinhas, que me pareciam indignas de um teatro municipal. Era como um rico que distribuía bocados de pão com bolor. Só porque o pão era dado (e não se pode considerar que fosse dado: era o contributo que pagava) não havia o direito de dar o que estava estragado. Mas, acabar simplesmente com o teatro não só não é solução, também é a confissão de uma derrota. Em vez de acabar com o teatro por o público não ir lá, porque não dar ao público espectáculos modernos que o atraiam, o prendessem? Além disso, a sala não estava convenientemente apetrechada e as condições acústicas era muito más. Mas a Câmara tinha meios para melhorar essas condições. E em Portugal há bons artistas, gente nova com imaginação, capaz de montar espectáculos bons sem gastar muito dinheiro. Porque não se tentou? Acho que a medida tomada foi a mais fácil e a que está mais longe de corresponder aos interesses do público.

A resposta que mais vezes recebemos neste inquérito tra-



duz uma profunda indiferença do cidadão pelo que se passa à sua volta. Para a maior parte das pessoas que encontramos, o teatro é uma coisa muito longínqua, que nada tem a ver com as suas necessidades imediatas. Assim, ouvimos dizer sem qualquer sobressalto frases como estas: «Não sei nem quero saber», «Não estou dentro do assunto, tomara eu ter tempo para trabalhar e tratar dos filhos», ou «Podem fechá-los todos que a mim não me incomoda: nunca lá vou». Muito perturbada com a pergunta, houve até uma senhora que nos respondeu: «Porque não quer antes saber se concordamos com a subida dos preços?».

Insistimos: mas então a perda de um teatro não lhe diz nada?

A senhora, que depois nos disse chamar-se Ana Domingues, ter 26 anos e ser cabeleireira, reflectiu e acabou por nos dizer:

— Olhe, às vezes leio as revistas de espectáculos e vejo que os artistas se queixam de falta de trabalho. Parece que não há teatros para todos e alguns acabam por ficar desempregados. Se começam a fechar os teatros, então ainda vão piorar a situação dessas

pessoas e das respectivas famílias. Parece-me que antes de se tomar uma decisão destas, se devia atender aos prejuízos que causava.

É UMA PENA...

Precisamente junto da Estufa Fria, contemplando os cisnes do lago, um homem de meia-idade e olhar nostálgico. Não tem aspecto de turista, arriscamos. É mesmo português. Mas é turista em Lisboa. Veio da Beira Alta para passar uns dias em casa de uma filha. O teatro não faz parte do programa da sua estadia. Nem sequer se tinha lembrado disso; mas agora é capaz de ir, já que lhe demos essa ideia.

— Então, onde é que me aconselha a ir, que não seja muito caro?

Também aos jornalistas se fazem perguntas difíceis...

Mas, contrariamente ao que esperávamos, o homem — Luís de Carvalho, de 54 anos, agricultor, conhecia o teatro da Estufa Fria. E a notícia da sua demolição já tinha chegado à sua terra.

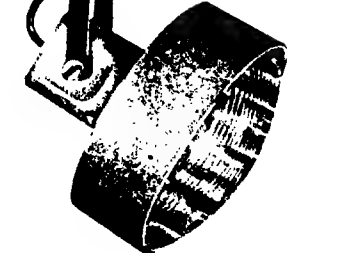
— Acho que é uma pena fazerem uma coisa dessas. Em tempos, estive em Lisboa e fui ver ali um espectáculo, não me lembro do nome, mas sei que

era com a Carmen Dolores, que eu acho uma grande artista. Foram até uns amigos que cá tenho (deixaram as terras para virem trabalhar para a cidade) que me levaram ao teatro. Eles iam muitas vezes, porque não pagavam nada. Acho que é uma pena, especialmente por causa da juventude, que aprecia muito essas coisas. E olhe, se não de andar por aí na «estroina»...

Nostálgicamente, o homem lá ficou sentado à beira do lago, olhando os patos e murmurando, já apenas para si próprio, que era uma pena...

ILUMINAÇÃO INCANDESCENTE

CALHA ELECTRIFICADA PROJECTORES



J.F.

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & CIA, LDA

TEL. 654165 * LISBOA

VISÃO INGLESA DA "GUERRA DO BACALHAU"

Há pelo menos 300 anos que as traineiras britânicas pescam ao largo da Islândia. Contudo, em 1961, aceitaram uma restrição nas suas actividades.

Considerando que o povo islandês está extremamente dependente da pesca costeira como fonte de sustento e de desenvolvimento económico, os ingleses comprometeram-se a respeitar um limite de doze milhas. Estabeleceu-se que este acordo só poderia ser alterado com o consentimento de ambas as partes e, caso surgisse algum conflito, recorrer-se-ia ao Tribunal Internacional de Justiça.

Acontece, no entanto, que a Islândia quebrou o pacto ao alargar os limites das suas



tendo esta última apresentado o conflito ao Tribunal Internacional, cujo veredicto final tão cedo não deverá ser divulgado. Entretanto, quando os islandeses tentaram pôr em vigor os novos limites, a Inglaterra solicitou ao Tribunal que se pronunciasse sobre as medidas a tomar, para evitar prejudicar qualquer das partes enquanto o veredicto não fosse pronunciado. O Tribunal declarou que a Islândia devia abster-se de pôr em vigor a nova lei, que a Inglaterra devia pôr limite à quantidade do pescado e que ambas as partes deviam tentar tudo para não piorar a situação.

A Inglaterra concordou, mas

o mesmo não aconteceu com a Islândia.

Cerca de metade do total do pescado (principalmente bacalhau e badejo) obtida ao largo da Islândia é levada por navios islandeses, um quarto pelos ingleses e bastante menos pelos alemães ocidentais.

Embora Whitehall compreenda os problemas da Islândia e partilhe as suas ideias no que respeita à conservação das espécies, nada nos leva a crer que se têm cometido exageros de pesca nos mares da Islândia. Nos últimos dez anos ou mais a quantidade do pescado tem sido extremamente regular. Pensa-se, portanto, que a Islândia quer manter as

traineiras estrangeiras à distância para aumentar o produto da sua pesca e melhorar a sua posição no lucrativo mercado americano.

A alegação de que a necessidade de alargar os limites das águas de pesca se baseia em considerações relativas à conservação das espécies deve ser ponderada lado a lado com a notícia de que a Islândia encomendou três novos navios de pesca e com a seguinte afirmação de um ministro: «Não negamos que o nosso objectivo máximo é que todo ou quase todo o peixe pescado em águas islandesas seja levado por navios islandeses».

Em Novembro do ano passado a Inglaterra propôs que os navios britânicos trabalhassem numa base de limitação da quantidade do pescado, podendo-se estender esta modalidade a outros países interessados. Em Janeiro deste ano os Ingleses estipularam que a quantidade do pescado não excedesse as 185 000 toneladas por ano, o que representa uma redução de 22 000 toneladas na quota de 1971.

Contudo no mês seguinte, o Parlamento islandês aprovou uma resolução que reiterava a intenção de alargar os limites

para cinquenta milhas, o que de facto agora sucedeu.

Este limite pode vir a prejudicar tanto a indústria piscatória britânica como o consumidor. Pode forçar a indústria a desfazer-se de alguns navios e a deixar muita gente sem emprego. As conversações continuam e a Inglaterra já apresentou novas sugestões, embora inutilmente. Resta saber se as negociações conduzirão a uma solução aceitável do conflito.

BILHETE DE IDENTIDADE

Verifique se o seu bilhete de identidade atingiu ou está próximo de atingir o prazo de validade, ou se está desactualizado. Se assim for, procure renová-lo ou actualizá-lo quanto antes. Pode ser-lhe necessário de um momento para o outro.

O Arquivo de Identificação em Lisboa está aberto das 8 da manhã às 8 da noite sem interrupção de 2.ª a 6.ª-feira, e ao sábado de manhã. Procure evitar as horas de ponta que são as do meio da manhã ou do meio da tarde e o dia de maior afluência que é o sábado.

Para renovar o bilhete de identidade, não precisa de certidão de nascimento se entregar o bilhete anterior, mesmo caducado. Se o não entregar, precisa, além da certidão, de justificar as circunstâncias em que o extraviou.

Por
DERYK JAMES

águas de pesca para cinquenta milhas, a contar do dia 1 de Setembro, e coroou este feito anunciando que não reconhecia a competência do Tribunal Internacional neste assunto.

Os novos meses de negociações entre a Islândia e a Inglaterra foram infructíferos,



AUTOMÔVEIS MENOS POLUIDORES

Continuação da página um

pelas regulamentações sejam perfeitamente respeitadas. Ora na regulamentação de 1972, a homologação de um novo veículo pode ainda ser obtida mesmo se o nível de emissão do veículo ensaiado ultrapassar de 20 a 25 por cento a norma fixada. Como não haverá controlo regular de uma certa percentagem de veículos a saída das carreiras de montagem, os níveis de emissão correm, de facto, o risco de ser superiores em 20 por cento às normas fixadas, e de aumentar a tonelagem anual bastante mais do que o indicado pelas curvas.

O esquema seguinte mostra, no entanto, o custo bastante diminuído das medidas a tomar para diminuir de mais de 50 por cento a quantidade de óxido de carbono e de hidrocarbonetos emitidos pelo escape: menos de 2,7 por cento do

preço de um veículo médio, ou seja menos de aproximadamente mil e oitocentos escudos (estes números são dos construtores!).

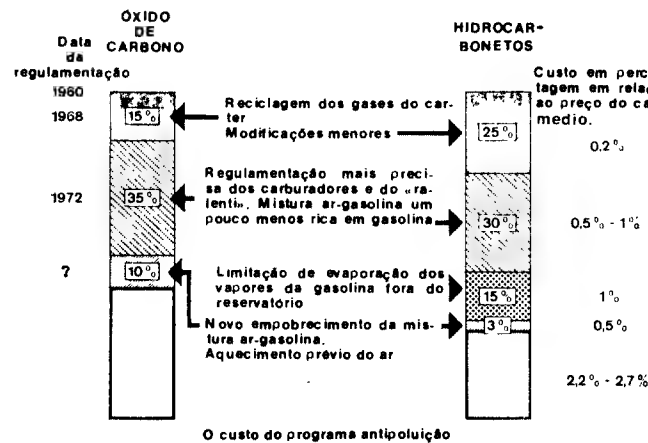
As primeiras medidas, em 1968, tornaram em primeiro lugar obrigatório a reciclagem dos gases do carter (invólucro metálico do motor). Em vez de escaparem livremente para o ar, estes gases são reenviados para os circuitos de admissão.

A nova redução dos níveis de emissão, em 1972, é, também, obtida de forma muito simples, essencialmente por uma regulação mais precisa dos carburadores; nas viaturas em circulação, esta regulação era tal que a mistura ar-gasolina era sempre mais rica em gasolina do que aquilo que era verdadeiramente necessário. Um pouco sobrealimentada, a viatura funcionava apesar de

uma regulação aproximada. Doravante, a mistura ar-gasolina será empobrecida. Esta medida tem, no entanto, um inconveniente: há mais oxigénio dis-

ponível para a combustão, e a temperatura desta aumenta.

Isto traduz-se por um aumento da quantidade de óxido de azoto produzido.



Se, como se prevê, se decidir, em 1974, reduzir de 20 por cento as emissões de óxido de carbono e de 10 por cento as dos hidrocarbonetos em relação a 1972, será preciso empobrecer ainda mais a mistura e aquecer o ar antes de o enviar para o carburador, e também, talvez, considerar um reservatório de gasolina com um budo estanco; os vapores de gasolina que se formam no reservatório sob o efeito do calor ou das sacudidas do carro serão enviadas para um dispositivo de carvão de madeira que os reterá, o que significa uma nova despesa de cerca de 1,5 por cento do preço médio de uma viatura.

De momento, não está prevista nenhuma medida para reduzir as emissões de óxido de azoto antes de 1974. Nesta data, reciclar-se-ão, talvez, os gases de escape que, tomados à saída do motor serão reenviados ao carburador. Isto reduzirá a quantidade de óxido de azoto de 30 a 50 por cento, com uma despesa de ordem de, aproximadamente, 600 escudos.

Se se quiser ir mais longe as medidas serão um pouco mais onerosas, sobretudo com a introdução de catalizadores para reter os três gases. Os Estados Unidos, que querem reduzir os níveis de emissão dos três gases de 90 por cento em 1976, relativamente a 1968, calculam que o custo será de

cerca de nove contos por viatura.

Este custo é suportável pelas viaturas de cilindrada média, pois é diluída no tempo. Porém, alguns pensam que o não é para as viaturas europeias mais pequenas e preconizam outras medidas mais qualitativas e menos onerosas: uma urbanização melhor planificada, o estabelecimento das horas de trabalho como em certas sociedades alemãs, o recuso aos transportes em comum modernos, às limitações do tráfico nas cidades, portagem para penetrar no centro das aglomerações, novas taxas sobre a gasolina, etc., etc.

Marselha fez, de 7 a 16 de Outubro de 1971, uma experiência interessante: interditou todas as viaturas particulares no centro da cidade aonde somente os autocarros e os táxis foram autorizados a circular. A concentração média de óxido de carbono caiu, durante esses dias, de 18,8 para 3,6 ppm. Depois, de 17 a 27 de Outubro, interditaram apenas todo o estacionamento no centro da cidade, reservando nove quilómetros de vias aos autocarros: a concentração foi de 11 ppm. Várias grandes cidades europeias, tais como Essen, Haia, Düsseldorf, Munique interditaram já toda a circulação em certas ruas muito concorridas, para grande alegria daqueles que temem a poluição e o ruído...

NO COM

PLANEJA

Afirmou - nos o

Nas cidades cada vez mais superpovoadas — até mesmo as nossas, cada vez mais contrastantes com o vazio dos campos — a poluição e, de um modo mais genérico, a insalubridade ambiental são problemas cuja solução se torna cada vez mais premente e de manutenção mais penosa. Fruto da industrialização e do progresso tecnológico a situação encontra os seus solucionadores nesses mesmos campos que a produziram. Quadros políticos e técnicos estudam e promovem o combate à destruição do ambiente.

O prof. Adilson Serôa da Motta, chefe do programa de saneamento do Departamento de Hidráulica e Saneamento da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é um dos peritos na questão que melhor nos poderia elucidar sobre o papel da engenharia sanitária na defesa da salubridade urbana. Não só desempenhou sempre funções que o ligaram ao problema como foi durante quatro anos director dos Serviços de Saneamento e Urbanização do Estado de Guanabara.

Aproveitando a sua estadia em Lisboa, onde proferiu uma série de conferências sobre o assunto, o «DL» entrevistou o prof. Serôa da Motta cujas declarações passamos a apresentar.

UM OUTRO MÉDICO

Quando nós cuidamos da situação entre o homem e o meio em que ele vive sentimos imediatamente a importância relevante das condições naturais existentes para a sua própria saúde. De modo que todos sabemos perfeitamente que em zonas frias o homem tem que se abrigar contra a temperatura baixa, como também numa zona quente o seu vestuário é totalmente diferente, sempre procurando uma certa adaptação ao meio. E acontece que ele próprio e nós todos, temos aquilo a que se chama de mecanismo de adaptação ao meio ambiente. Mas este mecanismo é muito limitado e por isso mesmo quando se verificam condições mais desfavoráveis, procuramos certos artifícios, certos recursos que tendem a melhorar a interrelação homem-meio. Assim, para conseguir condições satisfatórias para o homem, precisamos de realizar aquilo a que se chama de condicionamento do meio, tornando-o propício ao mesmo; de forma semelhante aquela em que o médico procura cuidar das pessoas para elas suportarem a eventual agressividade do meio, então caberá, naturalmente a outros profissionais tratar deste meio para o tornar favorável ao homem. Deste modo, cristalizou-se, desde o século passado, a ideia de que caberia ao engenheiro a liderança desses trabalhos de condicionamento

ambiental. Em virtude disso, surgiu a intenção de criar um ramo da engenharia que cuidasse do meio. Esse ramo se denomina de engenharia sanitária, por vezes engenharia de saúde pública, e, mais modernamente, de engenharia ambiental.

Dentro das actividades de saneamento, nós poderíamos mencionar, à guisa de exemplificação, primeiramente o chamado saneamento da água. E nesse saneamento da água compreenderíamos o fornecimento adequado de água às comunidades, a construção de sistemas adequados de esgotos e a eliminação de condições propícias à proliferação de insectos. A seguir, poderíamos mencionar o saneamento do ar, o qual compreenderia o saneamento de ambientes confinados — naturalmente através de operações de ventilação, de condicionamento do ar — e, por outro lado, algo bem mais complexo que é o saneamento do ar exterior — através de acções que configuram o chamado controlo da poluição atmosférica. E ainda teríamos uma série de outras actividades diversificadas, como por exemplo, o problema da colecta, do transporte e do destino final do lixo; ou também o controlo de animais portadores de doenças. É o caso. Por exemplo, da eliminação do mosquito numa certa região para o que é preciso eliminar todo e qualquer foco de água estagnada que constitui elo indispensável no círculo evolutivo do mosquito. São necessárias obras de drenagem e secagem de regiões alagadas; haverá igualmente actividades de controlo de ruídos, o que nas cidades representa algo de grande importância. Todas estas e ainda outras actividades são específicas do engenheiro, dentro do campo genérico da saúde pública. Ouvida esta introdução, pedimos ao prof. Adilson da Motta que nos informasse quanto à metodologia adequada ao enquadramento e resolução dos problemas do saneamento ambiental:

O PLANO

Quando abordamos isoladamente um problema de saneamento e mais concretamente uma das actividades de saneamento básico ou seja, o abastecimento de água, sua colecta, transporte e de expulsão final adequada então, se considerarmos isoladamente um problema desses para uma dada comunidade, é imprescindível que nós não façamos apenas uma abordagem parcial do problema. A boa técnica e, quase que diria, a própria sensatez, indicam-nos a necessidade de formularmos um plano que atenda, de uma forma satisfatória, a toda aquela comunidade. Então tudo será estudado em função de um plano que nos possa dar uma visão integrada do problema em todas as suas fases. Depois de esta-



COMBATE À POLUIÇÃO

AR É INDISPENSÁVEL

s o prof. brasileiro Adilson Serôa da Motta

belecidas as linhas gerais e directrizes básicas, nós passaremos ao nível dos projectos executivos para as áreas consideradas prioritárias. Portanto, qualquer parte que se execute não será apenas a resolução

Entrevista de:
FRANCISCO NEVES

dum problema local, mas pertencerá a um contexto genérico que visa a resolver de modo definitivo e consistente o problema de toda a comunidade.

A técnica moderna recomenda que para uma comunidade com problemas de saneamento a resolver (ou até ao projectar-se uma comunidade nova) realize um plano director grando; neste caso todos os elementos ligados à vida da

meira desta organização particular seja a consecução de lucros mesmo que sejam lucros perfeitamente razoáveis, dentro dos limites do interesse público. Mas esta seria a sua meta espontânea e natural. Como me parece inarredável a condição de que em casos de saúde pública, sempre a grande meta a ser obedecida é a própria saúde e como, por outro lado, os serviços ligados ao saneamento, e particularmente ao saneamento básico — água e esgotos — são serviços que exigem grandes investimentos e propiciam lucros duvidosos ou muito pequenos, então eu não creio que serviços dessa natureza devam ser confiados a organizações particulares. Fui informado de que aqui em Lisboa o serviço de água é confiado a uma empresa particular e que funciona de uma forma satisfatória sob a vigilância de uma comissão

quias, sociedades de economia mista e as empresas públicas. E ainda haveria outras modalidades em que o poder público confiaria antes esta missão a organizações particulares, através de uma permissão — que é uma medida meramente transitória — ou de uma concessão — que é um contrato bilateral que institui direitos e deveres para ambas as partes, normalmente duráveis por um prazo relativamente longo.

Quanto às modalidades inerentes ao sector público, há a dizer que a administração directa, pelas suas peias, pelas suas dificuldades normais e típicas da estrutura centralizada do Estado, não representa de forma alguma a solução para os sistemas de saneamento básico já que neles se verificam situações de urgência ou emergência que muitas vezes se confundem com a rotina, tal é o número de vezes que te-

tina sobretudo a fins educacionais, de benemerência, assistenciais, e outros, que não lhe conferem as capacidades necessárias a um órgão executivo como devem ser aqueles a que me refiro. Se a sociedade de economia mista e a empresa pública são as que melhor encarnam a solução do problema, que não me parece que no primeiro destes casos haja algum interesse de particulares — a não ser por motivos de ordem cívica — em adquirir acções de uma companhia de água ou, muito menos de esgotos, porque as perspectivas de lucro não são muito atraentes. Por outro lado, estou convicto de que quando temos um sistema de águas ou de esgotos será imprescindível um reinvestimento sistemático de qualquer espécie de lucro até que o tenhamos, não apenas funcionando perfeitamente mas, apto a manter este funcionamento satisfatório por uma época razoável e sempre atendendo às possíveis projecções para o futuro. E isto de maneira a que não haja solução de continuidade na adequabilidade do sistema considerado. Por isso, é muito difícil que depois de todas essas providências, ainda possamos ter margens de lucro que tornem atractivo o investimento e a compra de acções em empresas dessa natureza.

Depois de conhecidas algumas das directrizes cuja aplicação prática tem demonstrado a eficácia poderíamos terminar por aqui, interrogando-nos sobre até que ponto se tem, entre nós, procedido correcta e eficientemente em matéria de saneamento ambiental. Mas porque julgamos de interesse — quanto mais não seja, informativo — pedimos ao professor brasileiro que nos falasse, sucintamente, sobre o que se faz actualmente no seu país neste campo.

A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA

— Quanto ao que se faz actualmente, de mais marcante, em termos de saneamento no nosso Brasil eu poderei dizer com bastante satisfação que este problema representa uma das metas prioritárias do Governo Federal, diz-nos o prof. Serôa da Motta.

E continua:

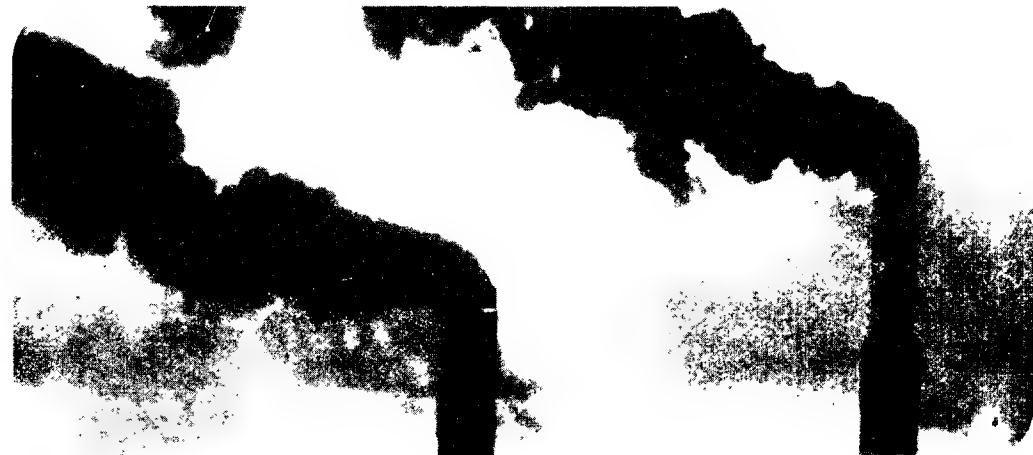
Alguns anos atrás, foi criado no Brasil o Banco Nacional de Habitação, destinado basicamente a equacionar e procurar resolver os cruciais problemas habitacionais que temos pelo país fora. A desigual distribuição de riqueza que — para consolo nosso — não é «privilegio» do nosso país, deu margem a que inúmeras habitações totalmente inadequadas e anti-higiénicas (em que, naturalmente, os habitantes não têm uma vida mas uma sub-vida) proliferassem em inúmeros pontos do país. No Rio de Janeiro e em vários outros centros urbanos. Para obviar a este problema foi criado o referi-



Prof. Serôa da Motta: em defesa da socialização dos serviços de utilidade pública.

do banco. Este movimento recursos realmente poderosos e, criado há cinco ou seis anos, já ultrapassou a marca de meio milhão de casas a sua actividade em todo o território nacional. Existem já programas mo- sistentes, perfeitamente definidos, para continuar esta luta contra a falta de habitação adequada e, dentro das metas do B.N.H., está clara a preocupação de não apenas corrigir no momento mas de estabelecer esquemas que permitam a correcção permanente desta situação. Em todos os Estados do Brasil se criaram cooperativas habitacionais, não apenas de âmbito estadual — mas quer municipal, quer de iniciativa particular — que após exame das suas habilitações são ajudadas pelo B.N.H. Este tomento habitacional criou novas comunidades e, consequentemente, exigiu equipamentos urbanos que permitam condições de vida satisfatórias. Dentro destes equipamentos os que mais dramaticamente devem chamar a atenção dos gover-

nantes são os de água e esgotos. O Banco Nacional de Habitação procurou criar dentro da sua estrutura aquilo a que se chama de sistema financeiro de saneamento, departamento que se dedica exclusivamente aos problemas do saneamento básico. Com esta preocupação — dotar os aglomerados de redes de águas e esgotos — criou forma o Plano Nacional de Saneamento PLANASA — que se traduz, de um modo aliás espectacular, numa acção planeada para dez anos, de 1970 a 1980, que vá dotar 80 por cento da população urbana de abastecimento de água potável adequado. Esta percentagem de habitantes representa mais de 60 milhões de pessoas. Ao mesmo tempo, pretende o B.N.H. dotar 40 por cento desta mesma população de sistema de esgotos sanitários. Os investimentos vão a cerca de dez milhares de milhões de cruzeiros novos pois que a sua finalidade justifica plenamente o emprego de tão avultados capitais.



comunidade serão levados em conta. Ao mesmo tempo que levamos em consideração todos os aspectos do saneamento, teremos presente outros aspectos como o de energia, de telefones, ou qualquer outro serviço público, de modo que dadas as frequentes relações entre esses elementos possamos dotar o aglomerado de equipamentos urbanos adequados, ou seja, de todas as facilidades para que ele tenha condições de bem-estar, de saúde, última análise, de felicidade.

A SAÚDE E O LUCRO

Qual a forma ideal para a administração e operação de sistemas públicos ligados ao saneamento?

— No que se refere à pergunta que me faz, eu direi que de acordo com a minha opinião pessoal e, mais do que isso, com a minha vivência, que considero que organizações que lidam com a saúde pública, devem ser regidas por uma lei que não admita excepção e que cristalice a seguinte directriz: a meta a ser seguida é sempre a saúde do homem. Quando se pensa em confiar a uma empresa privada um serviço de interesse público é natural que a preocupação pri-

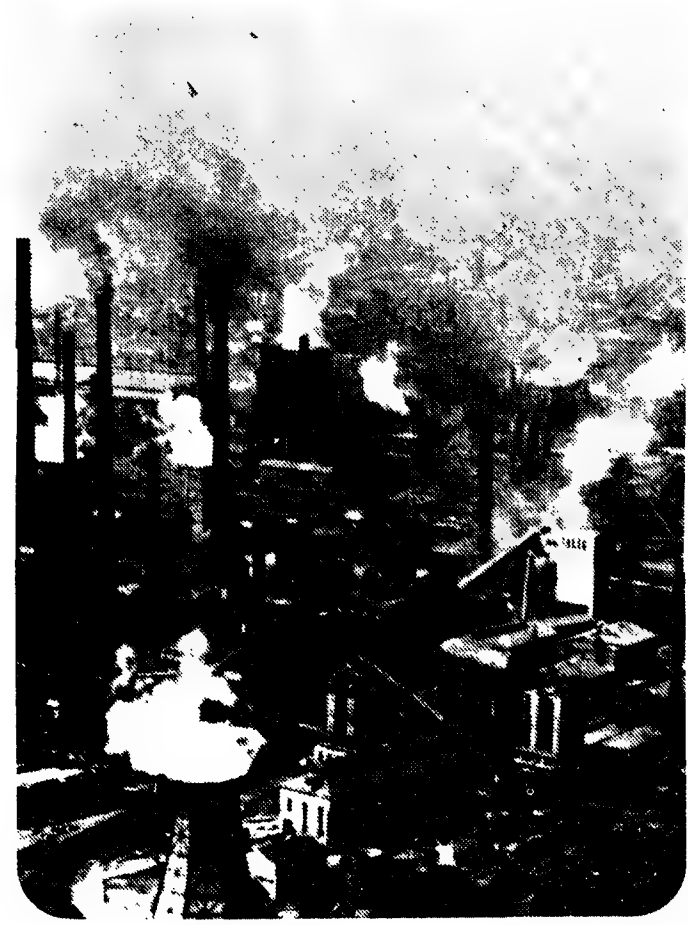
de engenheiros do governo. Esta minha recomendação de âmbito genérico, que seria a regra a ser seguida, não me parece ser invalidada por esta excepção, porquanto a tendência geral é a de se colocar a saúde como meta a seguir. É possível que o segredo do êxito desta excepção — que não há-de ser a única no mundo — se encerre, e disso estou certo, na vigilância e no espírito público da comissão que procura fazer com que a meta da saúde pública esteja sempre presente e não seja sacrificada a qualquer outra aspiração.

AUTARQUIA, EMPRESA PÚBLICA OU SOCIEDADE DE ECONOMIA MISTA

E, mais concretamente, sob o ponto de vista organizacional, diz o perito:

— Quando o poder estatal, cuida de um serviço qualquer de interesse público várias formas de administração poderão ter lugar. Basicamente teríamos os caos de administração directa dos órgãos in- crustados na estrutura geral do Estado e de órgãos de administração indirecta que seriam os que têm uma personalidade própria, uma autonomia financeira e administrativa-autar-

mos de as enfrentar. Assim sendo, para a solução de problemas que exigem esforços intensos e soluções rápidas, eu não creio, de forma nenhuma, que jamais consigamos, sob uma administração directa, os êxitos que se desejam para serviços de tão alta relevância. Dito isto, nós teremos os casos de administração indirecta: autarquia, empresa pública ou sociedade de economia mista. A autarquia que representa ainda uma entidade de direito público, tem sem dúvida, uma grande vantagem sobre a administração directa. Para pequenas comunidades creio que será a solução perfeitamente aceitável. Entretanto parece-me — e volto a invocar a minha experiência neste campo — que para grandes comunidades a solução autárquica não chega a ser plenamente satisfatória pois carece ainda de uma certa flexibilidade: ainda existem várias amarras à estrutura geral do Estado já que ela tem que obedecer a toda aquela regulamentação típica dos serviços estatais. Então parece-me que neste caso será de adoptar uma das suas modalidades para-estatais: a sociedade de economia mista e a empresa pública. Isto excluindo uma ou outra entidade — a fundação — já que ela se des-





O AFGANISTÃO,

1 - ONDE O BETÃO É SOVIÉTICO E O ALCATRÃO É AMERICANO

OLIVIER WARIN

Após 8000 quilómetros de lama e de calhaus, de buracos e de poeira, não podemos deixar de apreciar as estradas do Afeganistão, onde o alcatrão alterna com o betão. O betão é soviético, o alcatrão americano. As porções são ligadas como um jogo de dominós: basta que os americanos melhorem 100 quilómetros de estrada para que os russos se encarreguem de 150 quilómetros, e vice-versa. É decerto um caso único no Mundo o facto de, no mesmo país, os americanos prosseguirem a obra dos russos e os russos a dos americanos...

Será possível manter durante muito tempo esta Suíça da Ásia que é hoje em dia o Afeganistão? É lícito duvidar. Marcado por séculos de massacres e sangrentas batalhas, o Afeganistão continua a ser um país em gestão onde fervilham forças múltiplas e diversas que aguardam apenas uma falca para se manifestarem, tanto mais que nada se pode aí fazer sem a assistência estrangeira.

O Afeganistão sabe-o, e usa e abusa desta situação, seguindo, neste domínio, uma política bastante firme de não alinhamento. Isso permite-lhe bater a todas as portas e jogar com a competição entre os diversos países que podem ajudá-lo.

Assim, em 1953, os soviéticos construíram, em Cabul, um aeroporto internacional. Imediatamente, os americanos construíram um outro, em Kandahar, ainda mais moderno, evidentemente. Um monumento da vaidade capitalista, na verdade, na medida em que só serve quando as condições atmosféricas impedem a aterragem em Cabul, isto é, raramente.

Para alcançar os objectivos definidos pelo III Plano (1967-1971), o Afeganistão pedia 420 milhões de dólares de auxílio estrangeiro. No decurso do II Plano (1962-1967), recebera 352 milhões de dólares ou de empréstimos, dos quais 65 por cento da União Soviética, 23 por cento dos Estados Unidos

e 9 por cento da República Federal Alemã.

Os russos, que se encontram mais próximos, vêm assim em primeiro lugar, e a sua influência não deixa de aumentar. A U.R.S.S. e os países da Europa de Leste têm cerca de mil e duzentos especialistas civis no Afeganistão, em comparação com oitocentos dos países ocidentais e duzentos e cinquenta das Nações Unidas. Além disso — e isto é importante — o exército afegão é comandado e equipado pelos russos e pelos checos. Quanto à repensão chinesa, mais insidiosa, é extremamente difícil de avaliar. Um acordo entre Pequim e Cabul permitiu a transferência de populações muçulmanas da China para o Afeganistão. Desconhece-se o seu número exacto, dado que os cálculos; muito variáveis, vão de mil a cem mil pessoas. O que importa não é, aliás, o número, mas sim o facto de estas populações, com a mesma religião, a mesma língua e fisicamente semelhantes a certos afegãos (uzbeks, hazaras, etc.) se encontrarem muito integradas. Determinado comerciante, de nome e aspecto perfeitamente afegão, é na realidade chinês. Uma penetração desta espécie tem talvez mais influência do que todas as grandes obras russas e americanas...

De 1950 a 1969, o Afeganistão recebeu da U.R.S.S. 638 milhões de dólares, dos Estados Unidos 406,4 milhões, da República Federal Alemã 83,5 milhões e da República Popular da China 24 milhões. Em contrapartida, o auxílio francês não é de carácter financeiro; limita-se a ser cultural e técnico, e ainda assim parcimonioso. Esta presença data, porém, da independência do Afeganistão, de 1922, quando foi assinada em Cabul uma convenção que concedia à França o monopólio das pesquisas arqueológicas durante trinta anos (convenção que não foi, aliás, renovada).

Em 1923 era fundado o liceu franco-afegão, Maktab-e-Esteqal. Além do Rei, a maioria dos ministros e altos funcionários actuais fez aí os seus estudos. Hoje em dia, acolhe cerca de dos mil alunos e cargo de vinte e cinco estudantes vindos de França, atribuindo um diploma teoricamente equivalente ao bacharelato francês. Na realidade, está-se longe disso, e alguns professores reconhecem que, a despeito dos seus esforços, os bachareis afegãos mal têm o nível da admissão no sexto ano de um liceu de França.

Há uma anedota que ilustra as dificuldades que se deparam aos colaboradores estrangeiros. Convém esciar desde já que um colaborador militar francês auferia mais ou menos o mesmo salário que o primeiro ministro, e que um reitor afegão ganhava tanto como um criado ao serviço de estrangeiros. É fácil imaginar como o sistema do «Bakchich» é próspero: diploma, função, em-

prego, tudo pode ser comprado.

Assim, o embaixador de França, que manifestou espanto pelo facto de os bachareis do Estiqlal nunca serem admitidos na faculdade de ciências, recebeu esta resposta dos professores: «É normal, pois são os únicos que não sabem antecipadamente os temas dos concursos...»

Há igualmente uma missão médica francesa, mas foi necessário dissolver a missão agrícola. Quanto à colónia francesa, comporta aproximadamente cento e cinquenta pessoas, incluindo mulheres e crianças, o que a deixa muito em desvantagem em relação aos soviéticos, americanos e alemães.

As actividades culturais poderiam ser importantes, na medida em que muitos dos intelectuais afegãos são francófonos. Na realidade, porém, são muito pobres: alguns músicos em digressão, geralmente medíocres e fatigados, dado que mudam quase todos os dias de país; um grupo de amadores que só uma vez por ano apresenta um espectáculo em francês; um círculo cultural que projecta, duas vezes por semana, filmes antigos e aborrecidos numa sala pequena e desconfortável.

A MAGIA DO DESERTO

A França desforra-se, porém, com os seus turistas, que, desde há dois ou três anos, constituem o grupo mais numeroso, graças, em larga medida, ao livro de Kessel, *Os Cavaleiros*. É uma atitude justa para com um dos países mais belos de todo o Mundo. Quem viu o sol pôr-se por detrás dos lagos de Band-i-Amir, viveu a magia do «dasht» (deserto) ou atravessou as gargantas do Tec-

to do Mundo, só pensará em aí voltar.

Mas não será ainda amanhã que o Afeganistão viverá do seu turismo. Actualmente, 90 por cento da população tira os seus rendimentos da agricultura, rendimentos muito modestos, aliás, dado que a média anual por habitante é inferior a cem dólares. A explicação está no facto de apenas 8 por cento da superfície total do Afeganistão ser cultivada, não sem dificuldade, na medida em que, nos melhores anos, a chuva que cai não ultrapassa os 300 mm. Dois períodos de estiagem excepcional, em 1970 e 1971, fizeram o espectro da fome pairar sobre o país.

É, portanto, indispensável desenvolver a irrigação artificial para produzir as principais colheitas (trigo, arroz, cevada, algodão, fruta e legumes). Outrora, o original sistema dos *carez*, canais subterrâneos, evitava a evaporação que seca, no Verão, todos os rios do país. Muito complexo, permite transformar certas zonas, presentemente desérticas, em terras muito férteis. Gengis Kahn destruiu estes canais, os quais nunca foram reconstruídos. Agora que se procura recriar a irrigação, levantam-se graves problemas, na medida em que muitas terras, secas durante séculos, se tornaram salgadas e impróprias para a sultura. Está nestas condições o vale de Helmand, onde foram levados a cabo importantes trabalhos.

Por outro lado, os afegãos dedicam-se à criação de grande variedade de animais domésticos (carneiros, camelos, cabras, burros, vacas, búfalos, cavalos de machos) muitos dos quais, especialmente os ovinos, acompanham as migrações dos nómadas que a aridez obriga a deslocarem-se constantemente.

O CONTRABANDO DO OURO E DA DROGA

O comércio externo baseia-

se na exportação de carneiro *karakuls*, de tapetes (que têm causado aborrecimentos aos importadores europeus, pois chegam tão pesados de poeira como de lã), de *mohair*, de lã, de peles, de pelicas e de frutos secos ou frescos, sem falar do contrabando, muito importante e quase oficial. Considerando determinadas regiões do Paquistão como fazendo parte do seu próprio território, as autoridades afegãs podem impedir a livre circulação dos *Pashtus*, cujas famílias vivem de ambos os lados da fronteira. Com grande desespero dos especialistas alemães, toda a madeira de Pakia toma o caminho do Paquistão em imensas caravanas de camelos, onde será vendida mais cara do que em Cabul. Parece que a única formalidade consiste num pequeno «bakchich» ao governador da província, lugar evidentemente muito procurado. Assim, tudo pode passar: armas, munições, transistores, ouro, droga, etc.

Há quem afirme que a economia afegã se baseia em larga medida no equilíbrio entre o tráfico do ouro em direcção à Índia, onde é vendido por elevado preço, e o da droga em direcção ao Ocidente, onde conhecemos a escalada dos seus preços. Explicando uma brusca descida do afghani (moeda nacional) pela impermeabilidade de cada vez maior das fronteiras iranianas à droga. Efectivamente, Teerão decretou uma lei que permite executar sumariamente quem for detido na fronteira na posse da droga. Foi assim que alguns traficantes e turistas *hippies* desapareceram. Sabe-se que, contrariamente aquilo que dizem, os iranianos não procuram lutar contra a droga, mas sim proteger as suas próprias plantações de dormideiras.

O contrabando é também notoriamente exercido graças ao Hadj, a peregrinação a Meca. A maioria dos peregrinos traz das zonas francas da Arábia transistores, máquinas fotográficas ou relógios que, vendidos,



TALHERES DE PRATA TOPAZIO



D. JOÃO V

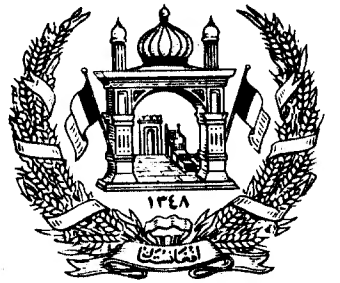
CANICHA

REGULO

D. JOSE

duplamente trabalhados
A VENDA NAS BOAS OURIVESARIAS

SUÍÇA DA ÁSIA



2 - ENTRE A TRADIÇÃO E O PROGRESSO

os reembolsam das despesas de viagem.

A riqueza potencial do Afeganistão encontra-se porém, noutra sector: no petróleo, no gás e nos minerais — crómio, ouro, chumbo, zinco, cobre, ferro, enxofre, carvão, sal e lápis-lazúli — que possui em abundância. Trazia apenas o carvão, o gás, o sal e o lápis-lazúli são explorados, e mesmo assim de maneira limitada e, na maioria dos casos, primitiva. Os outros recursos encontram-se praticamente intactos, dado que o acesso é difícil e a importância da maior parte dos jazigos praticamente desconhecida.

É certo que foi apenas em 1956 que o Afeganistão decidiu organizar o seu desenvolvimento através de um programa de planos quinquenais. As despesas totais do primeiro e do segundo planos (1956-1961 e 1962-1967) foram de 235 e 415 milhões de dólares, 75 por cento e 80 por cento dos quais, respectivamente, cobertos pelo auxílio estrangeiro. O terceiro começou em Abril de 1967 e o quarto está no princípio. Os ambiciosos objectivos dos primeiros planos não foram totalmente alcançados, antes pelo contrário, mas reflectem a vontade do Governo em assegurar o desenvolvimento económico. Em 1969-1970, 30 por cento do orçamento do Estado foi-lhes consagrado.

Após ter dado prioridade ao desenvolvimento dos transportes e das comunicações, chegou agora o momento de encarar seriamente o problema da educação. Efectivamente, 90 por cento dos afegãos são analfabetos, e apenas 20 por cento das crianças frequentam as escolas primárias. Um dos principais obstáculos no caminho da educação é a escassez de professores, cujo número não ultrapassa os dez mil, e mais de 50 por cento dos quais não recebeu uma verdadeira preparação para o ensino (padres de aldeias, notáveis, etc.).

Aliás, não é inteiramente por culpa das autoridades, pois é difícil submeter os afegãos à disciplina de uma administração do tipo ocidental.

Nas estradas do Afeganistão, é possível ver, por vezes, homens que fazem «auto-stop» nos dois sentidos ao mesmo tempo. Mesmo o mais «hippie» dos «hippies» da Califórnia nunca tentou decerto este sistema. O país não é menos estranho do que os seus habitantes.

Ligeiramente maior do que a França (650000 km²), apresenta grande variedade de relevos estéreis entre os cumes de mais de 7000 metros do Pamir (o tecto do mundo) e o deserto de Seistan, tão árido e quente que um rio — o Helmand — desaparece aí completamente. As únicas regiões cultiváveis são a estepe do Norte e alguns vales privilegiados.

O clima tão pouco apresenta menos contrastes: há enormes diferenças de temperatura entre o Inverno e o Verão, e, por vezes, até mesmo entre o dia e a noite. Cabul, situada numa zona relativamente temperada, regista variações de menos de vinte a mais de quarenta graus.

As fronteiras? Ao norte a U.R.S.S.; dois mil quilómetros que partem em duas fracções

as populações usbeque, turcomena e tajique. A nordeste, a China Popular, com quilómetros nos confins da serra do Pamir, curioso prolongamento do Afeganistão, nascido, em 1895, de uma fantasia dos russos e dos ingleses, o quais não desejavam ter fronteira comum. A leste a ao sul, o Paquistão; a fronteira segue a linha Durand — arbitrariamente traçada pela Inglaterra em 1893 — a qual atravessa sem vergonha os territórios pashtus que o Afeganistão não cessou desde então de reivindicar; esta partilha dá origem a infundáveis controvérsias, bem como a incidentes frotreiros por vezes muito violentos. A ocidente, o Irão, cuja língua é semelhante, mas que não se ente atraído por esse facto, pois os iranianos pertencem à seita chilita, ao passo que 90 por cento dos afegãos praticam o Islão sunita.

A população, na ausência de um recenseamento sério, situa-se entre nove e dezasseis milhões de habitantes, dos quais, sem dúvida, mais de dois milhões de nómadas (kutichis), cerca de 40 por cento de pashtus, ou patãs (a etnia dominante), 25 por cento de tajiques, de origem persa, e os hazaras, usbeques (cavaleiros do famoso buzkachi), quirguizes, nalutchs, nuristanis, etc. Por este motivo, fala-se neste país cerca de uma centena de línguas e dialectos, enquanto que as línguas oficiais são o pashtu e o dari (persa do Afeganistão).

O único laço sólido entre estes homens, que, por vezes, não se compreendem de um vale para o outro, é a região. Toda a população é, aliás, muito praticante. É vulgar, nas horas de oração, ver policiais e soldados ajoelharem-se em plena rua, a pala do boné voltada para a nuca, hábil compromisso entre o regulamento militar que proíbe que se descubram e a regra religiosa que manda tocar a terra com a fronte.

O país teve uma história bastante atormentada. Durante quarenta séculos (chamava-se então Ariana), o Afeganistão conheceu todas as religiões e todos os demiurgos, de Zaratrasta ao Islão, passando pelos deuses gregos e o Buda; todos os conquistadores, de Alexandre aos flagelos mongóis, Gengis Khan e Tamerlan. Marco Polo atravessou-o e os ingleses sofreram aí três pesadas derrotas que os obrigaram, em 1921, a reconhecer a independência do país. Uma revolução derrubou o Rei Amanullah em 1929, um louco assassino abateu Nadir Chah em 1933 e Mohamed Kaher Chah sobe ao trono.

A Constituição de 1964 determina que o rei deve ser afegão e muçulmano do rito sunita hanefita, que o trono é hereditário e pertence aos descendentes do sexo masculino de Nadir Chah, na ordem de primogenitura; que nenhum membro da família real pode exercer funções governamentais (até então, o primeiro ministro fora sempre um tio ou um primo do rei).

O monarca nomeia o primeiro ministro e, em seguida, os ministros mediante proposta

do primeiro ministro. O Governo é responsável perante a Assembleia Nacional, cuja investidura deve obter.

O Parlamento, ou Shura, compõe-se de duas câmaras: a Meshrano Djirna (Senado), um terço dos membros da qual é nomeado pelo rei, e a Wolesi Djirga (Assembleia Nacional), eleita por sufrágio universal — incerto na medida em que um sexto da população é nómada e se desconhece se o número de habitantes é 9 ou 16 milhões...

ORDENS RÉGIAS

Todas estas disposições são, como se pode ver, muito democráticas, mas na realidade, muito difíceis de aplicar, dado que predomina a mentalidade feudal. Determinado ministro, bom conhecedor das grandes teorias económicas, fala, sem pestanejar, das terríveis vinganças de sua família e das suas ordens régias!

O homem que desejou esta Constituição, Zaher Chah, nasceu em Cabul em 15 de Outubro de 1914, tendo feito os seus estudos primários no liceu franco-afegão e os secundários em França. Com seu tio Amanullah, reformador demasiado zeloso, aprendeu que e preciso não atacar directamente as tradições populares e religiosas. A monogamia não é obrigatória, mas aconselhada, e o soberano, imitado neste aspecto pela família e pelos altos funcionários, contenta-se em dar o exemplo. O uso do véu não foi abolido, mas deixou de ser obrigatório a partir de 1958, quando pela primeira vez, a rainha Homaira e diversas mulheres de ministros apareceram em público, a face descoberta.

Desde o assassinato de seu pai, o soberano manifesta uma certa antipatia pelo fausto e pela vida pública. O palácio de Delkusha (a Delícia do coração) nunca é cenário de festas sumptuosas. O rei só aí recebe, em audiência privada, e de uma maneira muito simples, os chefes de Estado ou de Governo que vêm visitá-lo. (Georges Pompidou, então primeiro ministro, foi seu hóspede em 1968, aquando dos acontecimentos de Maio). Aparece raramente em público e dá a impressão de só abandonar as suas colecções de armas e de livros antigos para se dirigir à sua herdade modelo de Karizmir, a 15 quilómetros de Cabul, que ele próprio dirige e de que se ocupa activamente.

O rei deixa aos seus conselheiros e ministros os cuidados das grandes questões políticas e económicas. A sua primeira preocupação parece ser reforçar a unidade nacional. Não desconhece que, em certas regiões, se ignora mesmo a sua existência e, noutras, devido à distância e às dificuldades de comunicação, um chefe de aldeia é mais poderoso do que ele. É por esta razão que o soberano se avista frequentemente com os chefes de tribos e os notáveis das suas províncias. Todavia, não procura deslumbrá-los ou inculcar-lhes ideias modernas.

Poder-se-ia julgar que Zaher Chah favorece a inércia dos

seus súbditos e a lentidão com que o país toma o caminho do progresso. Será para não violar a alma do seu povo ou garantir a estabilidade do regime? interroga-se o observador estrangeiro. Na realidade, o Rei é apanhado entre dois fogos. Por um lado, os estudantes, apoiados por certos elementos revolucionários, manifestam, por vezes, violentamente, o seu desagrado perante instituições que consideram próprias da Idade Média (choques entre o Exército e os estudantes têm provocado vários mortos). Por outro, os mullahs (sacerdotes muçulmanos) e os fanáticos religiosos, que são ainda legião, vêm periodicamente a Cabul protestar contra a mini-saia, o álcool e os botecoquins, flores mortais, segundo eles, da podridão ocidental. Acontece mesmo jovens afegãos que se atrevem a envergar trajes europeus serem atacadas com ácido sulfúrico. Se o monarca desaparecesse, o choque entre estas duas tendências seria, sem dúvida, severo, podendo conduzir a grandes alterações.

Convém acrescentar que é esta a primeira vez que surge, na história do Afeganistão, a regra de sucessão pelos indivíduos de sexo masculino na ordem de primogenitura. A tradição era um membro do clã real impor-se pela força ou através de um plebiscito. Nestas condições, é provável que qualquer membro das famílias reais, a actual ou as antigas, se considere tão habilitado como os outros a suceder ao actual soberano.

DIÁLOGO ENTRE UM PÁSSARO E UM PEIXE

Isso parece aliás confirmado pela atitude dos filhos de rei, mais preocupados, aparentemente, com a tez das louras ocidentais do que com a sua preparação para o trono. Muitos vêem no coronel Abdul Wali, chefe do exército de Cabul e, além disso, genro do soberano, o seu mais provável sucessor. O Afeganistão encontra-se então nas mãos de um homem rigoroso que não hesitou em mandar atirar sobre os estudantes revoltados.

Enquanto aguarda, sem se preocupar com o futuro incerto da sua dinastia, o rei mantém o seu país num espantoso equilíbrio entre a bandeira vermelha e a bandeira das estrelas. Terá o Presidente Nixon falado do Afeganistão a Chu En Lai e a Brejnev? Ignora-se. Mas ambas as partes devem saber que, aqui como noutros países, o auxílio estrangeiro é simultaneamente mal dado e mal recebido. As importantes verbas absorvidas pelo Afeganistão dão muitas vezes a impressão de terem sido apenas utilizadas para consolidar uma economia resolutamente voltada para o passado e dar-lhe uma aparência de progresso.

É certo que o diálogo entre mundos tão diferentes se assemelha ao de um pássaro com um peixe e que há nele o suficiente para desencorajar os mais ardentes reformistas. Estes deverão rever as velhas lições de paciência dos sábios orientais. É provável que uma revolução, socialista ou doutro



tipo, só contribuisse para fortalecer a posição já sólida de uma reacção por parte dos mullahs e dos chefes tradicionais.

Apenas uma aproximação hábil e prudente, e uma sábia lentidão baseada no conhecimento dos mitos e das superstições, poderão, um dia, conduzir o Afeganistão ao estágio de progresso cujos elementos possui agora. Foi isto talvez que Zaher Chah compreendeu, ao preferir a austeridade ao fausto do seu vizinho, o Xá do Irão. Saberá ele encontrar o seu caminho entre o Leste e o Ocidente, entre a tradição e o progresso, sem ter de passar pelo fogo e pelo sangue?

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebam-se trocas e facilita-se o pagamento. Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand. Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

A C. P. INFORMA:

CARRUAGEM-CAMAS BARREIRO-VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO E VICE-VERSA

A circulação da carruagem-camas Barreiro-Vila Real de Santo António e vice-versa é suspensa no final do corrente mês, até aviso em contrário.

Assim, as últimas datas da sua circulação, no corrente ano, serão as seguintes:

- SENTIDO BARREIRO-VILA REAL DE ST.º ANTÓNIO: Noite de 27 para 28 de Outubro
- SENTIDO VILA REAL DE ST.º ANTÓNIO-BARREIRO: Noite de 29 para 30 de Outubro

Os períodos de circulação para 1973 serão oportunamente anunciados.

LUSTRES

de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno) Tel. 77 16 39. VENDA AO PÚBLICO

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos. RUA DO GARRIDO, 73-A

A C. P. INFORMA:

SERVIÇO ESPECIAL PARA CHAVES POR OCASIÃO DA FEIRA ANUAL DOS SANTOS NOS DIAS 31 DE OUTUBRO E 1 DE NOVEMBRO DE 1972

Bilhetes especiais de IDA E VOLTA a preços reduzidos. Período de venda — de 30 de Outubro a 1 de Novembro. Validade para regresso — de 31 de Outubro a 2 de Novembro.

A C. P. vende, em todas as estações e apeadeiros desde Ermida até Fonte Nova, bilhetes especiais de IDA E VOLTA, a preços reduzidos, para a estação de CHAVES.

DESGUARNECIMENTO DE ESTAÇÕES

Na sequência das medidas de racionalização da nossa exploração ferroviária, deixam de estar guarnecidas, a partir do dia 1 de Novembro de 1972, as seguintes estações:

Mourisca-Sado, Chanceleros, Loivos, Abela, Vimieiro e Pavia.

A venda de bilhetes aos srs. passageiros embarcados nas estações acima indicadas passará, a partir daquela data, a ser feita pelo revisor em trânsito, sem qualquer aumento.

Pelo mesmo motivo, estas estações e apeadeiros deixam de receber e expedir bagagens e remessas de detalhe, continuando, porém, Abela, Vimieiro e Pavia a receber e expedir vagões completos. Para o efeito, os interessados devem dirigir-se, respectivamente, a Ermidas-Sado, Azaruja e Mora.

Também a partir de 1 de Novembro, os actuais apeadeiros de Cabeção e Santo Amaro-Veiros passam a receber e expedir vagões completos. Para o efeito, os interessados devem dirigir-se, respectivamente a Mora e Sousel.

O CENTENÁRIO DE ERNEST FOURNEAU (1872 - 1949)

DA QUÍMICA À REVOLUÇÃO TERAPEÚTICA

Por DANIEL BOVET PROFESSOR DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE ROMA
PRÉMIO NOBEL DE FISILOGIA E MEDICINA EM 1957

Em 4 de Outubro de 1872 nascia, em Biarritz, Ernest François Auguste Fourné, o fundador da química terapêutica, falecido em Ascaín em 5 de Outubro de 1949. Após os seus estudos de farmácia em Paris, ficou ao serviço da química terapêutica no Institu-

to Pasteur (de 1912 a 1944). A Academia das Ciências concedeu-lhe o prémio Berthelot (1913), o prémio Jecker e o prémio Parkin (1914), e a Academia de Medicina, o prémio Nativelle (1910). Membro de várias academias estrangeiras, tornou-se membro da Aca-

demia de Medicina em 1919 e presidente da Sociedade de Farmácia em 1931.

É difícil imaginar hoje, numa época em que se encontram, só no mercado francês, mais de onze mil especialidades farmacêuticas, na sua maioria de síntese, que a aspirina, introduzida na terapia em 1899, representa um dos primeiros remédios de larga difusão que não tem as suas origens em substâncias naturais. Em 1904, quando Ernest Fourné não tinha mais do que 32 anos, graças aos métodos químicos novos introduzidos por Grgnard, o sábio francês, através

da síntese dos amino-álcoois a que se havia dedicado, principiou por um golpe de mestre: a descoberta da estovaina, o primeiro anestésico local conhecido.

Nessa altura, acabava de regressar da Alemanha aonde, após ter obtido o seu diploma de farmacêutico em Paris, tinha ido aperfeiçoar-se junto de mestres prestigiosos como Fischer, em Berlim, Curtius, em Heidelberg, e Wilstaetter, em Munique.

Quatro anos antes, o grande químico Moreau tinha-o apresentado aos irmãos Poulenc que haviam acabado de criar em Ivry uma das primeiras in-

dústrias químicas francesas. Estes, com uma grande visão, ao confiar-lhe a direcção das investigações farmacêuticas, tinham achado conveniente enviá-lo, durante um certo tempo, especializar-se além-Reno, aonde a química de síntese estava no seu apogeu.

CONTRA O SEGREDO

É nesse momento que Fourné indica as duas linhas directrices da nova ciência que acabava de criar: o método científico, que consiste em preparar toda a série dos derivados afins a fim de compreender aonde se encontram, na molécula, os agrupamentos responsáveis pela sua acção no organismo, e o método experimental que, através de uma colaboração estreita entre os biólogos e os farmacólogos leva a seguir dia a dia a marcha das investigações até preparar o novo produto para a clínica por um estudo de equipa com clínicos e cirurgiões.

Alguns anos mais tarde, tendo participado, na sua qualidade de director das investigações da firma Poulenc, na preparação e produção do ar-

senobenzol — que era, nessa altura, o único remédio conhecido para o tratamento da sífilis — começou a considerar a descoberta de Ehrlich com a sua originalidade e a sua lucidez especial. Propondo-se prosseguir um estudo sistemático dos derivados orgânicos do arsénico, concentrou a sua atenção sobre os do arsénico pentavalente que Ehrlich havia deliberadamente posto de lado.

Foi, também neste caso, um golpe de mestre; ao mesmo tempo que se trata de um estudo químico sistemático que continua a ser, ainda hoje, um modelo de elegância e de acuidade, Fourné levou à terapia uma arma incomparável: o estovarsol, primeiro agente espirociclico, aplicado por via bucal e, na mesma série, a orsanina, tripanocida eficaz nas formas primária e secundária da doença do sono. Escreve ele: «Por volta do fim do ano de 1920, ouviu-se falar pela primeira vez, sob o nome de «205 Bayer» de um novo medicamento tripanocida. As primeiras publicações mostram que se tratava

Continua na página doze

MÁQUINAS DE ESCRIVER BROTHER

Novos modelos, veja-os nos seus agentes, e nas
« GALERIAS ROLDÃO »
Av. Almirante Reis, 13-E (Metro Intendente)

ENFERMEIRA-GERAL

Hospital próximo de Lisboa precisa enfermeira-geral com prática de organização e programação. Enviar «curriculum vitae». Ordenado legal e alimentação, além das restantes regalias legais. Resposta ao n.º 653. Guarda-se sigilo.

VENDA DE LOTES DE TERRENO PARA CONSTRUÇÃO DE MORADIAS E PRÉDIOS DE RENDIMENTO EM CASCAIS

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que em praça a realizar na Sala das Sessões dos Paços do Concelho, no dia 4 de Novembro próximo, pelas 15 horas, serão vendidos, em hasta pública, os seguintes lotes de terreno:

PARA MORADIAS DE UM OU DOIS FOGOS SOBREPOSTOS
Junto à Rua de Sant'Ana, em Cascais
(Rua A e Praceta)

Lote 14-A	com a área de 298 m ²
Lote 15-A	com a área de 278 m ²
Lote 16-A	com a área de 254 m ²
Lote 17-A	com a área de 255 m ²
Lote 18-A	com a área de 283 m ²
Lote 19-A	com a área de 308 m ²

Preço base de licitação: 600\$00 por metro quadrado

PARA PRÉDIOS DE RENDIMENTO BAIRRO DO ROSÁRIO — CENTRO CÍVICO

Lote n.º 4 com a área de 539 m² para edificação de 6 pisos com 2234 m² de área de construção, incluindo varandas ou terraços.

Preço base de licitação: 3500\$00 por metro quadrado.

Lote n.º 5 com a área de 510 m² para edificação de 8 pisos com 2972 m² de área de construção, incluindo varandas ou terraços.

Preço base de licitação: 5000\$00 por metro quadrado.

Lote n.º 6 com a área de 510 m² para edificação de 8 pisos com 3035 m² de área de construção, incluindo varandas ou terraços.

Preço base de licitação: 5000\$00 por metro quadrado.

As plantas de localização dos lotes, e as condições gerais especiais de venda encontram-se patentes no Átrio dos Paços do Concelho todos os dias úteis, dentro das horas de expediente.

As construções dos prédios de rendimento subordinar-se-ão ao estudo de implantação e volumes elaborados para o Centro Cívico do Bairro do Rosário, conforme esquemas a fornecer pela Câmara.

Cascais, 14 de Outubro de 1972.

O Presidente da Câmara,
José Guedes Pinto Machado
Eng.º Civil

VEJA OS 5 novos modelos DAS MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

CASTOR



MODELO - L618

USE skip

SÃO REALMENTE SENSACIONAIS!

Características comuns a todos os 5 modelos:

- 2 ciclos biológicos — economizador automático
- Ciclo «lá virgem»
- simplicidade de comandos
- superautomatismo absoluto
- máquinas silenciosas, sólidas e seguras.

A Venda nos Agentes Oficiais.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
RAFAEL BURGUETE, LDA. - LISBOA - PORTO

TERRENO VENDE-SE

COM CERCA DE 7000 M². MARAVILHOSA VISTA DE MAR E SERRA. EM CASCAIS.

Trata: BARAONA & BARAONA, LDA.

AV.ª VALBOM, 28-1.º — TELEF.: 280749

MEDIADOR OFICIAL CASCAIS

«MIDA»



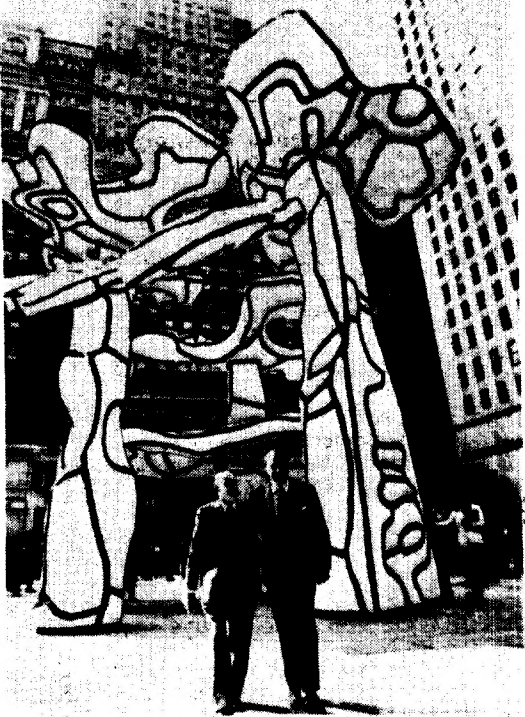
Serra circular automática
Modelos 400-500-600

UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

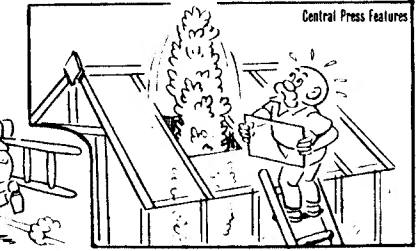
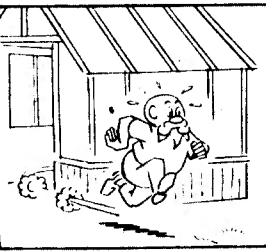
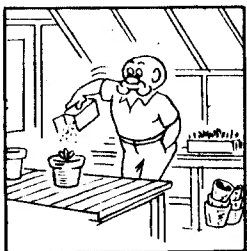
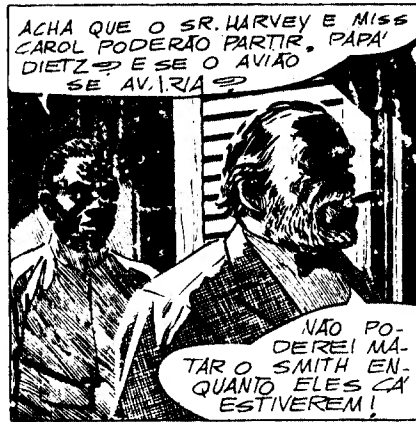
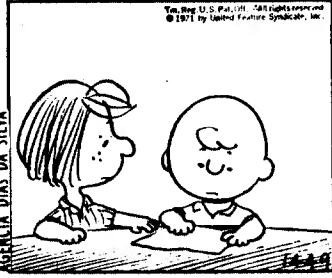
- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)



O escultor francês Jean Dubuffet (à esquerda) e David Rockefeller, o presidente do Chase Manhattan Bank, após a inauguração do monumento que o primeiro construiu na Praça Chase Manhattan Plaza em Nova York. Intitulado «Grupo de quatro árvores», o monumento assinala o 25.º aniversário de Rockefeller na Wall Street, como se sabe, a capital das finanças americanas.

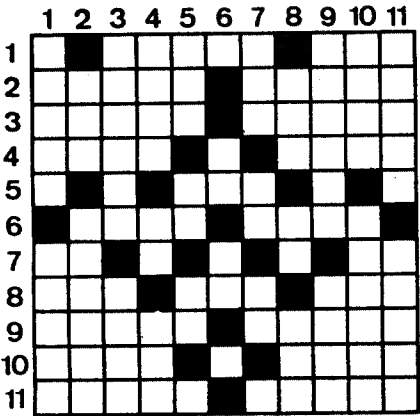


Palavras Cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 10236

HORIZONTAIS

- 1 Artigo definido. Satanás Recusa.
- 2 Nome de um peixe do Brasil. Sais frequentemente à rua.
- 3 Perder. Queimas.
- 4 Aio de D. Afonso Henriques. Quebradiço.
- 5 Possui.
- 6 Coma (Infant.). Rio do N. E. da Ásia.
- 7 Pata. Érbio (s. q.).
- 8 Cólera. Aguardente de cereais (cevada, trigo e aveia). Azáfama.
- 9 Gordura animal. Sentir alucinações.
- 10 Proibição. Indolência.
- 11 Ave trepadora. Cargas.



VERTICAIS

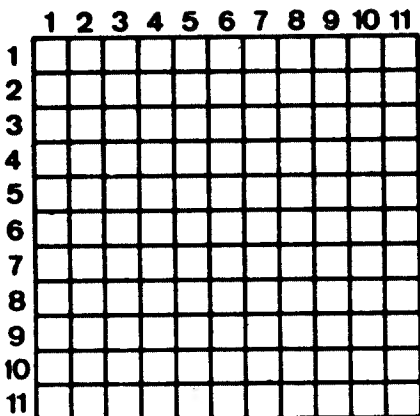
- 1 Relativo a osso. Dava pios.
- 2 Rio da Rússia. Desperdiçar.
- 3 Domesticava. Nome de mulher.
- 4 Ave pernalta das regiões quentes do Velho Mundo. Plutónio (s. q.). Igual.
- 5 Rio da Suíça. Pronome pessoal. Germânico (s. q.).
- 6 Lê. Letra grega.
- 7 Agora. Cânhamo de Manila. Ruim.
- 8 Emprega. Pronome pessoal. Costume.
- 9 Rebutou. Anéis.
- 10 Gêner (Bras.). Apuro (fig.).
- 11 Restos mortais. Inúlgares.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 6392

HORIZONTAIS

- 1 Obediente. Peso.
- 2 Cidade de Espanha. Amargo.
- 3 Bário (s. q.). Provoca. Vição.
- 4 Viscera dupla. Fileira. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
- 5 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Apelido.
- 6 Prendeis.
- 7 Preposição. Sufixo que designa abundância.
- 8 Pronome demonstrativo. O MESMO QUE ULMEIRO: (Nome de um planeta. Página. Tens.
- 9 Fazer horas, matar o tempo (gir). Guarnece de arames.
- 10 Da Arábia. Antigo funcionário dependente do meirinho, em Moçambique (pl).



VERTICAIS

- 1 Duas vezes mais. Antiga.
- 2 Árvore ornamental da família das leguminosas, cultivada em Portugal, e também conhecida por árvore-da-Judeia. (pl). Fadiga (fig.).
- 3 Cento e um em romano. Manuscrito. Prendera.
- 4 Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Pequeno barco de recreio. Prefixo que designa afastamento.
- 5 Artigo definido (ant). Em a.
- 6 Pessoa que canta muito bem (fig). Cidade de França.
- 7 Gosta muito de. Tosto. Zombar.
- 8 Batriquão. Antes do meio dia. Vila e sede de conselho (Faro).
- 9 Estampou. Apanhe (fig).
- 10 Gorgulhos tropicais. Costumes.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10235

HORIZONTAIS:

- 1 AT. BUSCAR.
- 2 Gorar. Acero.
- 3 Ural. Emes.
- 4 Arredonda.
- 5 Aam. Noiva.
- 6 Ail.
- 7 MC. Aleta. Pá.
- 8 Corgo. Essas.
- 9 Mair. Era.
- 10 Eira. Içar.
- 11 Maomé. Trará.

VERTICAIS:

- 1 Água. MMC. EM.
- 2 Torra. Comia.
- 3 Raras. Raro.
- 4 Balem. Agiam.
- 5 Ur. Alor.
- 6 FONTE.
- 7 Cá. Noites.
- 8 Acedi. As. Ir.
- 9 Remava. SECA.
- 10 Re. Parar.
- 11 Tosa. Casara.

PROVERBIO: BUSCAR ÁGUA EM FONTE SECA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6391

HORIZONTAIS:

- 1 Sová. Apar.
- 2 Ramaria.
- 3 MC. Gasta. Ai.
- 4 Aolos. Edema.
- 5 Ras. Ala.
- 6 Coo. Cio. ONU.
- 7 Há. Areia. Sr.
- 8 Irene. Tocai.
- 9 Cós. Ota.
- 10 Uras. Olmo.
- 11 Eirós. Usais.

VERTICAIS:

- 1 Ama. Chique.
- 2 Coroar. Ri.
- 3 Or. Tão. Ecar.
- 4 Vagos. Anoso.
- 5 Amas. Crés.
- 6 As. Lie.
- 7 Arte. Oito.
- 8 Piada. Aolos.
- 9 Aa. Elo. Cala.
- 10 Amansa. Mi.
- 11 Fia. Unicos.



Pode baixar o rádio. Eu não sou daquelas que gritam...

300 PROFESSORES DEBATEM A "ESCOLA ACTIVA"

PARA QUE A EDUCAÇÃO NÃO SEJA ÓPIO DO POVO

«Há quem diga que a educação é o ópio do povo» — referiu o prof. Calvet de Magalhães, no segundo colóquio da série organizada pela Escola Francisco Arruda sobre os problemas dos professores do Ciclo Preparatório e do Secundário.

participar activamente na resolução dos seus problemas e na vida da escola, pelos riscos e melin-

dres sempre possíveis.

Interviu novamente na discussão o dr. Germano Neves. Todos os problemas de preparação, estágios, reciclagem e actualização — disse — não poderão abordar-se logicamente sem estarem resolvidas as questões prévias que dizem respeito à situação legal dos professores e à definição do seu estatuto profissional. A este respeito, um dos participantes adiantou que o sentido da profissão só pode ser encontrado pelos próprios professores em livre discussão, através de um organismo representativo da classe. A objecção surgida do facto de os professores serem funcionários públicos, respondeu o prof. Calvet de Magalhães apontando precedentes: também os médicos e engenheiros podem ser funcionários do Estado, o que não os impede de se constituir em organismos profissionais (as Ordens).

No final da reunião apresentou-se o resultado de um breve inquérito aos professores presentes, que não tinha outra intenção senão apurar a maneira como os interessados encaram a sua própria actualização. Unanimemente se declara que a formação e educação permanentes constituem uma exigência insofismável da sociedade em



que vivemos. Neste caso, 49 por cento dos interrogados consideram que a formação permanente deve partir da escola para o professor, enquanto 33 por cento põem o problema ao contrário. Apesar de 55 por cento opinarem que estes cursos poderiam ser substituídos por actividades na própria escola, todos os inquiridos se declaram dispostos a frequentarem os cursos de aperfeiçoamento ou de reciclagem, cuja participação deveria ser voluntária (72%) e de

acordo com programas elaborados com o concurso dos interessados (84%). Não se espera destes cursos uma formação teórica mas o resultado de uma experiência pedagógica (73%) que segundo (35%) só seria conseguida pela dialéctica teoria-prática-teoria. Os cursos, que não deveriam ter em média mais de 15 participantes, durariam cerca de três meses, vencendo os participantes o respectivo ordenado acrescido de bolsa (dizem 60%) e, de preferência du-

rante as férias do Verão (52%). Se houvesse possibilidades de uma «licença sabática» de um ano 89% dos professores preferiam frequentar um curso sobre técnicas de ensino em vez de voltar à Universidade.

Comentando estes resultados, o dr. Germano Neves apontou algumas contradições, que em seu entender, significam da parte de certos profissionais o desconhecimento parcial dos seus direitos e real responsabilidade que lhes cabe.



lhães, no segundo colóquio da série organizada pela Escola Francisco Arruda sobre os problemas dos professores do Ciclo Preparatório e do Secundário. E o director da escola acrescentou: «acusam-nos de constituirmos uma máquina que vai preparar os alunos para serem lançados no mercado do trabalho; acusam-nos de sermos uma extensão governamental; estamos desacreditados pelo conteúdo e pelos métodos do ensino que ministramos». Citou depois estatísticas de um Congresso da UNESCO, segundo as quais a formação do indivíduo é constituída por 80 por cento de conhecimentos recolhidos dos meios de informação e de difusão, ao passo que a escola apenas fornece 20 por cento.

Outro orientador do colóquio, o dr. Germano Neves, recordou que em Portugal apenas 14 por cento dos professores são qualificados, com o exame de Estado circunstância que só por si constitui um importante óbice ao progresso da formação, tanto mais que se prevê que aquela percentagem seja ainda mais baixa em 1975. E a propósito perguntou: A habilitação científica do professor será inferior? As cadeiras pedagógicas da Universidade valorizam alguém? Serão adequados os processos e formas de trabalho dos estágios pedagógicos, que ainda há pouco eram de dois anos sem pagamento para os licenciados e, agora que já são pagos, são obrigatoriamente de um só ano para simples bacharéis?

Falou-se depois de outros condicionais que tornam desprestigiante o estatuto social do professor. E o caso dos ordenados, equivalentes aos de um chefe de expediente bancário a quem apenas se exige a habilitação do 5.º ano.

Abordou-se o problema da segurança legal dos professores, que se afigura indispensável para o rendimento do trabalho, sobretudo quando se trata de par-

DA QUÍMICA À REVOLUÇÃO TERAPÊUTICA

Continuação da página dez

de uma substância dotada de um poder triplicado excepcional (...). Que se pode saber desta substância misteriosa? O mais notável trabalho, aquele que permitia, talvez, melhor do que qualquer outro, estabelecer algumas relações entre a acção terapêutica e a constituição química, é certamente o que foi feito nos laboratórios das Farbenfabriken Bayer. Infelizmente nada foi publicado sobre estas investigações e temos de nos contentar com a modesta contribuição que demos neste caso. Diz-se que ela nos levou a estabelecer a verdadeira constituição dos 205 Bayer».

Não só, apesar do impenetrável segredo em que trabalhava a indústria alemã. Fournau, pela força do seu génio, tinha descoberto a fórmula do medicamento e o havia sintetizado, como tinha, ainda, dado o exemplo de uma grande probidade científica e moral ao publicar integralmente o desenvolvimento das suas investigações. A hegemonia alemã neste domínio da química terapêutica, ia ser assim irreparavelmente atingida.

Entretanto, em 1911, o Dr. Emile Roux, que dirigia o Instituto Pasteur, apelou para Ernest Fournau para criar ali o primeiro serviço de química terapêutica. Este aceitou com a condição de não quebrar os laços que o ligavam à indústria, base indispensável,

quanto a si, para obter matérias-primas e produtos intermédios em quantidades e a um ritmo que ultrapassava as capacidades de um laboratório de investigações.

Os anos da Grande Guerra viram Fournau, como muitos de outros seus colegas, consagrarem-se à protecção contra os gases.

Por volta dos anos 30-31, tenta ainda «desarticular» a fórmula da plasmolina, violando uma vez mais o muro de silêncio que envolvia estes produtos da Bayer e consegue o isolamento de um antipalúdico de sucesso, a rodoquina.

Pouco tempo depois, no desabrochar da sua maturidade científica, rodeado por colaboradores entusiastas, as suas investigações tomaram duas direcções diferentes que, tanto uma como outra, deviam vir a verificar-se ricas em descobertas clínicas e teóricas. Uma ia conduzir à descoberta das propriedades antibacterianas da paminosulfamida, uma verdadeira revolução terapêutica que abriu caminho aos antibióticos. Com o seu espírito profético, Fournau já havia escrito em 1925: «A quimioterapia mal acaba de deixar o berço. As modificações químicas, mesmo as mais insignificantes na aparência, elvadas às moléculas activas, têm como consequências as mais inesperadas na acção terapêutica». E, com efeito, é partindo da sulfamicocrisoidina de Domagk, e pondo em evidência a parte verdadeiramente activa

da molécula, que os colaboradores de Fournau, conduzidos pela sua boa estrela, puderam pôr em evidência a acção extraordinária da p. aminosulfamida.

A outra linha de investigação era representada pelos medicamentos do sistema nervoso vegetativo cuja origem se pode situar nos seus trabalhos sobre certos alcaloides simpáticos e naqueles sobre a efedrina e seus derivados.

A síntese levou, em 1933, aos primeiros simpáticos de síntese (Prosympal, Piperoxan), aos primeiros anti-histamínicos de síntese em 1937 e finalmente, em 1947, ao primeiro curarizante de síntese empregado em anestesiologia, o Flaxedil, ainda hoje universalmente utilizado.

O último trabalho que Fournau assinou, em colaboração com Janet, um ano antes da sua morte tem a data de 1948 e resume a história desta maravilhosa e última aventura do seu laboratório e da sua vida.

Mas a obra de um tal mestre não se limita ao passado, embora recente. Marca o futuro e é fácil de encontrar o cunho de Ernest Fournau no imenso desenvolvimento que tomaram três dos domínios por ele abertos à investigação. Em primeiro lugar a quimioterapia antiparasitária e antemicrobiana que, ao mesmo tempo que o aparecimento dos antibióticos realizou passos importantes não somente na quimioterapia antituberculosa e antileprosa, mas, também, no domínio da luta contra as bilharzioses e os vírus. Depois, os «descendentes» das sulfamidas que nos deram os antidiabéticos e os diuréticos sulfamidados. Finalmente, os medicamentos psicótropos, em desenvolvimento prodigioso, e dos quais Fournau, desde 1910, havia sintetizado o «antepassado» o antodine, um tranquilizante, menor, vizinho próximo da me-

fenesina e do meproamato.

Para além dos quadros do laboratório, os seus ensinamentos visavam, também, em prejuízo de todo o preconceito, a fazer da investigação de novos medicamentos um todo orgânico e poderoso. Em 1925, na Conferência Internacional da Química, em Bucareste, concluiu assim o seu relatório: «Se fosse permitido emitir alguns votos, parece que seria útil que todos os resultados fossem publicados, bons ou maus, fossem centralizados, e se necessário num órgão internacional, e que alguns grandes laboratórios se pusessem de acordo para estudos a empreender».

DO LABORATÓRIO À ESTÉTICA

Como muitos espíritos proféticos, Fournau foi muito mais célebre no estrangeiro do que no seu próprio país. Para isso contribuíram, talvez a independência do seu carácter e a sua profunda nobreza de sentimentos. Pouco cioso de títulos oficiais, indiferente às honrarias académicas, às vezes sem indulgência para com os maus investigadores, letrado, humanista, músico, esteta, momentaneamente até um pouco mundano, estava longe da imagem que nessa altura se fazia de sábio.

Os seus alunos mais fiéis, aos quais generosamente prodigalizou os tesouros do seu génio, deixando-lhes a fabulosa herança de um prémio No-

bel que lhe foi atribuído de direito, receberam dele ainda uma outra coisa: uma concepção original e moderna da investigação e, a par do rigor de um pensamento científico que encontra poucos equivalentes, uma espécie de amor pelo laboratório que redundou quase na estética de um mister considerado, bem mal, entre os mais austeros. No capítulo «Conselhos aos principiantes» na sua obra *Préparation des médicaments organiques* (Preparação dos medicamentos orgânicos), não afirmou ele, o mais seriamente possível: «Manter o laboratório como um salão»?

A sua vida, a exemplo da de muitos grandes espíritos, foi difícil e, por vezes, tormentosa. Embora tenha sido o sábio que desferiu os golpes mais rudes na indústria farmacêutica de além-Reno, da qual, praticamente, aniquilou a hegemonia, acusaram-no de ser germanófilo, obscurecendo, assim, os seus últimos anos. Disse-se que era céptico, quando, na verdade, não era senão exigente, às vezes até severo. Poder ter parecido desdenhoso a alguns dos seus colegas, mas era, por natureza própria, intransigente, incapaz de compromissos e á elevada conta em que tinha a investigação. Poder-se-ia dizer dele o que Montesquieu disse de si próprio: «Fui acusado de todas as maneiras: para o gibelino, era papista, para o papista, gibelino.» (Livro III, cap. XII).

mesa redonda